

Ana Sabino Moura

movimento

O comboio parte.

Partió

Com a ponta do meu pé, esmago a ponta do cigarro. Marco assim, com toda a força de que sou capaz, o ponto onde deixei a cidade. Não fui feito para partir, nunca. Começo logo a lembrar-me de todas as coisas de que me esqueci. Coisas que de repente se me afiguram como essenciais, urgentes. Aquele disco, a coleção de bichos. Posso lembrar-me de precisar da minha coleção de chá-venas de café com onças pintadas para sobreviver. Mas o momento em que me lembro delas é já demasiado tarde, e a cidade abandona-me. Se soubesse chorar, chorava. Em vez disso esmago pedaços da matéria que me acompanha entre os dedos. Na ponta dos meus dedos inicia-se um buraco negro, o maior do meu universo, e sugo pelos olhos restos desta cidade, que se precipitam no meu ventre e se abafam.

Vou dobrando com os dedos este papelito que me entretém desde a espera na estação. Ouço na minha cabeça *papelito* e soa-me ao teu sotaque castelhano. De pronto sorrio sem pensar, numa alegria espontânea e irrefletida, como se ainda estivéssemos juntos. Como se o facto de eu partir não estivesse relacionado com algo

que se partiu. *Parti*ó, dirias, nessas minúsculas diferenças que eram aquelas de que eu mais gostava. Como o meu *Fernando* que, na tua boca, perdia ferocidade e se transformava num ameno *Hernando*, por vezes com um subtil sopro entre a língua e os dentes que o aproximava do meu nome de nascença com o mesmo charme e desprendimento de um suspiro.

Não fui feito para partir, nunca. É só na partida que se reconhece a urgência das coisas. Tudo pode ficar por dizer; porquanto não se parta. Toda a angústia do não-dito, de tudo o que ficou por esclarecer, adormece na torpeza do quotidiano — mas basta um bilhete de comboio ou avião no bolso para que ela desperte, e com ela as insónias, as noites declamando ao vazio as palavras que se foram tornando ocas, por não saberem estar lá no momento certo. Partir, é um prelúdio de morrer, é prepararmo-nos para deixar para trás aquilo que edificamos. E sobretudo aquilo que não fizemos. Voltar costas ao que construímos pode acabar por tornar-se fácil, mas voltar costas ao que podíamos ter tido, deixa-nos exangues.

Sim, é isto. É tão mais difícil voltar costas ao que não tivemos. Agora que o sinto com tanta força parece-me que falávamos exatamente disto, depois de nos conhecermos. Foi incrível como nos encontrámos de novo no dia seguinte, sem nada combinar. Mostraste-me um papel que tinhas escrito nessa noite, onde contavas como sentias a nossa falta, lembras-te? E ali estávamos nós de

novo; que incrível coincidência. Rimo-nos da arrogância lusitana de pensar que poderíamos ter o monopólio da saudade — é evidente que não. Mas sabemos partir melhor do que muitos; isso é certo. A nossa história heróica baseia-se em partidas, em não olhar para trás, em avançar sem medo, em deixar mulher e filhos na praia em prantos, num desespero cheio de orgulho, na melhor das hipóteses.

Bom, «sabemos partir»... não sei. Eu claramente não sei. Talvez aqui resida parte do nosso desencontro; talvez sem querer te tenha induzido em erro. Afinal, conhecemo-nos nesse dia, depois de ter sido arrastado por dois amigos que me levaram em viagem sem rumo certo. Conheceste-me em movimento; talvez tenhas deixado de me reconhecer na minha pacatez.

Trocámos tantas palavras nesse dia seguinte, no nosso reencontro. Trocámos tantas palavras desde então. Podíamos trocar ainda tantas daqui para a frente. Não estou pronto para deixar que isso se parta. No entanto, aqui estou, a cada segundo um pouco mais distante de ti.

É lenta e longa esta viagem de comboio que nos vai afastando, e de certa forma parece-me que é assim que tem de ser. Viajo agarrado ao chão pelos carris. A velocidade é horizontal, ainda que tenhamos de admitir que, sendo a Terra redonda, até a mais austera recta se vai curvando. Movo-me, mas agarro-me também. Afasto-me, mas deixo um rasto metálico atrás de mim que me

permitiria regressar se eu quisesse — um fio de Ariadne pré-estabelecido, férreo, seguro. Ou essa é a minha ilusão.

Não a tua *ilusión*, essa palavra magnífica que me ensinaste. Uma palavra para estar confiante naquilo que estamos prestes a fazer. Acreditar-se capaz, acreditar em si mesmo. Ao ponto de ser capaz de fazer a realidade acreditar na nossa ilusão. Trocava a nossa *saudade* pela vossa *ilusión* com muito gosto. E troquei, aliás. Fui. Mas, agora, volto. Na verdade, já não tenho noção de para que lado é ir ou voltar. Vou, mas só me apetece ficar.

Agarro-me ao que posso. Agarro-me à angústia que me prende a este assento. Pergunto-me se a angústia de partir não será sobretudo uma angústia por antecipação: a verdadeira angústia está no voltar. E no saber se, ao voltar, voltamos ao mesmo. Se me custa partir, hoje, é porque sei que nunca vou poder regressar a ti, ao que temos — ao que tivemos, que ainda me custa considerar passado. Mas é um facto: o que tivemos não regressaria mais, nem que eu me pregasse ao chão ao teu lado para sempre, da mesma maneira que tentei fundir-me na estação de partida pisando um cigarro em fogo. Tu mudarias, eu mudaria; a única questão que restaria saber era se mudaríamos juntos.

Não, tu não quiseste isso. Talvez eu fosse demasiado lento nessas mudanças. Ou talvez não te tenha trazido comigo em alguma delas, sem nem reparar. Em algum momento ficámos descompassados. Por mim,

continuar a dança, improvisaria, tentaria alcançar o teu ritmo de novo mais tarde. Invocaria toda a minha *ilusión*. Para ti, não; para ti continuar era alimentar uma ilusão. Não deixa de ser curioso: tu com a minha ilusão e eu com a tua.

Enfim, cheguei — seja o que isso for. Ir, voltar. Dobro, agora com cuidado, o papel que fui esmagando e preenchendo com estas notas. Não sei bem porque as guardo; talvez pelo desejo de um dia voltar a elas, quem sabe dar-lhes a forma de uma carta que possa viajar sem eu ter de me mover. Por agora, guardo-as no bolso.

Flash

Chamo-te sem nenhum motivo, apenas para repetir o nome com que arrebatas o mundo. Arrasas, Sara. Respondes-me:

— Diz, «fufinha»?
e sorris, com ironia.

Sempre houve esse tu sobre mim (mesmo sabendo que nenhuma das duas fica por cima). Tu não és fufa, és bissexual, *et ça, c'est très chic*, último grito na moda de vestir por dentro, sinal da arrebatadora modernidade do teu ser. Fica-te bem, é verdade. E eu, simplesmente fufa, amo-te. Mas há sempre esse tu sobre mim, porque tu és vivida, charmosa, tens esse ar sagaz, ris macabramente e bebes e fumas muito. Já foste à aventura, assim, de comboio, muitas vezes, com muita gente.

Agora, vim eu contigo. Na verdade, não gosto muito deste tipo de viagens sem rumo certo — mas sabia que enquanto o comboio andasse tu estarias quieta ao meu lado, não podias fugir. Assim, estamos as duas em movimento, prendo-te a mim na nossa fuga. Não acredito que isto dure muito tempo, sou mais uma aventura para ti. Talvez saias na próxima paragem e vás atrás de

alguém que preencha o grande vazio que tens por dentro.

Espantaste-te quando te disse que não tinha grande vontade de partir,

— Deves andar à procura de alguma coisa diferente, toda a gente anda;

mas eu não sinto esse vazio, talvez porque sempre tive muita relutância em permitir que alguém abrisse um espaço dentro de mim.

Respondes-me com um deitar de língua para fora, querendo com esse gesto chamar-me careta, sem graça. Mas a tua língua nunca deixará de me despertar outras sensações, mesmo quando simbolicamente me agride. Respondo-te também com a minha língua para fora, querendo com isso iniciar uma conversa. E sim, ela estabelece-se, com mais humor e menos lascívia do que eu gostaria. Uma língua, outra língua, uma carantonha, um risinho contido, um repuxar dos olhos e uma gargalhada solta. Uma gargalhada pura, despertada pelo humor mais inocente, respondendo não a uma ironia fina e inteligente mas a um simples gesto do rosto. Como que regressando às gargalhadas primordiais, que faríamos, quando bebés, perante o abebézamento dos adultos que nos tentavam fazer rir. Uma gargalhada-troféu, com o brilho de uma recém-peneirada pepita de ouro pura.

Tornou-se para mim evidente que era absolutamente vital capturar aquela cena. Abri a máquina fotográfica como quem abre a boca com vontade de abocanhar, o

obturador essa boca aberta, e porque não como outros orifícios que abrimos, perante coisas de que gostamos e que desejamos. Sim, havia também um enorme desejo físico nessa vontade de guardar aquele riso, como clímax da conversa das nossas línguas, num instante só meu.

Mas a tecnologia não tem lascívia, nem pudor, nem tacto. Assim que pressiono aquele botão o raciocínio da máquina avalia não a urgência de capturar aquele momento fugidio, mas a quantidade de luz disponível, e abre não uma boca sorvente mas sim um *flash*, uma luz disparada contra a cena, que inunda toda a carruagem num clarão de susto. Na fotografia, apenas resquícios quase imperceptíveis daquele sorriso, e um grande clarão branco, devolvido pela vidraça da janela, assim se fazendo parede opaca e não vidro translúcido.

Esse clarão teve o efeito exatamente contrário ao pretendido: ao invés de prolongar aquele momento ao infinito terminou-o de forma abrupta, fez cessar qualquer tipo de conversa entre nós e instalou de novo o rame-rame do comboio como música de fundo, substituindo algo que era só nosso pela evidência da nossa profunda falta de intimidade. Num instante, tudo esmorece.

Os olhares dispersam-se em todas as direções como estilhaços, o silêncio torna-se cortante, os contornos e os odores de tudo o que nos envolve tornam-se de repente mais evidentes, mais agudos. Esforças-te por te reunir de novo, vejo-o. Bocejas, não sei bem se de verdade ou

se fingindo. Começas a aninhar-te, recolhes-te, fechas os olhos e aproximaste um pouco mais de mim; primeiro a cabeça no ombro, logo cedendo à gravidade.

Agora, repousas e dormes no meu colo, a tua cabeça em cima das minhas coxas, o cocuruto gentilmente pressionando a minha púbis, à qual acorre um ligeiro calor; um calor refreado, esforçando-se por acolher, mais do que desejar.

Enquanto tento que o raciocínio corra mais rápido do que o desejo ocorre-me que neste comboio em movimento estamos ambas paradas; se ele travasse de repente seríamos projetadas em alta velocidade para a frente. É a isso que se chama um acidente: uma brusca paragem de um movimento contínuo, esperado, previsível, constante; uma simples paragem que é capaz de estilhaçar tudo em sua volta. As consequências são os destroços, a mutilação ou até mesmo a morte: a súbita paragem de circulação de sangue que faz com que tudo o resto que é nosso e que nós somos, pare. Somos projetados violentamente para a morte assim que o sangue pára. Este clarão assassinou o momento, impediu-o de continuar. Tenho pena mas reconheço: foi veleidade minha achar que conseguia eternizar aquele momento. Mas devo reconhecer também: foi essa paragem brusca que te trouxe para o meu colo. Talvez tenha valido a pena.

Afago-te o cabelo com um sentido de direito e de propriedade; dorme querida Sara. Este teu cabelo longo

caído em ondas sobre as minhas coxas, um cabelo que não te denuncia, ao contrário do meu. Dorme, querida Sara, para que eu possa ter-te aqui, imóvel sobre mim, mais um pouco. Para que eu possa recolher e analisar cada uma das marcas do teu rosto, lhes possa reconstituir a história uma a uma. Quem as fez, quem as cuidou, quem as viu, quem as decorou, quem sente a falta de cada uma delas? Serei soberana sobre todas, como se fossem minhas posses; ninguém as saberá melhor do que eu. Quando me deixares — porque é certo que o farás — só eu saberei reconstituí-las. Ficarão bem guardadas comigo; dorme, querida Sara. Não cedas a esse bocejo, espreguiça-te mais tarde.

Entreabres as pálpebras, sorris, emites um som que está simultaneamente acima e abaixo de toda a linguagem. E mostras a língua de novo, retomando a velha conversa como que por milagre. A sensação de preciosidade é tão grande para mim que não consigo reagir de imediato. Já tu, de forma surpreendente e espontânea, ris, ris estrondosamente, vibrando no meu colo, fazendo-me rir também. A mim, e à criança dois bancos à frente, que te imita lançando a língua para fora. A mãe dela entra na gargalhada, e a tia, ou quem as acompanha, e de repente o riso espalha-se aqui e ali por toda a carruagem como um inevitável contágio, até no rosto daquele tipo que vem desde o início com um ar tão angustiado, a dobrar e desdobrar papéis nas mãos nervosas. Sorris, agora, de

olhos fechados, serena e atenta; vê-se que te apercebes da tua influência no teu entorno, e que isso te satisfaz. Saboreias e deixas esse efeito esmorecer aos poucos. Abres então completamente os olhos virados para mim, já sem vibrar nas minhas coxas, enquadrada por uma moldura de cabelos nos meus joelhos.

— Já chegámos?

— Não, ainda falta... Dorme mais um pouco.

Tarde demais; já partiste.

C'est le voyage qui nous fait

Querida Birgit,

Eu sei que prometi (tu obrigaste-me) mas, olha, não vou voltar.

A carta é só para te dizer isso; pelo menos assim não precisas de ficar semanas à espera. Amanhã já podes ir à procura de alguém para te aconchegar os pés. Combinado?

Hoje encontrei um homem que meteu conversa comigo no comboio, um tipo nervoso que não parava com as mãos quietas, sempre a mexericar em alguma coisa. Contei-lhe donde vinha, e de ti, e da estupidez de ter chorado. O tipo tinha um ar tristonho, mas pensava na vida, via-se, e eu gosto de pessoas assim, que não andem por aí a dormir. Que pensam sobre o que fazem e ~~pelo~~ ~~que passam~~ no que ~~se passa com~~ passa por elas.

Falava devagar — como se fosse um livro. Disse-me alguma coisa sobre angústia, que agora não recordo ao certo; mas na minha cabeça ficou a ideia de que é impossível voltar àquilo que deixámos. E eu pensei: sim, foi só por isso que chorei quando te deixei na estação. Não

sou de chorar, nada disso. Mas sabia que depois de te deixar uma vez não seria capaz de voltar. Aos mesmos sítios, aos mesmos hábitos, a ti; não é por tua causa, mas nunca fui capaz disso. Prometi-te na mesma... porque sim, porque achei que era isso de que estavas à espera para parar de chorar tu primeiro.

Li uma vez, numa parede de uma das cidades: «*Parfois, on a l'impression de faire un voyage et c'est le voyage qui nous fait.*»¹ Voltei a esta frase, a esta frase voltei várias vezes. Parecia que não a queria largar. Ela estava escrita entre aspas, na parede — quando a frase ali chegou, já era de outra pessoa. Quando finalmente me fartei de lá voltar, percebi que não a podia deixar simplesmente porque era parte de mim. Reescrevi a frase palavra por palavra, letra por letra, por cima do que estava escrito, e assinei:

Pablo.

Era eu, ali, naquela parede; e depois de saber disso pude partir de novo.

Lembro-me agora dessa frase porque foi das únicas coisas que me custou tanto deixar quanto a ti. Desculpa, reduzir-te a palavras. Mas ao menos as palavras eu podia dobrar, amassar, levar no bolso. Não me acompanharam à estação sem que eu o pedisse. Eu tinha dito que ia sozinho, que ficava bem. Porque vieste comigo?

¹ «Por vezes, temos a impressão de fazer uma viagem e é a viagem que nos faz.»

Nunca escrevi cartas a ninguém enquanto andei de viagem, que como sabes, é desde sempre para mim. Se te escrevo esta é para ser cruel, para que saibas que não volto. Devo querer massacrar-te com isso. Não sei. Não quero saber.

Estou a caminho de casa. Depois de pensar «não consigo voltar a ti», pensei «acho que já consigo voltar a casa». Quando me senti chorar na estação senti falta de dizer à mãe que estou bem. Mexeste demais comigo para que possa voltar a ti, e tenho até a impressão de que tu és aquilo de que sempre andei a fugir nestas viagens. E, no entanto, fui encontrar-te no local mais longínquo onde elas me levaram. Ou talvez seja o mais longínquo porque, depois de ti, iniciei finalmente algum tipo de regresso. Uma coisa está sempre no último lugar onde a procuramos: quando a encontramos, deixamos de procurar.

Não precisavas de me ter trazido; há anos que não preciso que ninguém o faça.

Não sei bem o que vou fazer a casa, mas acho que os velhotes vão gostar, eles não guardam ressentimentos. O meu pai vai olhar para os meus braços à procura de marcas de seringas, mas já era assim quando estava lá em casa. Eles não percebem, veem um miúdo a divertir-se e pensam logo que anda nas drogas duras. Lá vai a minha mãe outra vez vir com os beijos pegajosos. Ou será que já está demasiado velha para o fazer? De qualquer maneira,

por alguma razão, acho que já estou pronto para isso outra vez. Vou. Volto.

A ti é que não, não posso voltar. Ouve, não leves a mal, foste só mais uma. OK? Devia ter-te dito isto logo, antes de sair de tua casa. Só uma boa temporada, nada mais. Foi muito simpático teres-me dado abrigo. Vou sentir falta dos teus cozinhados, e do cheiro do café acabado de fazer quando depois da noite dormia até tarde.

És uma querida.

Não cheguei a perceber porque paraste de viajar. Por exemplo, numa das cidades onde estiveste ensinaram-te essa forma de fazer o café. Mas sabes lá o que podias aprender no país ao lado? Nada, eu não vou parar, volto a casa porque me parece que isso neste momento é mais uma viagem. É engraçado: esta era aquela viagem que estava sempre fora do mapa, que nunca ia fazer, e agora parece só mais uma como as outras.

Agora quem está fora do mapa és tu, e Budapeste.

Não devias ter-me levado à estação.

Continuo a carregar esta maldita carta, que me pesa nos bolsos. Não sei porque não a consigo largar por aí, atirá-la para um baldio.

Faz-me lembrar uma cena que uma vez vi e da qual me lembro de vez em quando: era um homem a caminhar pela rua com um caixote de cartão enorme. Tropeçava em cada pedra do caminho. Zurrava em cada

parede. Esbarrava-se contra cada pessoa. Lembro-me de pensar que há coisas que não nos permitem que nos movamos; então, agarramo-nos a elas. Nem sempre estamos dispostos a mover-nos ou a ser movidos. Mas na altura queria fixar tudo em aforismos, em instantâneos, numa espécie de sabedoria condensada que se pudesse agarrar e seguir viagem. Agora prefiro deixar-me apenas andar no comboio, embalado no seu movimento contínuo. Aprendi: fixar é uma ilusão. O que se escreve num papel não é imutável. Pelo contrário, escrever é pôr em movimento. É permitir a viagem do pensamento para fora de nós, por caminhos imprevisíveis.

Olha: neste momento o comboio passa por uma quinta, duas ovelhas escondem-se do sol debaixo da sombra de uma árvore. Elas sabem, elas sabem tudo. Sabem que daqui a pouco terão de se mexer um pouco mais para lá, se se quiserem manter na sombra. Sabem que no inverno aquela árvore não dará sombra, ou talvez se esqueçam disso precisamente porque nessa altura já não precisam dela. A sincronia é perfeita. Nada pára; eu apenas não quero parar também.

Mesmo dentro do comboio, ainda há pouco me cruzei com esse tipo de que te falei. Também ele já partiu; não ficou até ao fim da viagem, ou foi até ao bar. Não adianta tentar fixar as caras de quem me acompanha; amanhã já não estarão aqui — nem eles, nem eu.

Uma mulher esconde o rosto, olha para fora, talvez chore. E isso o que importa? Não chorará para sempre; olha, vês? Já está a secar os olhos. Não vês, claro que não; não seguiste viagem comigo. Mas porque me acompanhaste à estação?

Volto a pensar naquela frase: o que será mesmo que estas viagens fizeram comigo? As viagens que eu julguei que fazia? O que me fizeram elas para além de me fazerem *para* elas?

Não sei o que me fizeram elas assim como não sei o que me fizeste tu. Não sei o que pense, não sei o que digo. Não sei como terminar esta carta. Talvez seja isso: talvez deva permitir que não pare; uma viagem sem fim.

Saio do comboio, cuspo para o chão — hábito horrível, mas sai-me naturalmente. Amasso os pedaços de papel em que te escrevo, numa bola que em nada se parece com uma esfera. A carta que nunca termina. Hesito com o braço, ensaio o gesto de a arremessar para longe. E volto a guardá-la no bolso.

Echar de menos

Os echo de menos. Es increíble. ¿Como se echa de menos a alguien con quien hemos estado un par de horas? Además, alguien que probablemente nunca volveré a ver. Quizás sea por eso, por no saber si os volveré a ver. Porque sois intangibles, y porque os escribo como si de alguna forma me pudieran leer, aunque sepa que no. Pero sí que habría forma. Me imagino entrando en vuestro albergue, preguntando por los tres, cuyos nombres recuerdo mentalmente invocando la misma mesa donde os conocí y apuntando con el dedo: Fernando, Miguel y Manuel. Los que habían llegado de coche ayer mismo, seguro que alguien os conocería.

Echar de menos a alguien que conocí brevemente me hace plantear la hipótesis de echar de menos a alguien que no he conocido del todo. Por lo menos, todavía. Sí, se podría echar de menos a una persona así, basándose una en la ansiedad de ver llegar el día en el que se pueda borrar ese *todavía*. Echar de menos no será más que esa ansiedad del día en el que volveremos a tener algo que perdimos; aunque a veces puede ser que ese día no llegue nunca.

Así siendo, puedo decir que también echo de menos al tío que no conocí, porque os estaba conociendo a vosotros, y no sentirme culpable. Si así fuera, si pudiera echar de menos a ese alguien terriblemente perdido por vuestra culpa, no os echaría de menos a vosotros. O, por lo menos, no tanto. Me imagino rompiendo por vuestro albergue adentro, preguntando por Fernando, Miguel, Manuel (alguien les habría de conocer), y gritando con vosotros con los ojos inchados. ¿Donde está? ¿Donde está el tío que he perdido? Le echo de menos.

Pero cuando lloro, en este sueño, vosotros me venís a secar las lágrimas, y a calmarme, y con vosotros me quedo, y con vosotros me siento bien. No vale de nada: os echo de menos igual.

Así que, si quiero echar de menos a alguna cosa, no podría sustituiros por ese alguien desconocido. Si al menos hubiera dicho «no» a esa copa de vino, no me plantearía tales cosas. Antes de conoceros sabía bien lo que echaba de menos. Algún u otro amigo, cuando estoy lejos. Los tiempos de niñez, de no saber lo que hacer con el helado derretido que resbala por la muñeca, y quedar mirándolo.

Pero ahora, si bien veo las cosas (secando las lágrimas yo misma antes que todo), veo que no echo de menos exactamente a vosotros, o tampoco a la noche concreta en la que nos conocimos. No estoy segura, pero creo que echo de menos a las otras noches que podríamos haber

pasado juntos, esa oportunidad que me habéis ofrecido, sin decirlo, entre dos copas de vino, de lanzarme al coche y deciros: «Seguid, ahora yo con vosotros»; o, si el «¡Que no!, ¿Estás loca?» ya venía pronto, al menos intentarlo. A esa posibilidad, a ella le echo de menos.²

2 Tenho saudades vossas. É incrível. Como é possível sentir falta de alguém com quem se esteve por um par de horas? Além do mais, alguém que provavelmente nunca voltarei a ver. Talvez seja por isso, porque não sei se voltarei a ver-vos. Porque são intangíveis, e porque vos escrevo como se de alguma forma me pudessem ler, mesmo sabendo que não. Mas sim, haveria uma forma. Imagino-me a entrar no vosso albergue, perguntando pelos três, cujos nomes recordo invocando mentalmente a mesa onde vos conheci e apontando com o dedo: Fernando, Miguel e Manuel. Aqueles que chegaram de carro ontem mesmo, com certeza alguém vos conheceria.

Ter saudades de alguém que conheci brevemente faz-me ponderar a hipótese de ter saudades de alguém que não conheço, de todo. Pelo menos ainda. Sim, poderia sentir-se a falta de tal pessoa, baseando-nos na ansiedade de ver chegar o dia em que se pudesse apagar esse ainda. A saudade nada mais será do que ansiar pelo dia em que voltaremos a ter algo que perdemos; embora às vezes esse dia possa não chegar nunca.

Sendo assim, posso dizer que também sinto falta do tipo que não conheci, porque vos estava a conhecer a vocês, e não me sentir culpada. Se assim fosse, se eu pudesse ter saudades daquele alguém terrivelmente perdido por vossa causa, eu não sentiria saudades vossas. Ou, pelo menos, não tanto. Imagino-me a entrar de rompante pelo vosso albergue dentro, perguntando pelo Fernando, Miguel, Manuel (alguém haveria de vos conhecer), e gritar convosco com os olhos inchados. Onde está? Onde está o tipo que eu perdi? Tenho saudades dele.

Mas quando choro, neste sonho, vocês vêm secar-me as lágrimas, e acalmar-me, e eu fico convosco, e convosco eu sinto-me bem. Não adianta de nada: tenho saudades vossas na mesma.

Sendo assim, se quiser ter saudades de alguma coisa, não poderia substituir-vos por esse alguém desconhecido. Se ao menos eu tivesse dito «não» àquele copo de vinho, não contemplaria tais hipóteses. Antes de vos conhecer sabia bem do que sentia falta. Algum amigo ou

«Aqui tens, Fernando», disse pausadamente, esforçando-me para ferrar o lábio com a ponta dos dentes, e assim produzir o som exato com que os teus pais te trouxeram ao mundo. Foi aquilo que escrevi no dia em que vos conheci, em que te conheci. Ainda te lembravas dele? Tirei-o do bolso no dia seguinte, quando nos cruzámos por acaso, para que acreditasses que verdadeiramente tinha ganas de me juntar à vossa viagem e como era para mim um milagre rever-te. Lembro-me bem desse momento; de ficar ao teu lado observando os teus olhos seguirem cada linha de texto, esperando que acabasses com enorme expectativa, para poder voltar a falar contigo. Pela minha cabeça passavam dezenas de hipóteses de reação tuas, de possíveis futuras consequências daquela partilha, mas nunca me ocorreu o que de facto se passou.

Dobrate o papel precipitadamente, deixando-me na dúvida sobre se aquilo que te motivava era pressa ou desrespeito, olhaste-me com os olhos vidrados e

outro, quando estou longe. Os tempos da infância, de não saber o que fazer com o gelado derretido que escorre pelo pulso, e ficar a olhar para ele.

Mas agora, se bem vejo as coisas (enxugando as minhas lágrimas eu mesma antes que tudo), vejo que não tenho exatamente saudades vossas, ou da noite em que nos conhecemos. Não tenho a certeza, mas acho que sinto falta das outras noites que poderíamos ter passado juntos, daquela oportunidade que vocês me ofereceram, sem o dizer, entre dois copos de vinho, de entrar no carro e dizer: «vamos, agora eu também convosco»; ou, se o «claro que não! Estás louca?» já estaria prestes a sair, pelo menos tentá-lo. Dessa possibilidade, dela eu tenho saudades.

agarraste-me pela mão, prendendo-a. E nunca mais a soltaste. E tão pouco me devolveste o meu papel; tive de ser eu a resgatá-lo quando, mais tarde, começámos a viver juntos.

Agora, pediste-mo de volta, como se fosse teu. E talvez seja. Pelo simples facto de que precisas de te agarrar a ele mais do que eu.

Quando o escrevi saiu de mim, como um filho. Mesmo um filho não seria teu, tão pouco — são sempre mais deles mesmos, ou do mundo, se preferires —, mas tu guardas essa ilusão de maneira mais forte do que eu. Sempre te apeteceu prender as coisas de que gostavas. Penso nas flores que me oferecias com tanta frequência — e que eu a partir de certo ponto aceitava apenas por educação, esforçando um sorriso, com pena das pobres flores, condenadas a morrer em tão pouco tempo, e no trabalho que me dariam antes disso. Convidei-te a partilhares comigo a minha casa; e logo a encheste de flores prestes a murchar e de quinquilharias, algumas delas permanentemente desarrumadas, como se não se conseguissem conter dentro das caixas por muito tempo e precisassem de respirar um pouco antes de voltarem à sua clausura. Sabias contar a história de cada um desses objetos; isso era incrível e sempre foi a parte que mais me interessava neles. Por mim, ficaria com as histórias; já tu, precisavas das coisas, como se fossem chaves para a história, sem as quais não conseguirias entrar.

Mas reparo: penso nas tuas coisas já que não posso pensar nas minhas; essas foram sendo deitadas fora ao longo do tempo. Sempre preferi o espaço que elas deixam às coisas em si. Talvez devesse ter previsto tudo isto logo, quando espreitei pela janela e te vi chegar a casa com as mãos cheias de caixotes, que te esforçavas para trazer do carro estacionado para dentro, zurrando e tropeçando em todas as paredes e pessoas pelo caminho. Já era notório: eu preciso de libertar o espaço; tu, de preencher o espaço. Encheste a casa com coisas; encheste os silêncios com histórias sobre as coisas. Não havia papel que não preenchesses, desde blocos de notas às palavras cruzadas. Em cada quadrado, sua letra; e assim os quadrados brancos desapareciam e daquela composição simétrica, límpida e perfeita restavam, desordenados e sem elegância, quadrados negros e rabiscos.

Agora, levaste as tuas coisas. Mas o pó ainda desenha a memória de cada objeto, cada caixa. Já não é espaço, como antes da tua chegada; é memória. Ao olhar para a mesa vazia, não vou facilmente esquecer-me de me lembrar dos objetos que sempre a ocupavam, por preguiça tua, e que eu insistentemente remetia para as tuas caixas. Tu, querendo ocupar o meu espaço. Eu, querendo remeter-te para as tuas caixas.

Sim, podes guardar o teu papel. Saiu do meu bolso naquele dia; estou disposta a admitir que o lancei ao mundo.

Partiste, num comboio que a cada segundo te afasta um pouco mais de mim. E essa partida foi algo ponderado, desejado, por mim. Mas sem te aperceberes deixas atrás de ti um rasto, um fio, um cordão umbilical. A potência desta nossa ligação assusta-me. Não quero sequer pensar se será ela a responsável por esta necessidade de te afastar, de recuperar o meu espaço, num momento em que o meu ser foi totalmente invadido por ti. Em que caixa cabe isto, Fernando? Não me parece que seja coisa que se dobre e se carregue no bolso.

Sim, admitamos; quem sabe se não foi precisamente num momento em que as possibilidades me pareceram cortadas que te empurrei para fora. Preciso de espaço, de liberdade, para me sentir segura. Se me prendem, só penso em fugir. Se me dão espaço, fico. Não me ocupes o espaço, Fernando, não me cortes as possibilidades, não tomes todas as decisões de forma definitiva. Não consigo respirar assim. Que fizemos nós, Fernando? Em que momento me deixei prender?

Toma, guarda o teu papel. Se não o guardares tu, eu não sei o que lhe faça.

Vento

O cigarro apaga-se. O sorriso alastra e marca o ponto onde deixei a cidade. O comboio parte.

Sempre me fez impressão o momento de partida do comboio, principalmente quando entro um pouco antes da hora de partida, me deixo estar quieta por uns momentos, e de repente sinto os bancos da estação, os relógios, as pessoas, depois de repousarem comigo, desatarem a correr e deixarem-me só (a sua alma?). A partir daí o comboio não pára. A cidade, ruas, apeadeiros, crianças, gestos, janelas, lixos, vultos, cães, e eu aqui parada; Vou à casa de banho. Um cabelo preso no secador de mãos remexe-se freneticamente. Fumo outro cigarro, aqui, às escondidas. Fico a ver o fumo esquivar-se, contorcer-se, burlar-se do ar.

Volto ao meu lugar, ao meu lugar marcado, e abandono aí o meu corpo; enquanto ele descansa eu parto em viagem para sítios mais longínquos que o meu, embora tenha a impressão de que esse me persegue. Custa-me mesmo, ao andar de comboio, que não se sinta o vento deste movimento. Algo que se soltasse, que me soltasse. Não deixa de ser curiosa aquela expressão que se usa:

ela é uma *agarrada*. Quem a emprega vê alguém que não se consegue libertar de uma substância. Esquecendo que, precisamente, essa substância é usada para escapar, fugir, conquistar algum espaço de liberdade.

Nesta parte da viagem vê-se o mar, ainda me lembro. Faz-me sempre lembrar o Verão e uma praia onde costumava abandonar-me, também, nas areias, à espera que as ondas esvoaçassem sobre mim e me derretessem. Lembro-me de sentir que o seu ritmo era o meu ritmo. À medida que as ondas batiam na praia e se escorriam na areia, o meu coração pulsava e o meu próprio sangue se escorria. Se bem me lembro, nessa altura estava bem comigo mesma.

Era uma praia muito grande e quase deserta. Eu estendia os braços na areia e ficava a ouvir o mar. Fazia isso todos os anos. Todos os anos voltava àquela praia, e recordava o ano passado. No ano passado (que só passados muitos anos me apercebi estar já a mais de um ano de distância) tinha conhecido ali mesmo um rapaz que mudara a minha vida. A minha memória disso obedecia a dois tempos diferentes. Por um lado, aquele foi o ano zero para mim; o ano em que nasci, o princípio dos tempos em que me senti verdadeiramente viva. Por outro, enquanto não reencontrasse aquele rapaz não sentia os anos passar; aquele era sempre o ano passado.

No ano passado dormi uma noite na praia. Ele estava lá, mas no fundo também está aqui, nunca mais

nos largámos, se calhar exatamente porque nunca nos chegámos a tocar. Aquilo que não alcançámos é, tantas vezes, aquilo a que mais nos apegamos. Aquilo que mais carregamos na nossa viagem para adiante.

É bonito e ao mesmo tempo triste: pouco me lembro já desse rapaz. Mas hoje percebo: arrasto-o comigo por toda a parte, junto com mais uns quantos. Um belo ramalhete de rastos (ou de rostos): uns gravados em forma de carícias, outros tantos como frases, estados de espírito, risadas. Grão a grão, fui-me fazendo destes homens que me tocaram. A cada arrufo entre o mar e a areia, um grão novo se forma, uma esquina de búzio é afinada, um acerto ou desacerto se vai formando, em contínuo, a cada novo encontro. Sempre precisei de um novo encontro, sempre procurei uma outra maré. Fui feita para partir, sempre. Deixar o vento do norte levar carapaças velhas e partir de novo, levando apenas o essencial. Mostrar-me de novo, conhecer de novo, re-conhecer-me. Todos estes homens me refizeram. Ano após ano. «Quem és tu?». De cada vez que ouvimos essa pergunta, renovamo-nos. Ou temos essa oportunidade, pelo menos. Como as estações se sucedem, eu volto a precisar dessa renovação. Como as estações se sucedem, tu voltas. Um tu em forma de quem seja. Não é isso também um vício? Não seriam eles também substâncias que me alteravam, de forma simultaneamente familiar e imprevisível? Que me libertavam do que já se passou?

Uma mulher à minha frente lê a previsão da sua novela favorita. Mais tarde, ela fará esta viagem de volta. Passará por este mesmo sítio exatamente. E talvez sorria ao rever as pilhas de tijolos pintadas pelo acaso de um balde de tinta em queda, como não sorriu quando as viu. E por mais que eu sinta que ando, ando, ando ou corro, ela continua sempre lá, estática, no banco à frente, ainda que num outro tempo, reagindo às coisas de ontem. Que pensamentos a ocupam?

Um comboio cruza-se do outro lado da linha. Tento pensar que não, aquelas pessoas não estão a ir em direcção à minha loucura.

Há muito tempo que fiquei sozinha, se desconsiderarmos essas companhias pontuais, e porque não fazê-lo. Dizem-me ao ouvido, às vezes, que foi por causa do meu vício, que choraram muito mas tinha de ser. Não estavam a chorar, também, os do outro comboio? Não me lembro muito bem de nenhum vício. Não me lembro ou esqueci-me; se calhar tanto faz. Só me recordo de um dia sentir uma estranha necessidade disto, de uma órbita à volta de um centro; lembro-me de dar voltas sobre mim mesma num quarto demasiado iluminado.

Lembro-me que caí; sei que caí, sinto que caí. Ainda a ver tudo à roda, recordei infâncias que talvez fossem minhas; um carrossel. Num carrossel, os cavalos estão parados ou movem-se sem parar? Estão parados e movem-se sem parar. Como eu. Como as rodas interligadas

de um comboio, inseparáveis do seu trilho — presas e livres; em sintonia e em fuga.

Dirigi-me a uma estação e esforcei-me por escolher a rota mais rotunda possível. Infelizmente, nunca ninguém se tinha lembrado que alguém pudesse ter esta necessidade. Todos os caminhos foram traçados no mapa a régua e esquadro — ignorando que é o compasso que desenha toda a geometria humana, e que, sendo redonda a forma da Terra, até a mais austera recta se vai curvando.

Quando dei a segunda volta ao mesmo eixo já me sentia embalada no movimento estéril de que sentia falta. Talvez sentisse isto porque nunca vi telenovelas, nem nunca as tentei prever. Na verdade, sempre tive um misto de estranhamento e fascínio pela ideia de estar imóvel a ver as coisas a passar à minha frente, Jorge abriu aquela porta, devo correr e espreitar para ver se Rosa já está escondida, oh não, Rosa está à minha frente; mas Jorge não a vê. A câmara move-se por mim, tenta adivinhar a expectativa da minha mente, e não a perspectiva do meu corpo. Nem o corpo, nem a mente, nem os olhos eu precisei de mexer.

Agora, estes olhos, num banco mais à frente e voltados para mim, cativam-me... Dois olhos azuis tentam fixar a paisagem, mas estes olhos remexem-se, olhem, estão mais loucos do que eu, rio-me, eles correm, correm! Busca, azul, outro azul do lado de fora. Não consigo

parar de rir, mas os olhos que dançavam fixam-se em mim; Parei de rir.

Das poucas vezes que me tento lembrar do tal vício, vem-me a ideia de que me percorria as veias, mas de que me servia um tal vício se o sangue em si já está viciado, estou a senti-lo saciado, saciando-se sempre na mesma fonte, inexoravelmente, o meu corpo não lhe permite a ressaca, ou talvez não sinta ressaca porque o sangue não geme.

Outro comboio passa na linha que acompanha a minha. Não eram fantasmas aqueles, os que seguiam em direção à minha loucura. Mas choravam?

O barulho de unhas a bater na mesa do banco ao lado quebrou o vidro do meu olhar. Batiam a um ritmo perfeito, mas descompassadas comigo. Desde os tempos daquela praia que não ouvi nem senti ninguém ao meu ritmo, nem sequer no sexo, como sonhava nas noites quentes da minha pequenez. Se calhar cresci demais, estou realmente demasiado alta, demasiado magra.

O comboio parou numa estação e sei, sinto, que está outro comboio ao nosso lado. Espreito, a medo, no momento em que as pessoas que esse comboio me trouxe arrancam agarradas aos bancos outra vez. Olho para a minha carruagem e já não vejo ninguém; talvez o outro comboio as tenha levado também. De qualquer maneira, fui aprendendo que isto significa que chegámos; que eu cheguei. Mas cheguei onde se não me sinto quieta em

lado nenhum, se não vejo o horizonte por aqui? Nunca encontro o que procuro, ou essa é uma sensação que não me larga, que trago sempre comigo.

É um sítio bonito, este. Um conjunto de casas pequenas e pitorescas, iluminadas por um forte candeeiro. Ao lado, a sombra, o escuro, umas ruínas de casa, lixo. Gosto do contraste. O candeeiro ilumina-me o caderno que me acompanha na viagem. Talvez leia tudo outra vez.

Thérèse

Abriu os olhos às duas da manhã e não os fechou mais. Bebeu chá, viu televisão, olhou para o teto. Sobretudo, desfez e refez as malas umas cinco vezes, numa tentativa de traçar planos mais ousados do que aquele que começaria assim que o táxi chegasse àquele *lobby* de hotel. *Check out* feito, só restava esperar. Via através do vidro as crianças olhando para trás, com o braço esticado na direcção de uma mão adulta que as puxava para a frente, os carros que passavam em coreografias sem pauta nem orquestra, e toda a azáfama das pessoas para quem o dia tinha acabado de começar. Pouco mais de cinco horas depois do princípio da sua insónia, de malas nas mãos, observando pela janela a rotina do dia, finalmente sentia todo o sono do mundo.

Quando o táxi chegou, abandonou-se no banco de trás e fechou os olhos para enfim descansar. Mas, por trás das suas pálpebras, continuava a ver todas aquelas coisas por que passava — a velhinha que encontrava todas as manhãs saindo da padaria com um saco na mão, a esquina onde embatera num desconhecido e deixara cair as malas que trazia consigo, as árvores, os pássaros,

os muros, e todas as coisas que passavam por si e que se recusava a olhar por uma última vez. Nunca sabia se partia ou se chegava. Para todas as coisas que deixava para trás, havia as coisas que iria reencontrar, e a cada viagem, essa proporção ficava mais estranhamente equilibrada.

Acordou no terminal e fez os trâmites em piloto automático. Quando deu por si já estava no assento do avião, onde dormiu de modo exemplar, sem nem tocar na comida. Acordou a meio de uma turbulência, com um homem que a tocava delicadamente, com um passaporte nas mãos: «Acho que você deixou cair isto».

Pensou sobre como eram sempre coisas pequenas que a despertavam para a realidade da sua vida, como daquela vez em que, dirigindo-se ao hotel, revirava a sua carteira procurando as chaves de casa, para apenas encontrar nela a constatação e a lembrança de que naquele país, naquele momento, não tinha uma casa. O hotel era a sua morada, e o hotel é um lugar quase público, onde não é necessária chave — não uma casa. Mais um lugar de passagem do que de permanência. Ou de permanência apenas de passagem.

A cena de receber o documento que atestava a sua própria identidade das mãos de um desconhecido funcionou de novo como um estalo, e obrigou-a a relembrar para si mesma o que fazia num voo internacional naquela quarta-feira de agosto, recebendo em mãos o seu passaporte como se se tratasse de uma validação da sua

existência. Abriu-o e inspeccionou os carimbos que se acumulavam: Japão, Chile, Canadá, Austrália, Turquia. Na primeira página, a insígnia da república francesa. E, naquela quarta-feira, ao aterrar, era aí que chegava. Era o seu trabalho — o trabalho!, claro que sim, o trabalho, repetiu para si mesma — que a levava a saltar entre um sítio e outro. E sorriu pensando que de facto fazia o que gostava, e o quanto isso lhe enchia o espírito. A dança, o uso do corpo com toda a graça possível, era aquilo que a fazia sentir-se completamente livre — liberta, solta, em pleno voo — e ao mesmo tempo completamente encerrada em si mesma, totalmente dentro de si — plena, presente, e portanto, de certa forma, imóvel e serena.

Sabia bem que não se conseguiria lembrar de muitos detalhes de todos estes países, mas fez um esforço para recordar, pelo menos, alguma característica do palco que tinha pisado em cada um deles. Em algum deles poderia ter deixado o artefacto que agora buscava. E pensava para consigo mesma como era um plano tão elementar, este, o de voltar a viajar para recuperar um mero objeto. Não se lembrava sequer de onde o tinha perdido. Foi em Istambul que pela primeira vez sentiu a sua falta, mas achou que poderia tê-lo perdido há mais tempo. Pensava que dançava sempre com ele, mas quantas vezes teria ela dançado sem ele, já, sem sequer notar? Em viagem, as referências iam-lhe escapando, e já não se lembrava com precisão de quando ou onde foi que determinado

evento aconteceu. Poderia tê-lo perdido há anos, e só agora ter dado conta. Poderia continuar a dançar por anos sem ele, mas estupidamente sentia por demais a sua falta. Sentia-se demasiado leve, os seus movimentos quase imperceptivelmente descoordenados.

«Trata-se de um pequeno broche, dourado, mas não de ouro», tentava explicar ao zelador da sua casa em Paris. Antes de começar qualquer odisséia atrás do pequeno adereço, julgou prudente ver se não teria caído pelas escadas da área comum do prédio onde vivia sempre que ali podia retornar. O facto de não ter valor nenhum tornou mais fácil que o objeto se perdesse sem deixar qualquer registo. Algo valioso ainda poderia cair nas mãos de um samaritano, alguém que o guardasse com carinho, mas um broche com formato de um botão de roupa, dourado falso e até meio desgastado, poderia ser varrido para qualquer lixeira e esquecido com facilidade.

Não foi presente de nenhum admirador, não era relíquia de infância e tampouco era algo cujo desenho elegante tivesse alto poder de sedução. Era insólito na forma: um botão de roupa não muito grande, mas com uma espessura demasiado grossa para um verdadeiro botão, o que o tornava estranho também para um alfinete. Durante o tempo em que esteve preso ao *maillot* de sua dona, ele não a ajudou efetivamente a dançar melhor. Porém, com o passar dos meses sem conseguir dançar à altura dos seus critérios, perdendo pouco a pouco a

graça do movimento malgrado o dobro de empenho investido nos ensaios, a bailarina francesa resolvera ir atrás do tal broche perdido, como se ele fosse restaurar um delicadíssimo equilíbrio, inventando assim uma superstição retroativa.

O vizinho do andar da frente também não o tinha visto. Era um idoso simpático, que vivia naquele prédio há muitos anos, e que ela conhecia desde o primeiro dia em que se tinha mudado para ali. Ele tinha-a ajudado a orientar-se no bairro naquelas coisas mais mundanas: onde comprar um bom pão, onde deixar uma saia a arranjar, quem consertaria a janela partida. Hoje abriu-lhe a porta como se ela nunca tivesse deixado de ali viver, como se ainda ontem se tivessem cruzado, e respondeu modestamente que não, não tinha visto nada parecido. Monsieur Beaumont fechou a porta com um ar intrigado, pensando fixamente num objeto dourado, pequeno mas pesado para o seu tamanho, um botão que se prendia à roupa por meio de um alfinete.

Na verdade, foi com algum prazer que a bailarina teve a notícia de que o botão ainda não tinha sido encontrado. Algo que lhe fazia tanta falta não poderia ser encontrado tão facilmente.

Precisamente porque era tão especial, e a hipótese de o reencontrar tão remota, tinha começado por simplesmente aprender a viver sem ele. Mas quanto mais tentava, mais a sua ausência se tornava insinuante. De

repente, deu por si a pensar num mero objecto que à partida tinha considerado sem importância a um ritmo diário. Que absurdo!, pensava, enquanto architectava diferentes formas de curar aquela minúscula insanidade. Por absurdo que parecesse, não só o objecto tinha desaparecido, como, mais importante do que isso, ele tinha deixado atrás de si um lastro de ausência, uma necessidade latente de algo. Algo que só ele poderia suprimir? Thérèse recusava-se a pensar que sim, por um lado dada a evidente condição de objecto, por definição inoperante, por outro lado dada a inescapável dificuldade em o reencontrar. Recusava deixar-se abater pela falta de algo que jamais bateria na sua porta, numa tarde de domingo, para a rever.

Tentando outra abordagem, dedicou-se a procurar um outro botão semelhante. Facilmente poderia colar um alfinete a qualquer botão, e assim reconstituir um objeto similar. Escolheu uma hora bonita da tarde, num desses dias parisienses de sol cálido e luz fraterna. Passeou-se pelo *quartier*, parou em frente de uma retrosaria antiga que sempre admirava quando por ali passava e deteve-se em frente da montra. No vidro, vagamente espelhado pelo reflexo do sol, viu um casal de jovens que caminhavam por trás de si de mãos dadas. Viu uma mãe apressando os filhos para saírem do caminho dos carros, admirou o grupo de idosos que caminhavam lentos e paravam para recuperar o fôlego e poder conversar. Estava

tudo certo. E para lá do vidro, por trás desse teatro da vida, as fileiras de botões alinhavam-se, aprumados, organizados metodicamente por cores, tamanhos e feitios, procurando manter a sua dignidade ao lado dos alfinetes, os colchetes e os fechos-*éclair*.

A retrosaria é dessas lojas onde se entra já com algum sentido de resignação. Não importa quão comum seja o modelo do botão perdido, nunca é a mesma coisa. Nem mesmo a cor das linhas — feitas em escala industrial, supostamente imutáveis a despeito do estado do tecido que venham a remendar — permanece. Como se o estabelecimento, seja por excesso de poeira, superproteção ou exposição ao sol dos seus produtos, tivesse sempre uma aura de tentativa vã, de aproximação, de remendo. Thérèse adorava remendos — gostava de verdade dos reparos toscos. Lamentava ter escolhido a sua carreira de bailarina tão cedo, uma dessas profissões que tornam íntegra infância e vida adulta, que demanda tanto dos dias a ponto de lhes dar continuidade estóica. Não existem armarinhos cheios de botões avulsos no mundo do *ballet*: remendos são inaceitáveis. Ao entrar na retrosaria, sabia que subtilmente se desafiava a si própria, naquele dia de sol.

Apontou para um botão de olhos fechados, confiando no acaso. Pagou-o e saiu pela porta, procurando manter algum tipo de transe solene. Mas, infelizmente, nada naquele acto lhe pareceu ter um efeito mágico. O botão

estava substituído, é certo; mas não a sua aura, de todo. Saiu para a rua com o pensamento acinzentado, nessa prostração perante a vida e a sua graça, a sua magia, que tem temperamento felino e nunca responde quando o chamam: apenas salta para o nosso colo quando lhe apetece. Apesar do suposto sucesso da sua missão, saiu tão enublada por este pesado sentimento de frustração que quase nem reparou em alguém que lhe acenava do outro lado da rua. Era um antigo colega, alguém com quem tinha estudado dança há muito tempo atrás. Era um bom bailarino, mas de longe não tinha alcançado todo o sucesso de Thérèse, cuja carreira se tinha catapultado depois desse curso. Cumprimentou-o a contragosto e seguiu o seu caminho até casa.

Ia caminhando e pensando nos remendos que não se admitem na sua carreira. Tinha orgulho em ter sempre seguido uma linha recta na dança, equilibrando-se na corda bamba do seu percurso, não desdizendo os movimentos fluidos que a caracterizavam. A bailarina sempre tinha tido um plano, e sempre se tinha esforçado por mantê-lo a todo o custo. Foi isso mesmo que a levou até ao lugar em que se encontrava no dia de hoje — era bem sucedida, tinha o que se pode chamar de fama, o seu trabalho não só a sustentava como a satisfazia plenamente. Mas sempre se questionava o que teria sido de si mesma se se tivesse permitido o luxo de se desviar da sua rota, mesmo que por instantes. Ah, mas não; nem um passo em falso.

Mal chegou a casa o telefone tocou. «Mas, não toca nunca!», murmurou, e logo depois se deparou com o ridículo dessa suposição: ela é que nunca estava em casa. O telefone bem que podia ter tocado meses a fio; do outro lado do planeta, sempre ocupada em espetáculos ou ensaios, ela não o poderia ouvir. Era o bailarino com quem se tinha cruzado há pouco, que ainda guardava o seu antigo contacto. Tinha um projeto novo e gostaria de partilhá-lo com ela, saber a sua opinião, que respeitava dado o mediático sucesso de Thérèse. «Algo sem importância», disse ele, «mas mesmo assim gostaria de saber o que acha». «Venha, sim», respondeu ela sem pensar, e pôs água a ferver para um chá. O amigo, ansioso por poder ter a opinião da respeitada colega, não se fez demorar. Thérèse estava ainda a escolher o chá e já a campanha soava. Serviu duas chávenas e os dois aproximaram-se da janela. O ar estava um pouco abafado, mas isso encantava Thérèse, que já não se lembrava de como era bonito este Verão seco e vibrante em Paris. O colega descreveu a ideia do projeto em traços gerais, enquanto ela olhava fixamente um corvo que debicava alguma coisa no passeio em frente. Na verdade, a ideia era interessante. Ela acabou por apenas aconselhar que ele fosse persistente e firme nos seus ideais, e seguisse em frente. Meia hora depois, os dois já desciam de novo no elevador — ela saía também, para comprar algo com que preencher a despensa. Elevadores são sempre

espaços restritivos e constrangedores, e com alguém tão intenso quanto Thérèse dentro de um, e dentro dos seus pensamentos ainda acinzentados, mais ainda. O bailarino, sem querer quebrar essa circunspeção da bailarina, olhava-se ao espelho. «Veja aqui, Thérèse». Ela olhou para o topo da camisa, que ele ajeitava, e para a qual ele lhe chamava a atenção. «Acho que meu botão está a desprender-se». «Pode ajudar-me a arrancá-lo, para não o perder?». Thérèse, sem sequer responder, fixou os seus olhos vidrados naquele colarinho, puxou o fio que prendia o botão à sua camisa progenitora, soltou-o, e ficou a olhar para aquele pequeníssimo botão branco com ar alucinado. «Obrigado», respondeu o amigo; tirou-o das mãos da bailarina, e guardou-o no bolso.

Aprender a dançar

Não deixa de ser irónico, querer sentar-me no sofá a ver vídeos para aprender a dançar. Vamos, Andreia, levanta-me esse rabo e faz como a senhora do vídeo. Um, dois, três, e... um, dois três quatro, para cima, um dois três quatro... Ah, não, volta para o sofá. A Marisa já acordou, daqui a pouco passa aqui de pijama para ir buscar o pequeno-almoço. Nunca me sinto à vontade para dançar com mais alguém na sala, e no quarto não tenho espaço. Talvez conseguisse mais espaço se desmontasse a secretária, mas para isso teria de arrumar os livros do semestre anterior... Noutra dia. Ia fazer isso ontem, mas acabámos por ficar até tarde a jogar ao STOP. Ainda ali estão os papéis: Canadá, Caracas, carambola, caneta, cotovelo; vá lá, não está mau. A última secção, das partes do corpo, é aquela que desperta as risadas. Fico sempre atrapalhada quando sou eu a dizer o abecedário para escolher a letra. A partir do momento em que digo «A», bem alto, fico espedada a olhar para quem está à minha frente, à espera que digam STOP, e honestamente não sei quantas vezes me enganei a contar e acabei por dizer que tinha parado numa letra à sorte. Mas gosto da parte

que vem a seguir, do raciocínio rápido. País: Portugal, cidade: Paris, fruta: papaia, objeto: pneu. Parte do corpo: gargalhadas. E mais um *shot*. Dói-me a cabeça. Mas apetecia-me dançar, mexer o corpo. Estou há demasiado tempo parada, falta-me o ar assim.

Por agora, sofá. E a verdade é que até sinto que aprendo de verdade, mesmo assim, quando estou parada. Mas é melhor pôr um vídeo de um espetáculo de dança para ver, em vez dos tutoriais. Há coisas magníficas, é impressionante como se podem ver todos os espetáculos a partir da nossa sala. E ainda melhor, se calhar. Podemos ver um concerto de música clássica de chinelos, a comer batatas fritas, e a fazer piadas acerca do maestro que, despenteado, parece estar sempre desconcertado em relação à música. Nunca percebi bem; estão a reagir à pauta uns segundos à frente? Que doidice que deve ser. Parece mais fácil do que é, de certeza.

Olha, é esta bailarina que eu gostei da outra vez, de novo. Que bonita, que graça nos movimentos. É a coreógrafa deste grupo, já os conheço. É realmente fantástica.

— Onde estão os cereais?

— Já acabaram!

Sim, eu sei que temos de ir ao supermercado, mas sinceramente não vou ser eu a ir outra vez. Caramba, que vá ela, que perca o medo. Que vá e que me deixe dançar enquanto lá está. Estamos aqui as duas fechadas há demasiado tempo. Sinto falta de sair, de passear na

rua. Mas, se não fosse esta quarentena forçada há tanto tempo, talvez também nunca tivesse sentido esta vontade de dançar. E que bem que me sabe: mover o corpo, ver mover o corpo.

O corpo que me chama para ir à casa de banho; mas espera, vou pôr o vídeo em *pause*, está muito bom mesmo. Que giro, pareceu-me que acabei de ver alguma coisa a cintilar nesta bailarina. Faria parte do espetáculo? Acho que não, não tinha reparado até aqui. Deixa-me voltar para trás devagar. Mais um bocadinho... sim, aqui mesmo. Uma coisinha dourada presa no *maillot*, no dela apenas, de nenhuma outra. Não consigo perceber o que é. Brilha como uma pepita de ouro pura. Que bonita esta imagem parada, desta bailarina que brilha, suspensa em pleno movimento.

Louise

Louise guardava as cordas num estojo de couro preto, com duas alças e um fecho dourado. Um fecho em forma de botão que, contudo, não fechava como um botão, mas sim por magnetismo. Um detalhe certamente *kitsch* numa malinha encontrada numa feira de velharias — um pequeno achado. Tinha o tamanho certo, tinha um ar misterioso. Era perfeito.

Louise insistia para que se usassem as suas cordas. Pelo menos algumas delas — a surpresa, o inesperado, deixar que as coisas ficassem fora do seu controlo, também faziam parte do jogo. Quando chegava o momento em que era usada uma das suas cordas isso trazia à flor da sua pele uma presença vagamente familiar, um afago vindo de longe que de certa forma contrabalançava a acção por elas executada. Era difícil de explicar. Louise não tentava explicar, enquanto, com o seu estojo preto misterioso ao lado da sua mala com as coisas que se esperam encontrar numa mala, apanhava o metro a caminho de mais uma *performance*.

Olhava em volta todas aquelas pessoas envolvidas no seu movimento estéril, de lá para cá no seu dia-a-dia, um

ir e vir cotidiano, sem fim, eternamente regressando, sem saber bem ao quê. Apalpava com as mãos o saco pousado sobre as suas coxas, sabendo que ali transportava um segredo para a liberdade que toda aquela gente ignorava. Sim, liberdade. Nunca se sentia tão livre como quando se submetia voluntariamente àquela restrição de movimentos, quando tinha os seus movimentos cingidos por alguém. Esse alguém tornava-se assim totalmente responsável por ela; passava a ser a pessoa a quem ela entregava, com consentimento, o seu corpo e a sua vida.

Louise praticava *Shibari*, a «bonita arte das cordas», há pouco mais de um ano. Mas aquilo já se tinha tornado um modo de vida. Ou talvez se estivesse a tornar nisso lentamente. Não se identificava, de todo, ou ainda, com a cultura sado-masoquista onde habitualmente aquela prática se insere. Nunca tinha pensado muito na questão da dominação *versus* submissão, mas sabia dizer sem hesitar em qual papel se sentia bem: o de ser atada, ser presa. Se lho pedissem, não saberia fazer um nó sequer. Já se tinha esquecido de como tinha estabelecido contacto com esta prática, mas nunca se esquecerá da primeira vez em que sentiu o raspar simultaneamente áspero e macio de uma corda de cânhamo roçando pela sua pele, num gesto enérgico de segurar que lhe permitiu soltar todo o peso que carregava sobre os ombros.

Pensando em peso: Louise começava agora a praticar a suspensão com as cordas, e estava extremamente

orgulhosa por isso. Um atestar da sua progressão, um «linda menina, estás a ir bem; és dedicada, mereces mais, mereces ir mais longe». A *performance* de hoje era precisamente uma suspensão: o seu corpo seria não apenas atado mas também suspenso por essas mesmas cordas em algum suporte instalado para o efeito, no tecto. E isso era tudo o que Louise sabia, pois o resto seria decidido por quem iria tomar conta do seu corpo; talvez com algum planeamento, talvez seguindo a sua vontade momentânea, talvez observando o que o corpo de Louise lhe sugeria. Não importava. Para Louise, o sonho da suspensão era suficiente: saber que daqui a pouco tempo estaria totalmente segura no ar, sem sentir o contacto com o chão. Plenamente livre, portanto.

Enquanto um passageiro que viajava em pé se segurava com uma das mãos ao suporte junto ao tecto da carruagem, Louise estudava o seu balanço — a combinação da gravidade com a inércia que emprestava ao movimento daquele passageiro uma graça de dança. Mesmo que involuntária; mesmo que tudo o que ele pretendesse fosse manter-se em pé perante aquelas duas forças universais. Louise reconheceu-se naquele abandono de si mesmo perante forças maiores do que a sua. Fechou os olhos por uns instantes e suspirou por aquele abandono.

Era, de facto, difícil de explicar todo o lado emocional envolvido naquela prática. Recusava-se a vê-la meramente como uma prática sexual (mais uma vez, como

era vulgarmente etiquetada). Era-lhe impossível considerá-la como isso: não havia, nestas *performances* com público, corpos nus, muito menos ainda qualquer tipo de penetração. Mas sim, era um ato amoroso; não raro ela era coberta de beijos pelo corpo todo antes e durante a atuação. Isto sim: Louise sabia que aquela prática era fortemente sensual. Excitante, sem dúvida, de uma maneira muito particular. Mas, sobretudo, sensual no sentido de pertencer ao campo das sensações, de despertar sensações. De se permitir sentir, sentir algo inesperado, insólito, exótico, inusitado, ou simplesmente demasiado complexo para ser reduzido a palavras simples.

Para começar, havia esse lado subterrâneo, de algo de certa forma oculto, proibido. E isso trazia-lhe uma mistura indescritível de vergonha e orgulho. Sim, orgulho. Louise viajava extremamente feliz porque daqui a pouco, quando entrasse no estúdio ao qual se dirigia, se despiria no palco improvisado até ficar apenas de *maillot* preto de decote sugestivo, deixariam entrar o pouco público que teria o privilégio de assistir, e seria atada e pendurada por cordas até deixar de sentir o seu corpo como seu. Era, afinal, um espectáculo.

Mas a vergonha não deixava de fazer parte; um certo sentimento de inferioridade, que lhe fazia sentir as cordas como algo merecido. Louise nunca tinha sido o centro das atenções. Menina tímida, um emprego sem graça, namorados poucos, que geralmente a tratavam

como se não tivesse o direito a existir. Por isso, sim, orgulho, por estar ali e dar o seu corpo a ver, exatamente nesta posição que sempre a caracterizou, a da invisibilidade, mas assumindo-a como uma virtude. Louise tinha, de facto, um corpo bonito, elegante e fino, não musculado, como o de um gato esguio e preguiçoso, que dava gosto apreciar.

Muitas vezes exibia-se de olhos vendados, a depender da vontade de quem a atasse; a ela tanto lhe fazia. As sensações eram diferentes, claro. Sem a venda podia observar quem a atava, cruzar olhares se o entendesse, ou fechar os olhos se quisesse. Mas gostava de indagar com os olhos qual seria o próximo passo. Nesses casos a expectativa antecipava a sensação. Por vezes a expectativa era confirmada, gerando algum tipo de conforto; por vezes Louise era surpreendida, gerando uma excitação de outro tipo. Com a venda sentia-se mais isolada, mais indefesa. Mas isso não era mau, era bom; numa dessas misturas de sentimentos que passaram a fazer sentido para Louise quando descobriu o *Shibari*, como se de repente pudesse assumir as suas mais ínfimas contradições, tornando-as válidas; quase *valiosas* até. Mais indefesa e mais sozinha, cada toque das mãos ou das cordas era forçosamente uma surpresa e um momento de contacto absolutamente pleno de sensações. Sim, o sentido do tacto ficava enaltecido, claro. Sim, talvez Louise preferisse os olhos vendados. Mas na verdade o que preferia

mesmo era não controlar nada disso, não ter de tomar essa decisão. Hoje, como seria?

A sua estação era a próxima: Oberkampf. Louise levantou-se agarrando o saco das cordas não pela alça mas pelo saco em si, com as mãos em forma de garra, segurando as cordas no seu interior com toda a energia. Fez os trâmites habituais, passou pela catraca, emergiu numa tarde cálida de fim de inverno em Paris. O estúdio, que na sua vivência menos obscura era também um estúdio fotográfico, ficava a poucos metros, numa rua secundária; a entrada era pelas traseiras.

Louise tocou à campainha e olhou para ambos os lados; pouco importava quem a via ou não subir, mas esse gesto activava dentro de si uma certa aura de mistério que lhe agradava convocar.

O aquecimento que antecedia o espectáculo não era bem o que se esperaria antes de uma *performance* corporal: uma chávena de chá, servida numa pequena taça japonesa e bebida em frente à janela, observando as sombras e as luzes no passeio em frente. O estúdio pertencia à própria mulher que a iria atar daí a não muitos minutos. Sim, uma mulher; embora Louise nunca se tivesse interessado sexualmente por mulheres. Sim, era uma prática sensual e não sexual. Louise não a conhecia há muito tempo, mas gostava da firmeza dos seus gestos e sentia por ela uma confiança tácita, fruto da relação que entre elas ali se estabelecia.

Não eram precisos preliminares propriamente ditos. Aquele acolhimento de certa forma reminescente do ritual do chá bastava para instaurar alguma cerimônia no ar, uma solenidade que funcionava como um espartilho, que obriga o corpo a mover-se de uma certa maneira específica, em princípio mais elegante.

Louise e *Noir Désir*, nome de palco do seu par naquela noite, entraram então no compartimento sem janelas do estúdio fotográfico. Cada uma dispôs as cordas num mesmo lugar, olhando para elas e aguçando o olhar, com expressões de apetite e gula.

Olhando para a parede negra, Louise foi-se despiendo peça por peça, vagarosamente, enquanto a campainha se fazia ouvir e a porta se ia abrindo, deixando entrar ora pequenos grupos de duas ou três pessoas, ora pessoas solitárias. Louise ouvia-os despir os casacos de inverno no *hall* de entrada. *Noir Désir* espreita então pela porta, vê que Louise já se encontra de *maillot*, retirando agora a última das meias, e pergunta-lhe com o olhar se está pronta. Obtendo como resposta um sinal afirmativo, dá ordem para que entrem, passando ela mesma pela porta em primeiro lugar, com a coluna ereta, dirigindo-se ao palanque que servia de palco com passos vigorosos.

O público foi entrando como de costume: de forma silenciosa e reverente, como se penetrassem numa celebração oculta, mas com uma evidente sensação de prazer, de privilégio por estarem prestes a presenciar algo único.

Sorrisos tímidos, cabeças baixas, respirações profundas, gestos contidos.

Entretanto as duas mulheres tinham já ocupado o seu lugar no centro do palco. Louise e — como era mesmo o seu nome? Sempre que se lembrava dela, Louise pensava no seu nome de palco, mesmo sabendo que esse não era aquele com que chamaria por ela, se, em algum momento, lhe tivesse de pedir socorro ou liberdade — estavam sentadas no chão, negro tal como as paredes em sua volta, de pernas cruzadas, Louise sendo abraçada, ambas voltadas para quem entra. Louise semicerrava os olhos baixos e discernia apenas as pernas que entravam. Pelo canto do olho, distinguia o seu estojo preto, ainda que camuflado no preto da parede de fundo. Nela, destacava-se claramente um botão dourado, refulgindo ao lado das cordas como uma pepita de ouro pura no leito profundo de um rio.

As duas mulheres abraçam-se; Cibelle agarra Louise com as pernas também. Beija-a no pescoço, na nuca, nos ombros. Com um gesto repentino, puxa-lhe o cabelo — e beija-lhe também a garganta, as escápulas, as clavículas. Para Louise, isto significa que começou. Perdeu o controlo do seu corpo, está à mercê de uma mulher a quem chama *Noir Désir*. Louise deixa cair a cabeça para trás, pousando-a nos ombros de quem a segura com todo o seu corpo, e fita com os olhos abertos mas esquecidos o tecto pontilhado por focos de luz.

Continua a sentir os beijos, mas sente agora também a surpresa de um toque sedoso que, apesar de agradável, é inesperado; aguardava com entusiasmo o toque ligeiramente áspero das cordas. Cibelle trazia consigo uma fita de cetim, que faz passar no pescoço de Louise. Não há qualquer aperto nesse gesto, mas internamente Louise sente calarem-se as vozes que durante todo o dia lhe pedem, exigem ou repreendem. Cibelle faz agora passar a fita pela boca de Louise, e nesse segundo silenciam-se também os gritos que Louise reprime perante as vozes que lhe pedem, exigem ou repreendem. Mas mais uma vez não há aperto, a fita não se demora. Cibelle passa então a fita por cima dos olhos de Louise, que, apesar de nesse momento estar já de olhos fechados, percebe que se abre ali um refúgio para os seus sentidos. Cibelle aperta a fita com um gesto enérgico, que repuxa dois ou três cabelos de Louise, causando-lhe agradáveis arrepios. Mas há algo no toque daquele falso cetim que a incomoda. Uma textura melosa, plástica, de alguma forma artificial. Mas talvez seja por excesso de sensações, agora que tem os olhos vendados. Ou porque, na verdade, era outra sensação que esperava.

Tudo fica ao mesmo tempo mais intenso e mais disperso. Sobretudo, entra nela mais uma dessas misturas de sentimentos que Louise deixou de tentar explicar, quando percebeu que o prazer e a dor podem conviver, desde que consentidos. No exato momento em que

percebe que está presa, que os seus movimentos estão prestes a ser cortados, que o seu corpo está entregue nas mãos de outra pessoa, sente cada uma das suas fibras contrair e, ao mesmo tempo, relaxar.

Entrega-se totalmente a esse estado de espírito, e deixa de sentir com rigor cada um dos nós que vão envolvendo o seu corpo; tudo flui e tudo é estático ao mesmo tempo. É atada nos pulsos, nos tornozelos, no peito, numa das coxas. Vendada, é mais difícil para si distinguir se as cordas são as suas — mas, nesse momento, não se preocupa com isso. Sente os ombros presos e ao mesmo tempo libertos de tensão. Pelo meio, vai ouvindo as cordas, depois de serem puxadas em cada nó vagaroso, caírem e pesarem sobre o solo com um barulho solene. *Cltac!* Todos os seus sentidos estão aguçados. *Cltac!* E, após cada estalido, um pouco mais de segurança — mais um nó, mais um aperto, mais liberdade. Segurança, liberdade. A sensação de liberdade que vem com a ausência de medo, com a confiança. A sensação de liberdade quando todas as escolhas já foram feitas, e apenas seguimos, sem hesitações, sem a responsabilidade de um «e se...». Será liberdade o nome dessa emoção? A sensação era essa. Louise podia soltar-se a si mesma quando era presa.

Sente-se, finalmente, ser içada; chegou esse momento glorioso que Louise tanto esperava. Mas, contra a sua expectativa, não fica totalmente solta do chão; a ponta do seu pé esquerdo mantém ainda algum contacto com

o solo. O seu joelho e coxa direita alçam-se para o alto, enquanto o pé esquerdo teima em manter aquela réstia de contacto, um equilíbrio instável, que a obriga não a uma imobilidade segura, mas a um esforço contínuo e periclitante. Não esperava isso, embora já o tivesse visto em vídeos de outras *performances* mais tradicionais. Esse meio termo incomoda-a um pouco, o seu pé desejava também ele soltar-se, mas Louise tenta sentir o lado bom desse incómodo também. Não o encontra. Espera pacientemente que em algum momento a pessoa a quem se entregou a levante totalmente do solo, deixando-a por fim plenamente liberta, solta do mundo terreno, solta do seu corpo, em pleno voo. *Noir Désir* demora mais do que Louise gostaria, mas acaba por entender o seu desejo. Segura-lhe a perna com os braços; faz deslizar uma corda por entre o dedo grande e médio do seu pé esquerdo. É incrível como o nosso corpo está todo ele interligado; Louise sente o roçar daquela corda naquele ponto tão sensível no ponto mais alto da sua coluna. A sensação é, agora, e finalmente, muito agradável. Sente-se segura de novo. Recorda-se de porque é que está ali — para ter sensações como aquela. E é com essa corda habilmente cruzada pelo seu corpo que, finalmente, é içada por completo.

Louise não tem percepção já de como é que está atada; não foi guardando memória de si mesma durante o processo — e talvez certas partes do seu corpo estejam

já um pouco dormentes. Mas sente-se bela. Afinal, todo o seu corpo se transformou numa escultura nas mãos de quem ama aquela arte. Pareceu-lhe que foi um sentimento de orgulho por parte da autora daquela escultura viva que a fez impulsionar Louise de forma a girar sobre si mesma. Isso entontece-a ligeiramente, mas esforça-se por se manter firme na sua clausura e preservar esse motivo de orgulho. Percebe que foi bem sucedida quando *Noir Désir* a agarra, lhe beija a boca e retira a venda; um inequívoco sinal de «linda menina». Feliz, orgulhosa no seu cativeiro, mesmo sabendo que o seu poder de sedução está tão limitado quanto os seus movimentos, Louise não esquece que está diante de uma plateia e dirige um olhar que mistura abandono e lascívia para as poucas pessoas que assistem.

Nesse instante, o seu olhar cruza-se com o de um homem ligeiramente calvo, cujas feições não reconhece à primeira. Mas alguma coisa lampeja na sua memória. De uma forma simultaneamente agradável e desagradável; uma faísca repentina, um *flash* eminente, um clarão de susto. Louise fecha os olhos instintivamente e, nesse momento, Cibelle fá-la girar de novo. Louise não esperava isto, de todo; quando se imaginava totalmente pendurada era a ausência de peso e de presença que desejava; aquela rotação sem fim contraria totalmente a sua expectativa e o seu desejo. Contava ser imobilizada — não iniciar um movimento perpétuo. Enquanto sente

a sua cabeça à roda, atada, completamente presa e agora um pouco enjoada, Louise recorda-se de tudo com toda a nitidez, como se tivesse despertado de um sonho e acordado num qualquer dia da sua infância. O seu grande amor de criança, o rapaz com quem sonhava quando ainda não sabia o que era sonhar com rapazes; com quem trocara um poema, um beijo e um anel de improviso, para logo depois descobrirem que na verdade não gostavam da companhia um do outro e se separarem com algum sentimento de nojo. Sim, era ele; a idade tornara-o diferente, é certo, mas era ele.

Louise, de corpo atado, sente agora uma vergonha infinita. E de repente tudo se torna mais claro para ela: aquele ato de submissão era, na verdade, um ato de emancipação. No momento em que é violentamente remetida para a sua infância, custa-lhe horrores sentir-se presa. Deixa de sentir qualquer tipo de prazer em ser forçada à imobilidade, em ser-lhe retirada a possibilidade de se mover — algo que ainda há pouco desejava com tanto ardor. Sim, Louise já se arrancou da infância para fora, a muito custo, como num parto sem anestesia. Não suporta que o passado a possa agarrar de novo. Neste estúdio negro onde reinava alguém que se auto-denominava *Noir Désir*, Louise submetia-se, mas como forma de transgressão. Não admitia que algo ou alguém a remetesse de volta a tempos em que a submissão não era uma opção plenamente sua. Ali, totalmente atada por

uma dezena de cordas, sente-se de novo a rebentar pelas costuras, como nos tempos da sua puberdade.

Cibelle afasta-se e deixa que aos poucos Louise vá perdendo a velocidade, pairando cada vez mais devagar. Já quase imóvel após esse movimento centrífugo, Louise esforça-se agora por manter os olhos bem abertos, absolutamente vidrados, desejando com todas as forças libertar-se daquele lugar, não voltar ao lugar escuro onde ainda há pouco se sentia tão protegida — quando, na verdade, percebia-o agora, estava tão absolutamente exposta.

De lado para o público, virada de novo para o lugar onde as cordas que a atam se encontravam há pouco, Louise fita, numa espécie de transe, o botão dourado que fecha o seu estojo de ar misterioso.

Esquecer o corpo

Vou num comboio para sítios exóticos, a Índia ou assim, se há comboio daqui para a Índia, e ao meu lado um cavalheiro distinto conta-me como foi da última vez que lá foi.

o sol a bater na cara, o cheiro dos eucaliptos, alguns pássaros, o som dos meus passos na terra batida, estou a correr bem,

Entrei no comboio em Lisboa, em direcção à Índia, a meio da tarde. O comboio estava cheio. Devo ter levado imensas malas, a viagem é longa. Alguém me ajudou a colocá-las no devido compartimento, alguém forte, musculado

o sol a bater na cara, o cheiro dos eucaliptos, alguns pássaros, o som dos meus passos na terra batida, a bom ritmo, estou a correr bem,

Às 17h15 ouvi o apito em Santa Apolónia e o comboio partiu. As minhas malas estavam leves, porque embora a viagem fosse longa não queria ir carregada para lá;

pelo contrário, queria trazer muita coisa quando voltasse. Mesmo assim, aceitei a ajuda para guardar as bagagens e sentei-me. O comboio foi quase vazio até à fronteira e a partir daí começou a entrar mais gente. Em Badajoz, sentou-se ao meu lado um senhor de meia-idade, com um leve cheiro a tabaco de cachimbo e um sorriso simpático.

o sol a bater na cara, o cheiro dos eucaliptos, alguns pássaros, o som dos meus passos na terra batida, a bom ritmo, estou a correr bem,

«Já alguma vez lá estive?» perguntou, esforçando-se por falar em português, o que estranhei — só depois percebi que devia ter reparado no livro que eu estava a ler.

«Não, nunca. E o senhor...»

«Jimenez, Arturo Jimenez, muito prazer.» Ele era muito rico, e pagou-me um cocktail no bar da carruagem.

terreno irregular, nesta parte, o que me obriga a ter mais atenção. Olho para baixo e aprecio os atacadores impecavelmente atados num nó que tenho vindo a aprimorar.

Estes dois pés mantêm-se comigo ao longo de todo o trajeto. Previsível, eu sei, mas a verdade é que à medida que avanço vou-me esquecendo completamente deles. Olho para os meus pés como se não me pertencessem, como se não fosse eu quem os comanda para a frente a cada passo. E serei?

Onde é que eu ia mesmo? Ah, ele era muito rico e pagou-me um *cocktail* no bar do comboio. Não, eu é que era muito rica e paguei-lhe um *cocktail*. Daquelas com os guarda-sóis e tudo o mais. «*Have you got something without a toy in it?*», pedia Richard Gere num bar de praia com decoração havaiana, num filme qualquer. Não seria com certeza um filme sobre corrida, mas penso em correr quando penso nesta frase, que me ficou na cabeça.

o cheiro dos eucaliptos começa a saber-me a mojito, alguns pássaros embora pouco tropicais, o som dos meus passos na terra batida podiam ser um ritmo latino qualquer,

«Venha, é só desta vez; dance comigo esta música apenas. Depois não a incomodo mais.» Vontade de recusar e de aceitar ao mesmo tempo; os meus passos não me obedecem e de repente estou no centro da pista a ser levantada do chão por um latino feroso, porém, respeitoso.

Que me larga logo de seguida quando percebe que não danço à altura dos seus preceitos ou da sua sensibilidade.

23'57" precisamente, é bom começar a prever o caminho de regresso; o do costume, para não ter de pensar muito por onde ir

Não; eu é que lhe peço: vá, não seja tímido, dance comigo só esta música. Um *slow* para dançar *cheek to cheek* sob o calor abrasador da exótica ex-colônia inglesa — e eu vou aproximando o meu peito do dele; solto propositadamente a minha respiração quente no seu pescoço

ah, aquela dor outra vez! Raio do pé esquerdo que nunca voltou a ser o mesmo. Mas isto já passa, já sei como é

Há quanto tempo não planeio uma viagem? Planear é metade do gozo. Reviver outra metade... Sim, bem sei que a matemática não bate certo. Devia ir a Madrid. O estrangeiro fácil, a distância média, a língua mais próxima da nossa. Tapas. Vinho. Talvez *mojitos*. Talvez um estrangeiro feroso, mas respeitoso. Dança; mover o corpo.

pronto, já passou. Iniciar o regresso depressa, sim. E aquecer melhor da próxima vez. Raio do pé que me obrigou a pensar nele; fiquei desconcentrada. Onde é que eu ia mesmo?

Não sei se Madrid. Giro era fazer uma mala versátil e decidir na estação, seguir a próxima partida. Sim, de certeza que há quem faça isso. Espíritos aventureiros; talvez isso seja algo a procurar — mais do que espíritos ferosos.

sombra, por aqui; escapes e não eucaliptos, o empedrado de um passeio sob os pés que deixei de sentir de novo; daqui a pouco chego.

Já quando saí tive a sensação de que não era o melhor dia para correr. Bem que preferia fazer outro tipo de exercício, em casa, a dois. Não tenho ninguém para o fazer há demasiado tempo. Ah, às vezes acho que corro para não me atirar a tudo o que se mexe. Não admira que corra a pensar em latinos fogosos.

Aprender uma dança nova. Mas com passos definidos; fico perdida quando me pedem para improvisar. O que gosto é disto: um passo atrás do outro até me esquecer de mim mesma, até me conseguir deixar levar.

caramba, mesmo no limite; a dor recomeçou. Corro para esquecer o corpo, não para que ele me chame. Por fim, a porta. Onde está a chave? E o que é isto na caixa do correio, um postal? Que maravilha, adoro quando se lembram de mim em viagem.

A equilibrista

De repente, passou-lhe pela cabeça que não se lembrava como tinha vindo ali parar. Tocava ao de leve na corda bamba com a ponta dos pés descalços, enbranquecidos por um pó como que de giz, a corda como que um traço feito por muitos outros pés e que estes deveriam repetir, pisando-o de novo.

Olhou em frente, tentou apalpar o caminho com o olhar ou a imaginação. Ter algum tipo de previsão — tentar visualizar o que faria se, de repente, tivesse sido colocada numa corda esticada a uns tantos metros de altura, tentando equilibrar-se.

A luz era escassa. Havia luz mais abaixo, mas a prudência aconselhava-a a manter o olhar altivo. Lá em cima, onde se encontrava, chegavam apenas ecos de luz, assim como ecos de um público invisível, crepitando aqui e ali, lembrando-lhe que não estava sozinha — e, ao mesmo tempo, que estava absolutamente sozinha, só ela mesma e apenas ela naquela travessia. Todos os demais lá em baixo, prestando-lhe mais ou menos atenção, ocupados em afazeres obscurecidos que nada tinham a ver com a sua tarefa ali, naquele momento.

Ela e o seu fio. Ninguém para o percorrer por si.

Dispôs-se então a descer à corda. Lentamente, começou a ensaiar uma vontade de caminhar. Titubeava ainda: com o seu corpo, mas mais ainda com o coração. É um longo caminho, pensou. Devo percorrê-lo, pensou. Mas não avançava ainda. Algo não batia certo nesse pensamento. Não. *Quero* percorrê-lo. E então sentiu as suas pernas agitarem-se para a frente, com firmeza, e até mesmo com uma certa graça, que a surpreendeu, não sem orgulho. Aos poucos foi reconhecendo em si mesma algum talento para aquela travessia, e isso foi animando-a a experimentar não apenas caminhar, mas fazê-lo com pequenas inflexões de joelhos, ensaiando manobras maiores. Seguiu a um ritmo certo, e cada passo a animava a tentar um movimento mais ágil no seguinte. Não sabia onde isto ia dar, mas conseguia perceber que efetivamente desfrutava do percurso. Enquanto isso, ia olhando em frente, perscrutando com o olhar algum tipo de finalidade naquela travessia. Continuava, porém, sem conseguir avistar o fim.

Aprensiva, teve vontade de parar. Tentou colocar-se numa pose bonita, para que a pausa fosse sentida pelos espectadores apenas como um momento mais na travessia. Desceu à corda com um dos joelhos. Evitando a todo o custo parecer querer abraçar a corda, inclinou-se para a frente, desenhando uma elegante vénia com os braços. Pareceu-lhe que foi bem sucedida, pois de repente sentiu

um *flash* mais forte do que o habitual. Ao contrário desses pontos de luz que até aqui a animavam, porém, este foi sentido como algo vagamente predatório, que a pretendia atingir, capturar, imobilizar — e isso assustou-a. Uma frase vinda de não se sabe onde cruzou-lhe o pensamento; vinda talvez da mesma fonte que a luz — algo estranho a si que apenas a atravessava. «Um clarão de susto».

Manteve a pose, recuperou as forças. Por momentos, perguntou-se se poderia voltar ao princípio. Mas quando curvou discretamente o pescoço para trás de si, de maneira a ponderar as distâncias, já não o avistava também. Não lhe pareceu possível esse regresso; alguma coisa a fazia avançar, sempre em diante. Talvez algum apelo íntimo, secreto e universal — ou talvez saber exatamente o que tinha feito até aí, mas não saber ainda o que poderia fazer daquele ponto para a frente. Sim, essa curiosidade era irresistível e fazia-a pender inexoravelmente para a distância que era ainda desconhecida. Por esta altura, percebia já que de facto tinha em si tudo o que era necessário para a percorrer com grande estilo: a graça natural das suas pernas, o sentido inato de equilíbrio, e, não menos importante, o orgulho em ambos que a fazia puxar ao máximo por eles, levá-los ao limite. Desfrutava verdadeiramente de si mesma naquele percurso. E isso dava-lhe um enorme ânimo.

Muito brevemente fechou os olhos, para usufruir desse alento. Depois olhou em frente, baixou ligeiramente

o queixo, encheu o peito inteiro de ar. Içou um dos joelhos para o alto, desafiando o equilíbrio num só pé, que também ele queria saltar-se para o alto. E, com esse pé apenas, saltou — uma, duas vezes seguidas, e depois ainda mais outra com o pé contrário, sempre regressando ao seu ponto de equilíbrio sem esforço aparente. Assim que pousou ambos os pés de novo na corda, sentiu dentro de si algo que a aproximava de si mesma, que lhe deixava o coração acelerado, palpitante, saindo-lhe pela boca em direção aos pés, para de novo percorrer todas as suas veias, num ciclo que a ia tornando mais íntegra. Levantou os olhos, erguendo a cabeça para o topo que sentia poder alcançar dentro de si. E foi nesse momento que, à sua frente, avistou — com toda a clareza — o fim.

Não sabia o que pensar. Agora, que lhe tomava o gosto à travessia pela travessia, que tinha conseguido atingir o ritmo de pulsação que tanto a animava, aparecia-lhe o fim — no momento preciso em que deixava de o desejar avistar. Mas entendeu bem que, exatamente por isso, só havia uma maneira de completar esse trecho do caminho.

Olhando furiosamente para o fim que, afinal, se apresentava ali, tão próximo, mesmo quando se preparava para balançar-se com toda a sua segurança adquirida, a equilibrista faz mais uma série de saltos, em um e dois pés, finalizando com uma dupla pirueta. Ao regressar à corda após o último movimento falha-lhe uma perna, o pé desliza ao longo da corda em vez de nela se apoiar,

provocando algumas dores nos músculos surpreendidos por aquele tropeço. Mas rapidamente enquadrando aquela queda num movimento gracioso e se voltou a equilibrar. Tenho de parar, pensou. Como é que posso avançar mais? Devo caminhar apenas, chega de rodopios. Devagar, cuidadosamente. Tentou fazer mais uma pausa, caminhando mais lentamente, as pernas tremendo-lhe quase imperceptivelmente.

Percebeu, no entanto, que o que mais a fazia perder o equilíbrio eram precisamente as pausas. Enquanto caminhava, o movimento amparava-a dos dois lados, como se o vento criado por aquele movimento erguesse duas paredes que a seguravam, uma cápsula protetora com a qual atravessar a atmosfera. A ideia de avançar apenas cautelosamente assustava-a mais do que tudo. Não, não era assim que planeava fazer esta travessia. Essa certeza amparou-lhe o bambolear das pernas, trouxe-lhe um ânimo novo, uma firmeza que reconhecia intimamente como sua. Mesmo que, talvez (quem o saberia?) fosse porque era assim que o público sempre a via: absolutamente resoluto, firme na sua altivez de pináculo, domando o estreito fio sobre o qual caminhava como se ela, a pessoa, o dominasse, e nunca o contrário.

Angariou em si todas as forças, içou de novo o joelho direito em pose de garça majestosa. Executou não uma, mas três meias piruetas com salto, movimentando os braços como se fossem asas e as pernas como se

pesassem o mesmo que penas. Deu passos apressados para trás, para logo voltar a avançar para a frente em pequenos pulos felizes. Nenhum milímetro da corda bamba, em cima da qual não se recordava de ter sido colocada, foi desperdiçado. Esgotada, percebendo que o que lhe restava do fio não chegaria nem para o mais pequenino passo, entregou o seu pé direito à plataforma sólida à qual a corda conduzia. Sem demoras, entregou-se toda ela àquela base, que lhe pareceu terrivelmente estável.

A plateia, já sem conseguir ver o corpo daquele ser que com tanta admiração acompanhou, aplaude, comovida.

Comoção

Um dia contaram-me uma história: quando Deus nos enviou à Terra, fez-nos escolher uma de duas filas para cá chegarmos. Uma, com uma tabuleta pintada dizendo «com emoção», a partir da qual se antevia um grande escorrega; a outra, indicando em letra de máquina «sem emoção», em baixo da qual se iniciava uma longa escadaria. Não sei se a história foi inventada por quem ma contou, ou se foi recontada. Não sei se a escadaria e o escorrega faziam parte da história, ou da maneira como imaginei essas duas filas. Foi, talvez, uma maneira que inventei de imprimir um movimento físico a cada um dos letreiros meramente indicativos. Quando ouvi esta história, teríamos provavelmente bebido um pouco demais. Ríamos, falávamos alto, agarrávamos o momento com o olhar e com a voz. Vivíamos com emoção. Sabíamos isso uma da outra, e isso aproximava-nos.

Dentro deste avião, que se sacode violentamente pela turbulência, penso de novo nessa história. Todos os que estamos aqui dentro teremos descido pelo escorrega «com emoção»? Com certeza que não. E talvez por isso subsista esta tranquilidade que me preenche e não deixa

lugar para a preocupação, mesmo enquanto o avião se sacode: com certeza não vamos todos morrer hoje.

No entanto, muita gente morrerá hoje. Talvez ela. Talvez eu não chegue a tempo. Não a tempo de a salvar, mas sim de me salvar. De lhe pegar na mão, dizer-lhe: «Viverás». Em mim, quando deixares de viver em ti — está implícito. Como vais fazer esse movimento de transmutação dos corpos? Não precisas de morrer para isso; já o fizeste. Talvez tenha sido aquele algo de inesquecível no nosso primeiro abraço, alguma coisa que passou do teu corpo para o meu nesse preciso instante. Algum lampejo que se soltou do teu olhar e se veio instalar no meu quando nos entreolhámos com total compreensão uma da outra. Alguma sinapse que conseguiu ultrapassar a barreira física dos nossos crânios quando nos entendemos perfeitamente. Em alguma das nossas risadas partilhadas teremos deixado soltar-se um pouco da matéria em suspensão de que é composta a alma e teremos trocado um pedacinho uma com a outra, sem querer.

Viverás — mesmo que isso seja pouco consolo. O teres vivido acabará por se esbater, com o passar dos dias, dos meses, dos anos. Mesmo a tua presença em mim se irá esfumando, apesar de todos os esforços que venha a empreender em contrário. Mas é o consolo que posso oferecer-te: comoveste-me. Mudaste a minha trajetória. Moveste-te para dentro de mim. E moveste-me a mim um pouco mais para fora de mim. Ou talvez mais para

dentro, para mais *eu*. Este é também o consolo que posso oferecer-me.

À minha volta, metade dos passageiros dorme, apaziguados já do sobressalto causado por diferenças de pressão no ar que atravessamos em alta velocidade, escurados por um enorme e potente corpo metálico. Que fazemos nós aqui? Movemo-nos em conjunto; somos um mesmo ponto lampejante num diagrama, piscamos em unísono sobre uma linha tracejada entre dois continentes. Mas ninguém aqui me comove. A mulher ao meu lado, que exala um ar de ser interessante, dorme profundamente desde que entrou; nem o tilintar dos carrinhos de bebidas a acorda. Mesmo estando absolutamente rodeada de gente, cada uma destas pessoas com a sua história particular, ninguém é capaz sequer de me demover deste estado de espírito atual. Desta ânsia de chegar, para de novo estar fisicamente perto de alguém que me foi tão próximo e que está tão perto de partir fisicamente.

Olhando para baixo a partir da janela, e avistando apenas o largo oceano, lembro-me de quando me levaste a andar de barco pela primeira vez. Os nossos corpos agitavam-se, o corpo do barco rasgava a água sem qualquer subtilidade; com muita arrogância até, impondo o seu motor sobre a força das águas. O teu sorriso era maior do que o mar alto. Bebíamos, sacudíamos-nos nas ondas, ríamos; vivíamos com a mesma arrogância sobre a vida que o barco tinha sobre a água.

Tenho uma memória vívida de me dizeres para sentar noutra ponta do barco (já não sei se mais à frente ou mais atrás) para não sentir tanto os solavancos na coluna: a cada onda quebrada pelo barco, saltávamos e éramos atirados de novo para o assento com uma espécie de violência alegre. Sobrepunhas a tua alegria à violência da vida.

Recordo também vivamente a última vez em que te vi, e que desejava que não fosse a última vez em que te vi: atravessavas uma estrada de quatro faixas olhando para os carros e o vazio que eles deixavam entre eles com uma mistura de displicência e desafio, tratando-os como um jogo que tu obviamente saberias dominar.

Em pequenina dançavas; mas o *ballet* não te assentava bem. O teu forte não era a delicadeza — era a força. Rasgavas o mar com a força do motor pago com o teu trabalho, não com a subtileza de um entendimento profundo das águas. Antepassados teus cruzaram o oceano de barco, ou foi isso que guardei de alguma das nossas conversas ébrias; posso ter exagerado, percebido mal, sonhado ou inventado. Mas sei que corria no teu sangue a ideia de que tudo era possível, e que essa é uma das coisas que me deixaste em legado.

Corro para ti; mais do que dentro de um avião factual, fazendo a pena correr neste papel que — estou convencida —, se fosse bem dobrado e arremessado, atravessaria não só o oceano mas também o tempo, para chegar no

momento certo para nos salvar. As penas correm? Sim; aliás, voam. E sim, as palavras correm mais depressa do que nós — é tolice achar que escrever é fixar. Canadá. Argentina. Nepal. Cruzei continentes e oceanos entre três pontos finais, e movi-me muito pouco. Através das palavras ou de qualquer outra forma, eu hei-de chegar.

Quando chegar, hei-de segurar na tua mão. Poderei ou não abraçar-te, (as palavras abraçam?), mas hei-de pegar na tua mão (ou tu pegares nas minhas palavras com as tuas mãos). Posso não conseguir dizer-te (pelos olhos ou pelos ouvidos) «Viverás», inibida pela pequenez desse consolo, a pompa excessiva da expressão, ou o mero ridículo que ela representa quando dita nesse momento. Mas conseguirei reunir as forças para dizer «Comoveste-me». E isso é a mesma coisa. Não, talvez não ache o ambiente propício para te dizer isso; talvez tente apenas sorrir e fazer-te sorrir. Sim; direi apenas: «Com emoção». Havemos de saber que é a mesma coisa.

Circum-navegação

Na data de partida fez-se ao mar, num barco desenhado por si e construído com os materiais possíveis numa preparação apressada. O objetivo: ganhar uma corrida na qual participavam apenas homens mais experientes e mais bem equipados do que ele — mas com certeza não mais audazes. Em terra, a cada minuto um pouco mais longe, mulher e filhos tentam esconder o desespero, embrulhando-o em orgulho. Clare não consegue evitar olhar fixamente para o marido até deixar de o ver por completo; quanto às crianças, cada uma vai desviando o olhar no seu tempo, respondendo a distrações variadas.

Don mantém um olho na família da qual parte e outro no além, lá longe. Como os piratas, que se diz taparem um dos olhos com uma pala para que esse olho esteja sempre pronto para ver na escuridão de um convés — e o outro preparado para a luz clara do sol, espelhada pela superfície das águas. Um homem que se faça ao mar deve estar pronto para não desviar o olhar do que há de mais intenso — no barco, no mar, em si mesmo. No momento da partida, Don espreita para dentro de

si — e quase se apercebe que tenta esconder a agonia, abafando-a com entusiasmo.

A primeira tempestade não tardou em chegar. Fez-se anunciar com todo o protocolo, todos os pequenos sinais que os marinheiros apontam nos seus livros de bordo, desde as primeiras viagens, no princípio dos tempos. Não se pode dizer que tenha sido uma surpresa, mas não deixou de o apanhar desprevenido. *T. Electron*, um trimaran de fibra de vidro, depressa se encheu de água, entrando por frinchas facilmente identificáveis se a preparação tivesse sido mais atempada. Concertar durante a viagem, numa viagem tão longa, é algo previsível — embora não, certamente, tão pouco depois da partida. Mas um homem que se lance ao mar deve aprender a esperar o imprevisto. Depois da tempestade há de vir a bonança: o mar precisa de ser remexido pela chuva para que os peixes apareçam, tal como depois de revolver a terra as minhocas vão surgindo — e os pássaros também, logo depois, para as debicar. Que tesouros se não encontram depois destas borrascas! Apenas é preciso passá-las, sobreviver-lhes.

E, mais cedo ou mais tarde, esta de facto passa. Mas enquanto olha para os estragos, e para a sua própria dificuldade em repará-los, uma ideia vai-se repetindo na cabeça de Don: esta era apenas a primeira tempestade, plenamente previsível, e deixou já o barco com danos provavelmente irreparáveis até ao fim da viagem. É

evidente que não aguentará outra, outras, muitas outras mais. Mas, qual a solução? Quais as soluções? Dia após dia de acalmia, Don repisa as mesmas conclusões: desistir, voltar para trás, depois de se ter afundado em dívidas, deixando a mulher a cuidar dos quatro filhos dentro de uma casa hipotecada, seria impossível.

Ocorre-lhe a genialidade de Julio Verne e a aposta que Phileas Fogg quase perdeu. Verdade: tanto Don como Phileas se propuseram atravessar o globo por dinheiro. Aliás, Fogg ganhou apenas por ser uma personagem e não uma pessoa. Ganhou devido a um *plot twist* fabuloso, quando se apercebe de que, por ter feito a circum-navegação em direção ao oriente, contrariando a rotação da Terra, ganhou um dia extra de vida. Que solução extraordinária! Mas a realidade não é uma ficção. Ou é?

Don recorda para si mesmo a direção de circum-navegações famosas: Chichester, de oeste para este; Fernão de Magalhães, de este para oeste. Mas Magalhães não chegou a terminar a viagem. A sua viagem terminou sem ele. É preferível seguir de oeste para este, aproveitando a direção das correntes principais. Mesmo que o dia extra que assim se ganha não nos salve das tempestades. Um dia extra só resolve tudo na ficção.

E a realidade não é uma ficção. O barco não sulca em papel — é o que Don pensa enquanto aponta a sua posição no diário de bordo. Um papel no qual inscreve a

sua posição no mundo. E se fosse ficção? E se ele pudesse escrever a sua viagem? E se pudesse, em vez de escrever no papel a posição em que está, ditar a posição em que está, assinalando-a no papel? Ah, se a realidade fosse ficção. Mas não é. Pois não? Difícil saber quando não há ninguém por perto que o comprove. A Phileas Fogg não lhe faltava o seu Passepartout — e que falta faz ter por perto alguém que nos ajude a passar por tudo. Foi ele o responsável, afinal, por informar o seu amo da sua verdadeira posição no espaço-tempo. Se um homem sozinho avançar no papel duas milhas mais do que no mar, quem o saberá confirmar? Se um homem sozinho avançar no papel duas milhas mais do que no mar — isso é ser esperançoso, desleixado, poeta, ou louco?

E se a vida se pudesse assemelhar um pouco mais a uma ficção, só por um bocadinho? E se se reportassem posições não necessariamente verdadeiras, quem descobriria? Onde está o público desta atuação? Não sob ou sobre ele, observando atentamente cada passo, fotografando as poses mais entusiasmantes. Lá longe, esperando um contacto vindo da sua parte, totalmente manipulável por si. A ideia torna-se recorrente. E se? E se eu..., então quem...?

Analisou as hipóteses:

- 1) Desistir, voltar para casa e para as dívidas, sem prémio e sem dignidade;
- 2) Avançar para uma morte certa no mar revolto das

altas latitudes, deixando viúva e órfãos com as dívidas;

3) ...

Três: reportar posições falsas, fingindo um avanço. Manter-se no Atlântico o tempo suficiente para ser plausível que estivesse de regresso, depois de ter cruzado o mundo por completo. Regressar a casa, são, talvez com um prémio, sem dúvida com dignidade e fama para o resto da sua vida e da da sua família.

4) ?

Depressa percebeu que não tinha, na verdade, outra hipótese.

Da primeira vez, sentiu-se nervoso quando enviou a posição para Inglaterra. Mas havia também entusiasmo, uma certa satisfação pueril por fazer algo matreiro. Que boa solução, se resultar! Verne orgulhar-se-ia. Da segunda vez, já se sentia confiante de que funcionaria. Ninguém se tinha queixado. Depois dessa, as vezes seguintes pareceram-lhe meramente naturais, automáticas. Ia mantendo, assim, não um mas dois diários de bordo: um assinalando as posições reportadas, habilmente fabricadas, o outro assinalando as posições reais. Ao longo deste tempo, tinha já perdido a esperança de ganhar a corrida. Mas haveria de conseguir capitalizar a fama o suficiente para pagar as dívidas. Entusiasma-se com o plano; vai reportando avanços audaciosos, nunca antes conseguidos. Em terra, a multidão — os ouvintes, os leitores, que

se alimentam da história e quase o imaginam sem o ver — vibra. Será, de facto, uma travessia memorável.

Don vai acompanhando pela rádio a evolução dos seus concorrentes. Da primeira vez que ouve falar em desistências fica contente; mas essa sensação esmorece por completo quando percebe que é, supostamente, o velejador que está em melhor posição para ganhar a corrida. Entretanto, Don está já no alto mar há tempo suficiente para poder reportar posições no Atlântico, de novo. Depois de semanas de labor e engenho, pode agora reportar a sua posição real; os dois diários apresentam agora um mesmo traço, em uníssono. Mas ainda resta aquele diário em tempos dissonante. Don sabe perfeitamente que, se ganhar, os livros de bordo serão escrutinados em detalhe. E as perguntas, meu Deus, quantas perguntas não farão ao vencedor? Não bastará pisar solo firme e recolher os louros; haverá entrevistas, relatos para revistas de especialidade. Reportar mecanicamente uma posição num mapa é fácil; descrever como superou o embate entre as correntes frias do Atlântico e as quentes do Índico sem nunca lá ter estado, é impossível.

Don lançou-se ao mar para estar consigo mesmo. Não consegue agora imaginar-se no meio de outros homens. Don lançou-se ao mar para estar consigo mesmo. Mas não conseguiria viver consigo mesmo se voltasse para o meio dos homens. Mais do que as frinchas nos vedantes ou a sua falta de experiência, a relação com os

homens que não estavam no barco foi de longe o que mais o assustou nesta viagem; o que mais falhou nesta viagem. Não, impossível ganhar a corrida, impossível voltar para meio dos homens.

Hipóteses:

- 1) ...
- 2) ...
- 3)

Os dois mapas lado a lado. E, ao lado, o vazio de hipóteses. Don precisa de ar, de horizonte. Sobe para observar o mar alto. Procurando algures um lugar firme, olha para os seus pés, alinhados com o ponto onde uma corda se prende ao barco e desce a partir daí para o fundo, sem que se lhe veja o fim. Essa corda foi colocada ali para que, se um dia tivesse o azar de cair à água, se conseguisse agarrar a ela para regressar a bordo. Com os seus olhos vidrados na corda, Don, mesmo sabendo de memória o seu comprimento exato, pergunta-se se aquela corda, da qual não se vê o fim, não poderia estar diretamente ligada a casa, a algum ponto fixo de terra firme, calorosa; à árvore no fundo do seu jardim, ou porque não mesmo ao braço da sua mulher.

Lá longe, com o olhar alheado na direção dos filhos que brincam no baloiço instalado na árvore ao fundo do jardim, Clare pergunta-se porque é que não atou uma corda muito grande ao barco do marido, a qual pudesse

puxar levemente de vez em quando, apenas para sentir a sua presença, enviar uma mensagem ou um beijo.

Don sabe perfeitamente que é o que se poderia chamar um marinheiro de água doce. Nunca lhe passou pela cabeça tatuar uma âncora neste seu braço de pele seca e descuidada, que deveria estar marcado pela rápida fricção de uma corda que bravamente teria tentado domar, içando e baixando velas, lutando contra várias tempestades. Essa âncora que marca nos marinheiros o ponto onde se agarram à terra — para que não se esqueçam de voltar, para que se iludam pensando que têm em si tudo aquilo que há para voltar, que há volta possível. Curioso, mas muito compreensível, que esse símbolo dos que partem para o mar seja o objeto que os prende à terra. Ligeiramente enjoado, talvez pela fraca alimentação que tem mantido, definitivamente acometido pela doença da saudade de casa, Don bem que gostaria de tirar de si mesmo, como que num passo de magia, a coragem de um marinheiro tatuado. Será que se tem lembrado de beber alguns goles de água do mar, como recomendado, para manter os minerais em equilíbrio? Don debruça-se sobre a água que balança incessantemente e aproxima lentamente as mãos para lhe tocar. Afunda a mão, cruzando a fronteira entre elementos, como se fosse a primeira vez. Leva as mãos à boca, sôfrego, com pensamentos sobre a fusão do homem com as águas.

Don não é um marinheiro com âncoras tatuadas, é apenas um homem que olha para uma corda que baloiça ao sabor da corrente, sem fim à vista, dispersa nas profundezas do mar alto. Essa corda é o mais próximo de uma âncora que ele ali tem, com uma importante diferença: não o agarra à terra. Agarra-o ao barco, a única superfície que ele teve e terá disponível para pisar durante toda a travessia, uma superfície que balança infinitamente. Todas as vezes que olha para aquela corda, o seu pensamento balança com ela, dirige-se ao fundo do mar; às vezes volta à superfície. Um dia, não voltou.

Quando *T. Electron* foi encontrado, apenas os diários testemunhavam a sua viagem, as suas viagens, a sua dupla viagem.

Semanas antes, um outro homem também não conseguiria concretizar a total circum-navegação — por ter decidido, por instinto ou por capricho, não retornar pelo mesmo caminho pelo qual tinha iniciado a viagem, e regressar às marés dóceis do Índico. No seu diário, palavras de encontro consigo mesmo, impressões de uníssono com o universo, de profunda partilha com os golfinhos, as correntes, as chuvas, as noites. Conselhos para a humanidade: não esquecer que somos um com a terra em que vivemos. No diário de Don, nos diários de Don, no verdadeiro diário de Don, no diário em que Don se esforçava para ser sincero, no diário de Don no

qual ninguém acreditaria, ideias para salvar a humanidade através da transcendência: superar o tempo-espaço, atingir o estado de seres divinos de segunda geração. Um olho habituado à luz; outro, à escuridão. Qual deles terá usado para perscrutar o fundo de si mesmo?

Baseado em factos reais (a tentativa de circum-navegação de Donald Crowhurst).

Anton

Quando páro finalmente o carro, tudo isto me parece um sonho. As crianças, lá atrás, dormem; ao meu lado, Nadiya acaba de despertar com o fim do murmurinho constante do motor. Abre os olhos sem nada dizer, observa-me enquanto admiro este rio plácido, sereno, afável, iluminado de um lado e do outro por candeeiros de luz quente, refletida na superfície lisa das águas com uma agitação mínima, fazendo lembrar pequeninas labaredas a crepitar numa lareira. E sorri ela também. Que bonito que isto é. E que sereno, pelo menos a estas horas da madrugada.

A sensação prolonga-se após a entrada no alojamento local. Faço os trâmites recomendados para a abertura do porteiro eletrónico enquanto ela desperta os filhos docemente, apenas o suficiente para os conseguir levar para dentro. Nenhum dos dois pergunta se já chegamos, talvez porque se habituaram, por esta altura, a estar em viagem. O apartamento é perfeito, bem decorado, com janelas grandes viradas precisamente para o rio em frente ao qual o prédio se implanta. Tenho Igor ao colo, pronto para continuar a dormir; Olga está já a ser deitada pela

mãe. Vê-los aos dois no seu quarto confortável, cada qual com o seu *edredon* fofo como nuvens cobrindo-os até à cabeça, acentua essa sensação de sonho ainda mais. Ambos voltaram a adormecer imediatamente, e Nadiya e eu entreolhamo-nos como nos primeiros dias em que trouxemos cada um deles do hospital para casa. Um olhar que diz: «Estamos em casa, somos uma família, que sorte temos nós nisso. Eu amo-te e amo-nos, a todos nós». Encostámos a porta e fomos olhar o rio, sorvendo com intenção aquela beleza, tentando retirar dela energia, recompor-nos do cansaço da longa viagem. As malas ali estão, mas deixamo-las fechadas; retiramos apenas o essencial e deitamo-nos, finalmente, abraçados.

Quem acordou primeiro foi Olga, que de seguida acorda o irmão, a perguntar com insistência onde está o seu animalzinho de peluche favorito, uma pequena onça em nada assustadora. «Esquecemo-nos de o trazer!», penso eu num relance, e acordo sobressaltado. Mas não, apenas tinha caído da cama, foi fácil de recuperar. Uma perda de um objeto como esse ganha proporções gigantes para uma criança — e para a família que a tenta apaziguar. Não, felizmente essa é uma batalha que não teremos de travar. Igor pergunta para o ar: «Onde está a mamã e o papá?», e aparecem-nos no quarto pouco depois. Pelas janelas cujas cortinas esquecemos de fechar entra uma luz nítida, franca, aberta, refletida com certeza pelo espelho de água que temos em frente. Os

miúdos olham maravilhados e emitem sons de espanto, fazem uma pequena corrida até à janela, para depois se tentarem enfiar debaixo dos lençóis connosco, como de costume nas manhãs de fim de semana em casa. Não sei dizer ao certo que dia da semana é, mas de facto sabe-nos a fim de semana. Ficamos mais um pouco pela cama, enroscados uns nos outros o tempo possível, no meio dos pontapés dos irmãos e lutas pela atenção de um ou outro dos pais. Que bom que é este acordar lento, sem pressas. Olho também eu pela janela e penso que sim, vai-nos saber muito bem este tempo passado aqui.

Os proprietários do alojamento deixaram-nos algumas frutas, chá, café; nós ainda temos algum pão, bolachas, bolos embalados e leites que sobraram da viagem — facilmente montamos um pequeno-almoço improvisado que nos sabe a dia de festa. Os miúdos correm por todos os lados, a descobrir a casa; estão contentes. Eu e Nadiya olhamos continuamente um para o outro, sorrindo. Sim, vai ser um ótimo tempo aqui.

Acabamos de comer e pensamos já no que vamos comer a seguir, dedicando-nos às questões mais simples de se ser humano. Saímos para encher a despensa, ficar independentes de restaurantes; assim poderemos gastar o mínimo possível, fazer os horários que quisermos, ficar resguardados em casa, em família, todo o tempo que nos apeteça. Esta não é propriamente uma saída turística, mas tanto para os miúdos como para nós parece-nos

um pouco isso. No supermercado, olhamos com atenção para os produtos, com curiosidade acerca dos que nos são estranhos, com alguma ansiedade por rever um ou outro dos que nos são familiares. Falamos pouco entre nós, mas quando o fazemos, despertamos a atenção dos locais. Estranham a língua e espontaneamente viram a cara para nós, para ver quem somos. Isso faz-me sentir observado, mas ao mesmo tempo noto que os olhares que nos dirigem são geralmente de simpatia, ou pelo menos de empatia, enternecidos sobretudo com as crianças, mas dirigindo esse enternecimento a nós. Uma senhora mais velha sorri de forma aberta para mim, que me atrapalho e desvio o olhar. Procuro Nadiya, que encontro a olhar fixamente para a etiqueta dos preços das frutas, talvez fazendo contas de cabeça, tentando avaliar o custo de vida. Passamos na caixa, onde a funcionária novamente nos sorri de forma acolhedora, como se nos conhecesse ou compreendesse, mas que de certa forma me parece estranha — que fizemos nós para merecer isto? Não nego que a sensação é boa e, olhando para as crianças, tenho a nítida sensação de que esta visita ao supermercado, entre as corridas pelos corredores, onde se cruzavam e desviavam dos carrinhos, e os afagos nas suas cabeças loiras de grande parte dos estranhos pelos quais passaram, foi tão emocionante como uma visita a um parque infantil.

Mas, obviamente, não será sempre assim; é preciso pensar no que fazer com eles para que se divirtam. Com

estas crianças, ficar em casa é uma miragem: é sempre necessário ter um plano, algo que os mantenha entretidos. Para além de que será preciso, se tudo continuar a correr bem e decidirmos aqui ficar, procurar uma casa mais duradoura. Esta é apenas aquela onde chegámos, da qual não temos chave mas apenas um código do porteiro eletrónico; haveremos de encontrar uma à qual chamar nossa, pelo tempo que acharmos apropriado. É preciso repor a ordem natural das coisas, encontrar um lugar nosso, garantir todas as necessidades pela sua ordem devida: respirar, beber, comer, dormir abrigados e em segurança. Não se pensa muito nisso hoje em dia, em que é felizmente tão comum termos tudo garantido. Mas que privilégio que isso de facto é, e como isso permite tudo o resto! Sem a nossa integridade assegurada, não podemos nada. Com tudo isto garantido, podemos tudo. Segurança, liberdade. A segurança é libertadora. Quando há segurança, pode fazer-se o que se quiser. Se não há segurança, vive-se no cativeiro do medo. O medo é um espartilho, uma camisa de forças. Não conseguimos mover-nos como queremos se agimos sob a sombra do medo — seja medo pela nossa integridade física, medo de nos perdermos, de sermos rejeitados, da reação aos nossos actos.

Penso nisto enquanto retiro as compras dos sacos e as coloco num armário que as vai conter e segurar para quando voltarmos a precisar delas. Ter uma despesa

cheia, que privilégio. Podemos, agora, sair de casa sabendo que, quando a fome apertar, voltamos aqui e comemos. Segurança, liberdade.

Saímos então para um passeio junto ao rio. Que luz maravilhosa, esta! Que sossego, que paz! Observo os edifícios do lado de lá, comparando-os com os que seriam típicos no nosso país. Engraçado como há sempre diferenças, normalmente relacionadas com os diferentes climas, mas também com questões culturais, com tudo o que se construiu naquele lugar desde os primórdios dos tempos. Ou com as vagas de construção em cada lugar — em que década teriam sido construídos aqueles que olhamos agora? Talvez tenham já um século, ou mesmo mais. Penso nos projetos nos quais vou ter de continuar a trabalhar, mesmo estando aqui; é impossível esquecê-los completamente. Penso em como estou a desenhar para um clima que só experimentei um par de vezes, em breves visitas — mas é assim a lógica global; naquele quase-deserto há dinheiro e espaço para construir, e é lá que hoje se constrói. Sorte tenho eu em poder estar em qualquer lugar, a projetar edifícios que se constroem ali, no lugar onde se constrói. Embora, na verdade, neste preciso momento, olhando este rio, estas casas que décadas de descaso e displicência, no mau e no bom sentido, foram mantendo por ali, não consiga pensar em construir. Dentro de mim foi crescendo um certo cinismo em relação à ideia de edificar; tudo o que

se constrói lentamente, rapidamente se destrói. Mas depressa interrompo o raciocínio

— Olga! Olgaaa!

Nadiya corre para apanhar a nossa filha que, com as suas perninhas ainda pouco eficientes, se movia com toda a pressa para apanhar um pássaro que debicava alguma coisa, num passeio inclinado para o rio. Não há descanso para os pais: a tarefa de manter os filhos sãos e salvos não tem pausas.

Talvez empurrados pelo susto, voltamos prontamente para casa. Há ainda uma outra tarefa quotidiana a cumprir logo que possível: na viagem longa fomos acumulando roupa suja, que agora teremos de levar a alguma lavandaria próxima. Com sorte, será mais um passeio mundano com a capacidade de entretê-los por um pouco.

Tudo aponta para que sim. Desta vez não nos cruzamos com ninguém; a lavandaria está vazia. Isso deixa os pequenos mais à vontade para correr e brincar: abrem e fecham as portinholas das máquinas, entram e saem de dentro dos cestos de plástico que fingem ser barcos, tocam e mexem em tudo. Não temos energia para os refrear, nem isso nos parece ser necessário. Deixo-me estar de pé em frente a uma máquina que seca as nossas roupas, hipnotizado por aquele movimento circular de formas abstratas que, no entanto, contém lampejos de significado: a *t-shirt* onde Igor deixou cair o sumo

que bebia durante a viagem e nos obrigou a parar num lugar completamente inóspito para o trocar; os meus *boxers*, as meias que calcei desaparecidas por falta de paciência para procurar o par certo; o *soutien* preto de Nadiya, que me lembro de ela ter vestido na semana anterior a planearmos esta viagem, numa noite de intimidade, que não sabemos quando poderemos repetir — será preciso procurar uma creche, *babysitter*, repor toda uma rede de apoio.

Vejo que Nadiya também está cansada, não dormimos ainda o suficiente. Deixou-se cair numa cadeira ao canto e olha distraída para a televisão que passa as notícias, numa língua que ainda não conhecemos.

Reparo que, de repente, algo a interessa: Nadiya endireita as costas e chega o seu tronco à frente, como que se aproximando para tentar compreender. Aproximo-me também eu, para ver o que se passa na televisão que lhe chama a atenção. Igor e Olga, no meio da sua algazarra, percebem que estamos os dois a olhar fixamente para o mesmo canto, e vêm ver o que se passa também. São imagens de crianças, brancas e loiras como eles, de tronco nu. Mulheres com rostos cansados, apáticos, ou desesperados escrevem números nas costas das crianças, bem como nomes de pessoas e de lugares. Nesse momento percebemos a língua, pois é a nossa: uma das mulheres explica, entre lágrimas, que estão a escrever os contactos de familiares mais próximos na pele das

crianças, demasiado pequenas para transmitirem essa mensagem de outra forma, para o caso de se perderem das mães ou de lhes acontecer alguma coisa que as impeça de continuar a cuidar delas.

Igor, mais velho, talvez tenha percebido alguma coisa; continua a olhar, até começar a próxima notícia. Olga provavelmente não percebe nada, e pergunta com insistência: «Mamã, o que é? O que fazem, os meninos?». Com uma enorme presença de espírito, Nadiya desvia o olhar da televisão e diz-lhe: «Estão a escrever-lhes histórias nas costas; é uma maneira que as mães encontraram para eles ficarem um bocadinho quietos!» e começa a correr atrás de ambos, fazendo-lhes cócegas e rindo.

Não chegámos a entrecruzar olhares, eu e ela, nem sei se conseguiríamos. Nadiya entretém as crianças e, provavelmente, a si mesma, enquanto a máquina de secar termina o seu serviço e eu começo a dobrar a roupa para a levar de volta, com mais vagar do que gostaria, pois não consigo recuperar totalmente do choque daquela imagem. A escrita na pele, e não num papel que seria demasiado frágil e fugidio para sustentar uma mensagem tão importante. A prova de que se chegou ao mais básico do que é ser humano. Algo que pertence ao que há de mais elevado na cultura — a capacidade humana de comunicar com o outro através da linguagem escrita — a comungar com o que há de mais fundamental na natureza humana — a nossa própria pele —, para que ambas sobrevivam.

Percebo, enquanto procuro pares de meias minúsculas e dobro camisolas pequeninas, a reação de Nadiya: o instinto para apreciar aquilo que temos, abraçar com todas as forças a sorte que temos em ter as crianças aqui, connosco, num lugar ao que tudo indica seguro — que privilégio. Sim, é preciso abraçá-las com toda a força.

Aqui está a camisa que vesti quando começamos a viajar. Reparo agora, ao dobrá-la, que lhe falta um botão. Quando será que o perdi? Não dei pela sua falta na viagem, nem quando a despi, mas posso simplesmente não ter reparado. Verifico nos sacos onde trouxemos a roupa, no interior da máquina de lavar e de secar — nada. Continuo a dobrar a roupa restante, mas dou por mim fixado nessa ideia do botão perdido.

À camisa que tinha no corpo quando parti falta um botão. E esta ideia estúpida, até mesmo mesquinha, não me sai da cabeça enquanto, maquinalmente, dobro tudo o resto. Aquele botão nunca poderá ser recuperado; neste país com certeza não se fazem exatamente iguais. A esta peça de roupa, uma das poucas coisas que considerava íntegra — literalmente a camisa que trouxe vestida — falta, irremediavelmente, alguma coisa.

Uma ideia idiota, mas protetora, provavelmente. Neste momento em que o meu pensamento se fixa num botão, suspendo temporariamente a saudade de casa, dos cheiros e sons da nossa cidade, também eles, de uma forma muito mais potente, mais irremediável,

destroçados para sempre. Talvez o pesar por este botão seja para mim um abrigo do espírito. Uma sinédoque pequenina, de um tamanho que se podia pôr debaixo da almofada sem quase o notar, e dormir.

Não os mil e um objetos que fomos acumulando carinhosamente ao longo da vida; uns úteis, outros sentimentais: o gira-discos e coleção de LPs, os livros, a máquina de fazer pão, a coleção de miniaturas de carros guardada desde a infância. Há sempre a esperança de os reencontrar de novo, intactos, cobertos apenas por pó, num possível regresso.

Um botão. Penso num botão. Não nos destroços, as ruínas, as sirenes de aviso, os ataques aéreos, as explosões, as nuvens de fumo, as farmácias fechadas, os supermercados vazios, as filas para sair da cidade, a iminência de ser apanhados pelo caminho, as bombas, as minas, as metralhadoras de longo alcance, os incêndios e os roubos. Não, isso ficou para trás, e ainda bem. E que sorte tivemos em poder, em conseguir, deixar tudo isso para trás. Não a saudade da família, que nem toda terá a mesma sorte, da comida que sempre comemos, dos lugares onde crescemos, estudámos, vivemos. Não, a falta de tudo isso é incomensurável, não dá para lidar com ela. Não, não, pelo menos por enquanto não, é impossível.

Um botão. Um botão — não as bombas, os estilhaços, os destroços, as sirenes, a poeira, as ruínas, os gritos, o medo, o sofrimento, a dor, a perda, o luto, a raiva, o

desespero, a desesperança, o pó, os estrondos, os tanques, os soldados, as balas, as metralhadoras, o terror. Não. Um botão. Apenas um botão.

— Anton, estás bem?

Sim, Nadiya, estou bem. Sei que choro: é por causa de um botão.

Casa

Já não é apenas uma reação direta ao choro; basta-me ouvir qualquer tipo de som agudo vagamente semelhante ao choro de um bebê, que o meu coração dispara, desata a bater a alta velocidade. Parece-me que sinto literalmente a injeção de adrenalina a percorrer rapidamente o corpo todo, partindo do centro para a periferia, e num ápice me levanto da cama, do sofá, de qualquer tipo de descanso. É completamente surreal; nada nos prepara para isto. Mas sim, desta vez é efetivamente um choro de bebê; pego na Bia ao colo de novo, talvez pela décima vez esta noite, não sei com que forças, e recomeço o sossegar maquinal: um embalo e o som shhhhuu, shhhuuu, shhuuu. Por mais que tente, não consigo dar descanso à mãe, que me aparece no quarto quando percebe que os meus esforços são em vão, perguntando ou afirmando se não será fome, não sei, só sei que ma tirou dos braços e, nesse instante em que a delego a outra pessoa, posso dormir de novo.

É sempre um mistério, saber o que é: fome, fralda, frio, são as hipóteses mais básicas, as necessidades mais prementes, mas quando já todas essas e mais

outras foram satisfeitas e o choro continua fica apenas o mistério. Acabamos por inventar minúsculas e ridículas superstições. «Ela não gosta desse cobertor; ontem acordou duas vezes mais do que anteontem.» «Mas eu pus esse cobertor precisamente porque no outro dia chorou muito menos com ele.» Impossível discernir regras; *ouvir o instinto*, diziam-nos, mas nem eu nem a mãe sabemos bem, agora, o que queriam dizer com isso. Enquanto a embalo, esforço-me o mais que posso para tentar encontrar uma solução, algo que a acalme de todas as vezes, alguma fórmula mágica que funcione sempre e, portanto, acabe com o terror de cada choro; havendo uma solução, não haveria por que nos preocuparmos. Acabo por perceber que só uma combinação de soluções se aproxima de ser eficaz em boa parte das vezes, estando mesmo assim longe de ser infalível: uma hábil mistura de movimento, som, e luz; ou, mais propriamente, falta desta. Mas não é qualquer som (tentámos desde os mais graves e telúricos *Om* aos mais delicados sinos a tilintar), nem qualquer movimento (há que ser ao mesmo tempo regular mas não aborrecido; constante mas não previsível, como uma dança que não foge do ritmo mas que não se repete simplesmente sem pensar). Mas isto sou eu a tentar uma escapatória possível, a chamar o raciocínio para nos auxiliar neste pequeno inferno doméstico ao qual viemos parar. A humanidade sobreviveu a isto vezes sem conta; alguma forma haverá de sobrevivermos nós também.

Dou por mim a apelar à razão para escapar deste martírio tão animal: a impossibilidade de dormir mais do que duas horas seguidas, a dificuldade em comer, cozinhar, comprar comida, tomar banho, vestir, lavar os dentes, conversar. O puerpério. Achávamos graça ao nome, brincávamos, quando saíamos das aulas de preparação para o parto, no hospital. Completamente inocentes, alheios às pareências entre puerpério e purgatório.

Calou-se, oiço agora o silêncio. E não muito depois volto a ter companhia na cama de casal, onde a cada noite nunca se sabe quem dormirá e por quanto tempo. «Era fome?» «Acho que não, tive de a embalar.» «Com que tipo de movimento?». Mas a mãe, talvez demasiado cansada para ser detalhada nas descrições, não responde sequer, já de olhos fechados.

É impressionante como os bebés param de chorar quando em movimento: ao colo, embalados nos berços, carregados pelas mães, viajando no carrinho ou no carro. Reminiscências da barriga da mãe, onde ouviam e sentiam os seus órgãos, o seu sangue, os seus passos. Como se o movimento fosse o nosso estado natural, primordial.

Foi com este tipo de pensamentos que, durante o pouco tempo útil disponível, e com os poucos neurónios que tinha despertos, encomendei uma rede de descanso. Pareceu-me uma boa solução para embalar a criança enquanto nós descansamos também. Restava saber se a

Bia respondia bem a esse tipo de balanço; nada o podia garantir.

Quando chega, e a montamos com um entusiasmo tão festivo como se se tratasse de uma árvore de Natal, a rede revela-se um retumbante sucesso — nesse dia conseguimos que dormisse no colo da mãe na rede, enquanto eu dormia no sofá, e dormiu pela primeira vez quatro horas e meia seguidas, algo que nos parecia impossível no dia anterior. Mas poderia dever-se também a alguma fase tranquila no crescimento da bebé; talvez não haja nenhum crescimento repentino neste momento, a esticar-lhe os ossinhos só ela sabe com que dores.

Aliás, foi toda uma semana maravilhosa, a semana da chegada da rede. Instalámo-la ao lado da janela da sala, no canto mais apazível, e durante todo o dia não saíamos dali. Um ou outro ficávamos com ela ao colo enquanto ela dormia, ou, acordada, brincávamos com ela em cima de nós, mantendo o nosso corpo em descanso. Era como termos um colo para nós mesmos enquanto a segurávamos a ela ao colo. Não foi solução milagrosa; ainda precisávamos de mudar de ares de quando em vez, para garantir que não chorava por aborrecimento, mas foi efetivamente uma semana, ou perto disso, absolutamente memorável, que nos permitiu restabelecer um mínimo de sanidade. Vivíamos numa espécie de oásis, esquecemos toda a gente para além de nós, não respondemos a telefonemas e só abríamos a porta a entregas de

comida. Deixámos os banhos para depois, a roupa suja acumulada para sabe-se lá quando, bolachas e água em lugares estratégicos para que nunca nos faltasse algo para debicar. Ao mesmo tempo que suspendemos a rede, suspendemos tudo o resto. E a rede sustentou-nos a todos.

Naturalmente, essa acalmia não durou para sempre. Houve o momento em que a roupa teve mesmo de ser lavada, em que os avós começaram a ligar insistentemente, preocupados. Na verdade, já precisávamos desse contacto com o exterior. Tal como precisámos desta bolha de proteção momentânea, para recuperar forças ao nível mais básico do que é ser humano: respirar, beber, comer, dormir. Minimamente descansados, sentíamos a falta do resto: conversar, ver gente, ver coisas, sentir o sol e o vento, e mesmo ler um pouco, ver qualquer filme, lembrar que somos animais evoluídos, para lá daquele casulo temporário.

Distraio-me, não sei bem a que horas, do início ou do fim da tarde, a ver um filme sobre viagens, ou melhor, sobre uma viagem intrigante da qual já ouvi falar: um homem propõe-se dar a volta ao mundo de barco, sem parar nenhuma vez em terra desde que sai até que regressa, sem ter para isso qualquer experiência no mar. Identifico-me com a ideia de embarcar numa viagem despreparado. Dou por mim a tentar imaginar se esse tipo de movimento, que faz um barco em alto mar, seria o ideal para embalar a Bia.

O protagonista está ainda em preparação da viagem; acaba de parar o carro para pôr gasolina, ainda em terra. Cruza-se com um vendedor de autocaravanas e estabelece-se um curto diálogo: «*These things seem to sell themselves. Everyone wants to go somewhere else and have somewhere to sleep when they get there.*»³

O filme prossegue, mas eu fico vidrado nesta frase. Uma casa com rodas, uma casa que se move. Comento isto com a Matilde, que responde, nas suas frases curtas no limiar do esforço, às quais já me habituei: «Sempre quis ter uma».

A ideia começa então a desenhar-se na minha cabeça. Não sei se sempre quis ter uma, mas estou realmente curioso para saber se uma autocaravana não poderia ter o mesmo efeito da rede de descanso, mas mais duradouro. Sim — uma casa, que se move. Para além de arejarmos dentro da casa, como simplesmente temos feito para evitar o aborrecimento da Bia, poderemos mudar *a casa* de lugar. Dormirmos os três num mesmo espaço, pouco ou nenhum esforço para a alcançar e lhe dar de mamar. O ar livre sempre ali ao lado, um quintal renovado onde quer que fôssemos. Seguirmos os instintos da Bia e por-mo-nos nós todos dentro de uma barriga que nos acolhe e que se mexe; dormir por cima das suas entranhas. Sim: movermo-nos e ao mesmo tempo estar em casa, *ficar*.

3 «Estas coisas vendem-se praticamente sozinhas. Toda a gente quer ir para outro lugar e ter algum lugar onde dormir quando lá chegarem.»

Passei a dedicar todo o tempo que conseguia, em cada sesta ou pausa da brincadeira, a procurar uma autocaravana que pudéssemos pagar. Não faríamos férias tão cedo, certamente; não era má ideia investir nisso as nossas poupanças. Procuo, procuro, até que encontro uma de três lugares, com o tamanho e preço certos para nós. Uma ferrugem aqui e ali; posso entreter-me a repará-las depois de partirmos. Vai haver sempre alguma reparação para fazer, isso é certo. É inútil pensar que podemos ter tudo perfeito antes de partir.

As malas fizeram-se à pressa, já que as ganas de nos fazermos à estrada eram maiores do que tudo. Tudo o que nos faltasse se arranjará. E a verdade é que não chegámos a sentir falta de praticamente nada. Tínhamos a nós, tínhamos a Bia, as fraldas, a água, a comida, roupas confortáveis que nem pensávamos em combinar melhor ou pior. A vida tornou-se mais simples, e não foi preciso ir muito longe para percebermos quão boa tinha sido aquela ideia. Os dias correm rapidamente — não com aquele vagar a que nos tínhamos habituado, o fim do dia não chegando nunca mais. Quando aborrecidos, ligamos o motor, fazemos um pouco de estrada, descobrimos um novo poiso. Chegamos, apreciamos a nova vista, olhamos um para o outro enternecidos.

A Bia parece-nos feliz. Mas, mesmo quando chora, como o faz agora, os dois olhamos um para o outro com toda a tranquilidade. Já estava na altura de mudarmos

de lugar. Ajustamos-lhe os cintos da cadeirinha; mesmo que ela esperneie, não nos incomodamos com isso pois sabemos que logo acalmará. Assim que ouve o motor, o choro torna-se mais lento, mais espaçado; e quando voltamos a caravana para o lado do sol, sem querer, Bia solta um grito mais curto e vira a cabeça para o lado, fechando os olhos. Fecha os olhos e começa um choro baixo, murmurado, que vamos começando a reconhecer como uma espécie de canção de embalar para ela mesma. Ainda não tínhamos chegado à estrada principal e ela já tinha adormecido de novo. Contentes por não ter de ir muito mais longe, escolhemos outro lugar para parar por ali mesmo, mesmo que apenas temporariamente. Encontramos mais um recanto esquecido, com uma paisagem soberba. Entreolhamo-nos com enorme carinho e simplicidade. Abrimos a nossa cama, voltada para a paisagem, e encaixamos o corpo um no outro, acariciamo-nos, beijamo-nos, vamo-nos despindo aos poucos. Foi deste namoro que surgiu a Bia, mas desde que a Bia veio ao mundo, tínhamos perdido a capacidade ou a vontade de o fazer. Que bom que é este reencontro. Aqui, num lugar de que nem sei o nome, mas que, de momento, é *casa*. Casa é o lugar onde nos sentimos seguros. Onde queremos sempre voltar; ao qual voltaremos sempre.

Com toda a calma, olhamo-nos e acariciamo-nos, até que um arrepio de frio nos obriga a voltar a vestir. Matilde pede-me que não vista o casaco. Levanta-se,

abre a mochila com as suas coisas, tira uma caixinha de lata dourada, antiga, com uma pintura gasta onde se destaca um botão desenhado no centro, rodeado por um arabesco formado por uma dança entre agulhas e linhas. Dela retira um botão, igual aos do meu casaco, que eu não sabia que tinha perdido. Deve tê-lo encontrado em algum lugar e guardado. «Finalmente tenho vagar para isto.», diz-me, sem explicar o que vai fazer. Escolhe a linha, estica um comprimento suficiente, corta-a com os dentes, deixando as pontas humedecidas de saliva. Levanta a agulha para a luz, olha com atenção, devagar dirige o fio partido para o buraco da agulha que cintila. Puxa a linha com cuidado. Coloca o meu casaco por cima do seu colo, e vagarosamente cumpre aquele ritual ancestral, um conhecimento passado por gerações, que não dura mais do que uns minutos, mas parece suspender o tempo por uma eternidade.

Matilde acaba de coser o botão e entrega-me o casaco, com alguma reverência, apenas com um sorriso, como se se tratasse de uma delicada cerimónia do chá. Sem querer quebrar aquela reverência, pego nele com cuidado, visto uma manga de cada vez com toda a calma. Aperto os botões um por um. Quando chego àquele que acaba de voltar ao seu lugar, Matilde coloca o seu dedo indicador sobre o lugar onde ele acaba de reentrar e diz: «Casa». Levanto os meus olhos para os olhos dela, e digo: «Casa».

Santa Maria Maggiore

Julgava que já não existiam carruagens destas. Dá-me a impressão de estar prestes a entrar num livro de Agatha Christie (e que pena que Andrea Camilleri não se tenha virado para os comboios) — em qual compartimento se dará o homicídio? Brinco, mas a verdade é que encerrar-me num compartimento de oito lugares e porta fechada, encimada por uma cortina espessa apesar do vidro transparente, traz, além de uma certa nostalgia, um pouco de medo. Não — um pouco de adrenalina, é melhor dito. Medo de quê, se quase todos os compartimentos estão vazios? Provavelmente não será difícil ter um inteiro só para mim daqui até Veneza.

Engano-me; logo de seguida, em Cefalù, entra um homem entroncado, o cabelo rapado, má cara, ar de poucos amigos. Claro que tinha de escolher justamente o meu compartimento... Mas, vamos, chega de receio; isto não é um policial — e, se fosse, o mais suspeito seria precisamente o mais inocente. Dispam-se os preconceitos. É um ser humano como eu; partilhemos a viagem. Terá os seus pensamentos, os seus dias melhores e piores. Deixá-lo estar. Ter visitado a terra onde nasceu a máfia

deve estar a influenciar a forma como ajuízo os outros.

Na estação seguinte entram bastantes pessoas; vem-me o pensamento de que inevitavelmente uma delas entrará no nosso compartimento também. Assim acontece: um outro homem, mais franzino e elegante, quase feminino até, com uma cicatriz em cima da sobrancelha que de certo modo o favorece, espreita para dentro do compartimento. Vendo que havia espaço, abriu a porta para se instalar.

Achava eu que era pela questão do espaço — logo essa hipótese se anula quando os dois homens se cumprimentam efusivamente e se abraçam, ignorando a minha presença naquela pequena divisão. Mas foi estranho este cumprimento. Feliz, sem dúvida, mas algo pesaroso também. O rapaz mais novo e magro instala-se então ao lado do seu amigo. Tira o casaco, sob o olhar atento do outro. Segura na sua bagagem, um saco de alças preto, pequeno mas cheio como um ovo, as costuras repuxadas como se não coubesse em si; como se não fosse um corpo inerte mas estivesse em contínuo movimento de expansão para fora de si mesmo, seguro apenas pelo grosso tecido envolvente. Levanta-o energicamente acima da cabeça para o colocar no lugar destinado às malas, por cima dos bancos. O homem grande, que nem por um momento desviou o olhar do seu conhecido enquanto ele executava estes trâmites corriqueiros, fixa o olhar numa nesga de pele que se descobriu com aquele gesto, por breves

instantes. Entre o fim da camisola e o início das calças revela-se um pouco dos seus abdominais contraídos e a crista íliaca protuberante, desenhando bonitas curvas, ainda que por uns segundos apenas. Aquele olhar atento do homem grande surpreendeu-me — parecia predatório. O que arrumou a mala volta a sentar-se, expedito, sem reparar. O outro disfarça o desejo. Sim, havia algo de desejo ali, alguma lascívia. Mas, no trato, só companheirismo; algum enfado à mistura também, da parte do mais franzino. Um amor não correspondido?

Olho para a janela, tentando não dar a entender ter percebido tudo isto (ou melhor, ter ficado a pensar em tudo isto). Consigo imaginar com facilidade como aquele pedaço de carne bem desenhada pode provocar o desejo de agarrar, só não o esperava ver no olhar deste outro homem. Encho-me de curiosidade para saber qual a relação entre eles; olho para fora mas abro os ouvidos totalmente, tentando apanhar qualquer pista deixada ao acaso.

Sem sucesso; a conversa não revela intimidade. Pelo menos, pelo que percebo deste italiano difícil até para os italianos. Teriam passado, ambos, algum tempo com as suas famílias. Cada um com a sua, não registo nada sobre quaisquer cruzamentos. A Páscoa, penso. A Páscoa ainda a reunir famílias, e não apenas a fazer mover as rodas capitalistas do turismo. Entoam na minha cabeça coros amadores cantando *Agnus Dei*, levantando memórias de igrejas bafientas, nas quais os primeiros raios

de sol quente começam a soltar a humidade acumulada pelas pedras durante o Inverno. Fecho os olhos por um momento: «*Qui tolis peccata mundi, qui tolis peccata*»...

Os cânticos que entoam na minha cabeça absorvem-me de tal maneira que quase não sinto que acaba de entrar também uma mulher no nosso compartimento; só me apercebo quando a ouço cumprimentar os outros ocupantes, de novo com uma espécie de efusividade cansada, a avaliar pelo tom de voz. Ninguém me poderia ter avisado que aquele compartimento estava reservado para uma reunião de amigos? A solidão que ainda há pouco me amedrontava parece-me agora um desejo distante. «*Miserere nobis, miserere...*». Abro os olhos apenas de soslaio, para ver quem, afinal, me acompanha. Esta mulher tem, efetivamente, um ar esgotado. Rugas precoces, má pele, uma magreza que a envelhece. Notando que está a ser observada, cruza o seu olhar com o meu, um olhar que me congela por completo e me faz querer fechar os olhos de novo. «*Dona nobis pacem*». A pessoa que menos me inquieta neste momento acaba por ser o homem grande do qual tive medo quando entrou; parece-me agora uma figura protectora, algo amistosa, em quem eu poderia talvez confiar, por exemplo para me vigiar a bagagem na minha ausência.

Mas o ambiente, no geral, é inquieto — e não apenas da minha parte, parece-me. Olho para fora, olho para os sapatos, tento sentar-me de forma relaxada, revelando

desinteresse, mas creio que não engano ninguém. Sinto-os atentos a mim; doseiam as palavras com cuidado, vão-me deitando o olhar de tempos a tempos, um de cada vez. Parecem constrangidos pela minha presença, mas, que hei-de fazer? Sair com as malas para o compartimento ao lado? Seria tolo, preconceituoso, injustificado.

Bem desejaria um buraco pelo qual escapar sem rasto, mas não sou capaz ainda de materializar os meus desejos apenas com o pensamento. Ocorre-me esse vazio que carregamos sempre connosco: fecho de novo os olhos, com vontade de adormecer, de me apagar. Funciona, parece-me; a atmosfera parece mais leve, as frases seguem-se umas às outras com menos pausas entre elas. Posso confirmar que de facto funciona porque de repente um solavanco mais forte desperta-me do meu sono fingido — e então a conversa volta a ser medida com régua e esquadro, calculando, suponho, a sua distância a mim.

Não tenho sono, mas perante aquele incómodo tenho de facto muita vontade de adormecer. Esforço-me então para aperfeiçoar a técnica do embuste, para que ninguém descubra se realmente durmo ou não. Na impossibilidade de desaparecer, esta parece-me a melhor estratégia: fingir que não estou. Com o corpo o mais relaxado que consigo, deixo os olhos fecharem de novo, e volto para as igrejas bolorentas e para o cheiro a incenso queimado. Retorno às missas da infância e abro um longo bocejo. Esforço-me por relaxar todos os músculos da cara, deixo

a boca entreabrir-se. Abandono completamente o corpo, deixo a cabeça pender contra a vidraça aquecida pelo sol. Relaxo os braços, deixo-os pousar onde quiserem. Permito que os solavancos do comboio me agitem o corpo conforme lhes apeteça. «*Miserere nobis, miserere*». Em minha volta então a conversa contínua reestabelece-se, numa melodia sem quebras. Palavras fluidas sobre coisas mundanas. Encontramos o embalo perfeito: o ritmo do comboio, a minha fuga para dentro, a troca de palavras amistosas entre conhecidos. E assim seguimos durante bastante tempo, não sei dizer exatamente quanto; talvez tenha adormecido de verdade. Mas, se dormia, volto a despertar com um novo silêncio, que achei estranho. De novo as frases se começaram a fazer curtas, finas, afiadas como lâminas, com cortes profundos entre elas.

— E então, já souberam?

— De quê?

— Entraram na casa do Ciccio.

— Shiu...

— Oh, está a dormir desde que entrámos.

(silêncio)

— E então, apanharam-no?

— Sim, não consegui fugir. E apanharam as cenas.

— As cenas... todas?

— Não, só o que estava à vista.

— Então ainda está lá o resto?

— Pois, deve estar.

Deus meu, bendita a hora em que fingi dormir. Faço força para não abrir os olhos; faço força para não fazer força com as pálpebras de maneira a denunciar-me. Como vim aqui parar? Como é que de repente me vejo, ao que entendo, entre criminosos?

— É pena...

(Abre-se um leve rumor de riso; não, não cederei ao riso coletivo, mesmo que dentro de mim um riso nervoso queira estalar.)

— É que é mesmo pena...

(risos)

— Então?

— É pena que não possamos lá ir.

Ecoam gargalhadas sinistras, saem das gargantas comidas pelo tabaco, levantam poeiras depositadas nos pulmões desde infâncias de má fortuna. Resisto, resisto. A boca entreaberta, a baba que saia se quiser sair, desde que não me faça cócegas.

Alguém interrompe:

— Então, e o Peppe?

— Não estava, teve sorte.

Um silêncio pesado instala-se nesse momento. Mas não consegui perceber que sentimento ocupava aquele silêncio. O Peppe, o Peppe que escapou, estava ali conosco. Mas porque inspirava tanta reverência, tanta solenidade? Respeito? Inveja? Sede de justiça? Um pouco de todos? Cada um com o seu? Pela primeira vez tive

vontade de abrir os olhos. Mas que interjeição me poderia dar a resposta a estas perguntas? Para onde poderia dirigir rapidamente o olhar para confirmar tudo isto? Um cerrar dos dentes, um aperto de maxilar? Um olhar longínquo para a paisagem que nos escapa a todos a cada momento nesta viagem?

Prontamente recomeçou a conversa, e eu continuei sem resposta. Falavam agora de outras coisas, de novo mundanas, sem aquela gravidade pesarosa. Mesmo parecendo que seria agora seguro abrir os olhos, resisto. E ainda bem que o fiz, pois agora sim percebo onde estou, quem são e o que fazem aqui estes meus companheiros de viagem. Foi apenas um pouco antes de mudarmos de comboio em Roma que percebi que têm exatamente o mesmo destino que eu — Veneza. Com uma importante diferença: eu, a passeio, em turismo; eles, voltarão aos seus estabelecimentos prisionais depois da saída para a Páscoa. Ela a um edifício, eles a outro, cada qual bem separado por um emaranhado de canais.

Nunca pensei vir a viver isto. Nunca fiz amizade com ninguém que se movesse fora dos limites da lei. Raramente terei passado limites de velocidade. Nunca visitei ninguém a uma prisão. Não sabia que aos prisioneiros (suponho que não a todos) era dada a possibilidade de visitar as famílias, talvez pela Páscoa e pelo Natal. E no entanto, aqui estou, com esta companhia improvável. Tenho simultaneamente um sentimento de repulsa — afinal,

estas são pessoas que em certo momento se considerou ser pouco seguro que convivessem com o resto da sociedade — e uma relação de compaixão, no sentido de partilharmos algum tipo de sentimento, uma afinidade. Viajamos num mesmo compartimento finito, respiramos o mesmo ar, o comboio leva-nos para o mesmo sítio. Somos diferentes, isso é certo, mas partilhamos algo. Daqui a pouco pararemos em Roma, e todos mudaremos de comboio para seguirmos até Veneza. Vimos aproximadamente do mesmo lugar; vamos para o mesmo lugar. Mas haverá esse corte, essa oportunidade de nos separarmos. Se, no início da viagem, o desejava, por medo, agora que se confirma que o seu ar perigoso é justificado, sinto, pelo contrário, uma enorme pena de me separar. Custa-me o desfazer de um laço, que pode não ser mais do que uma relação de interesse, de curiosidade, da minha parte. Afinal, um viajante é aquele que está disposto a ser confrontado com aquilo que é diferente; que deseja a oportunidade de esbarrar com um *outro* diametralmente oposto a si mesmo.

Sim, decido continuar a viagem perto deles, a não ser que essa proximidade seja demasiado notória ou embaraçosa. E nesse momento abro os olhos de forma convicta, como se nunca tivesse dormido, nem muito menos fingido dormir; de repente esse comportamento parece-me simplesmente idiota, perante a óbvia coragem daqueles meus companheiros, gente que conseguirá

farejar a mais pequena réstia de logro ou de trapaça a milhas de distância.

Ocorre-me ainda um pensamento que atesta a minha estupidez: eu, a única pessoa naquele compartimento que propositadamente pagou o bilhete para atravessar o país por terra e assim comer toda a paisagem possível, fiz metade da viagem de olhos fechados. Eu, voluntariamente aqui, fujo. Eles, ordeiramente entregando-se de novo à instituição de onde não voltarão a sair tão cedo, bem que têm o direito de usufruir da viagem como bem quiserem.

Tento agora olhá-los de frente, reunindo em mim toda a coragem para o fazer. Quem são estas pessoas? Quem os prendeu? Poderá dizer-se que foram os seus actos, portanto, eles mesmos? Mas qual polícia em particular, atando-os com que algemas? Teriam eles oferecido os braços ou resistido? Isso importa? Como vivem eles, como sobreviver dentro de um espaço do qual não se pode sair? Não se pode sair de forma muito diferente do que numa ilha (Sicília, por exemplo), na qual há uma fronteira que não se transpõe por falta de meios; embora de certa forma haja também uma impossibilidade física. Como viver com esses limites? Que impressão que isso me faz a mim, que estou aqui para explorar esses limites do que posso visitar, fazer, viver. E, no entanto, a ideia horroriza e fascina-me talvez em partes iguais.

E, entretanto, Roma. Mas não, não os posso perder. Agora que não precisaria de viajar junto destas pobres

almas, sinto que estamos presos entre nós, como se partilhássemos um mesmo destino que ficou traçado quando nos cruzámos num mesmo compartimento de carruagem. Bom, isso é factual: partilhamos um mesmo *destino*. Não partilhamos, talvez, um mesmo *fado*. Finjo total desinteresse, quase tanto como quando dormia, mas tenho o cuidado de entrar na mesma carruagem que eles; agora uma carruagem longa, moderna, com cadeiras voltadas para ambos os lados, para os que demoram o olhar naquilo que deixam para trás e os que devoram com o olhar o que está à sua frente. Afasto-me um pouco, claro. Não esqueço que não somos amigos — apenas a minha curiosidade me une a eles. O que pensam eles de mim, só poderei supor.

Mas sou idiota — esqueço-me que, dentro do comboio, são livres para se moverem à sua vontade. Descontentes com o que quer que seja, avançam para a carruagem seguinte. Continuando de forma impecável o meu desinteresse fingido, mantenho-me no mesmo lugar.

Fui-me conseguindo distrair durante a viagem, mas nunca saíram totalmente do meu pensamento. Mesmo quando dormia — e agora dormia de verdade — ocupavam os meus sonhos. Lembrei-me de Benjamin Franklin condenando os que abdicam da liberdade em prol da segurança. No caso, é a liberdade destes homens que é o preço da nossa segurança, uma segurança hipotética aliás, uma tentativa de eliminar certas possibilidades

de perigo contendo presumíveis ameaças. E eles mesmos, vendo os seus movimentos restritos, sentir-se-ão seguros? E como encaram eles esta amostra de liberdade condicionada, este respiro, sabendo que em pouco tempo voltam ao mesmo? Não resisto, e volto a procurá-los à saída, em Veneza, na certeza de que os encontraria de novo na estação.

Encontro-os efetivamente e acompanho-os de longe. Como já esperava, a mulher segue outro caminho. Eu prefiro manter-me com os dois homens que me intrigam há mais tempo, especialmente o primeiro que entrou na minha carruagem. Convoco em mim toda a coragem para o fazer, da forma mais discreta possível. Não é difícil: eles parecem estar a marimbar-se para o que os rodeia, ensimesmados, calados, de olhar baixo. O mais forte vai deitando o olho para o outro, talvez em atitude paternal. Só levantam o olhar para o alto quando se encontram em frente ao portão de entrada — de entrada, pois; a saída não lhes será permitida, de novo, tão cedo. Lá em cima, uma escultura em alto-relevo representando um leão com asas — ah, a ironia.

O mais franzino lê alto: «Santa Maria Maggiore», com um tom de voz algo desafinado que ressoa a desespero e a resignação. «Santa Maria Maggiore», repete o outro, numa espécie de sussurro solene, olhando para ele com um sorriso sereno, no limiar do enternecimento. Creio que não me engano desta vez na interpretação

daquela expressão: sim, parece-me que efetivamente consigo ler alguma felicidade. Aquele belo rapaz está preso a seu lado.

Vale/Montanha

Vivíamos numa casa no sopé de uma pequena montanha. Por trás dessa montanha havia um caminho de ferro, de maneira que ouvíamos os comboios que passavam, mas eles nunca se chegavam a ver. Eram como vozes, que vinham para nos dizer que havia sítios longe daquele, e depois partiam de novo.

«Lá vem o silvo», dizia eu alto, muitas vezes apenas para mim mesmo — e abria a porta da rua como que esperando que o comboio entrasse. «Faça favor», diria eu. Mas não; este é um convidado fantasma, vem apenas para me falar sobre direcções possíveis — a mim, e aos animais que assusta, às vezes mais, outras vezes menos. Algumas aves mais serenas deixam-se ficar, quando muito dando pequenos pulos, enquanto outras levantam em voo rápido e enérgico como um sopro, assim que ecoam as primeiras notas.

Também eles, os pássaros, descrevem trajetos sonoros no seu voo — estes sem uma base retilínea que os ampare e direcione. São completamente livres; não há trilhos que os agrilhoem. Vêm cantando de lá longe, piam por cima de nós, demoram-se se quiserem, e de

novo levam o seu piar para longe. Por vezes, talvez por superstição, tentava encontrar uma matriz entre a direção que eles tomavam e a direção do comboio seguinte. Olha, três pássaros seguidos de norte para sul; com certeza espantados pelo próximo comboio que aí vem. Vai ser de norte para sul o próximo. E, por vezes, era mesmo.

Levantava bem a cabeça para o ar e corria para a porta assim que pressentia aquele ligeiro tremor da terra, o ruído do movimento ele-mesmo, do comboio a passar no trilho, que precede o assobio ativado pelo maquinista. O ruído próprio do movimento do comboio vem da terra, ouve-se ao longe se nos deitarmos e encostarmos o ouvido ao chão. E é inescapável. O comboio é incapaz de passar pé ante pé, sem nos incomodar. Já o apito, surge apenas num momento aleatório, escolhido pelo maquinista por razões que talvez nem ele mesmo conheça em toda a sua profundidade; haverá sempre muito de instinto nisso, bem sei. Por razões práticas, como a aproximação de um amontoado de casas perigosamente próximas da linha, às vezes. Outras vezes, por razões burocráticas, para cumprir mais uma função no conjunto de tarefas que compõem a profissão, coreografias concebidas *a priori* por um gabinete central. Ou porque vê algum animal cruzar a linha e o quer afugentar. Ou mesmo porque o maquinista vive por perto e sempre cumprimenta, ao passar naquele troço, alguém que o espera mais tarde para jantar.

Levanto a cabeça, dizia, ao primeiro pressentimento de que ele vem lá, e corro para fora da casa, onde avisto a vizinha curvada sobre a terra, sachando, num movimento contínuo e repetitivo, circular. É uma sucessão de gestos que a cada repetição desenham um círculo, cada segmento bem definido pelo tipo de força empregue — ora de braços, ora de inércia; ora humana, ora terrestre —, a gravidade da terra participando nessa contradança que tem como objetivo abrir sulcos nela; na qual participa mesmo que não o deseje. Mas a vizinha, ainda que não pense muito nisso, não perde pela demora: a cada gesto a terra está a levá-la um minuto mais longe, dia após dia mais próxima dela.

Dois tipos de movimento, estes, o do comboio que passa e descreve uma curva atrás da montanha que o invisibiliza, desenhada pelo som que emite à sua passagem, e o da vizinha a sachar a terra, dançando com a gravidade, de costas para o comboio que passa e que não conseguiria ver de qualquer maneira. É bonito, sem dúvida, mas no meio de tudo isso, o que me causa mais impressão é mesmo a ausência de vontade da vizinha de levantar os olhos para tentar ver um comboio que ela sabe perfeitamente que nunca veria. O que só me obriga a confrontar-me com a estupidez deste meu ímpeto. A verdade é que não me consigo impedir a mim mesmo — sempre espero algo de novo a cada nova passagem do comboio.

Hoje, parece-me justificada essa espera. Ali, adiante, na terra recentemente revolta, junto de um grupo de pássaros que debicavam minhocas e sementes acabadas de ser expostas pela sachola, chamou-me a atenção algo que brilhava. Sem saber ainda muito bem o que era, mas avaliando pela maneira como cintilava, pensei de imediato que seria um tesouro, uma pepita de ouro pura, se não no sentido literal muito certamente no metafórico, especialmente para quem não prevê novidade nenhuma no correr destes dias tão quietos. Algo de especial que terá sido desenterrado pela sacha recente, suponho. Mas no fundo do meu pensamento quero acreditar que é algo que o comboio me trouxe. Aproximo-me e vejo que é um papel, de um branco refulgente quando exposto ao sol daquela forma, contrastando com a terra escura e fértil. A sua forma faz-me sorrir e acreditar ainda mais na minha hipótese sem sentido: é um papel amassado, mas que parece em tempos já ter estado impecavelmente dobrado na forma de um avião. Sim, talvez fosse isto que eu esperava, este algo inesperado, quase mágico, extra-ordinário. Ou é mais ainda do que isso. Em letras capitulares, acrescentadas posteriormente no que sobrou do topo da página, leio: «AVES LLANAS», e ocorre-me como um calafrio a presença da montanha aqui ao lado, que tanto me inquieta, e contraria qualquer hipótese de lhanura. De resto, tenho pena mas não lhe percebo completamente o sentido, não só porque não falo bem a

língua mas também porque a viagem que fez até chegar aqui, sabe-se lá de quanto tempo, deixou nítidos estragos. Ou talvez seja ainda mais valioso por isso — por um lado por esse carácter exótico, e por outro lado por ser algo que escapou, pelas minhas mãos, de um esquecimento certo.

Sim, era algo como isto que eu esperava, que eu previa como numa visão, que eu desejava desde que nos mudámos. As coisas mágicas acontecem quando finalmente se pára. Quando nos sintonizamos com o movimento primordial das coisas. Nas idas e vindas diárias daqui para ali, repetidamente, sem saber bem porquê, seria impossível reparar num papel dobrado de forma insólita no meio do chão. Passaria por cima dele, sem o conseguir evitar. Sei que é isso que faria, pois isso é o reverso desta visão que desejo como que num sonho — o pesadelo seria precisamente passar por cima de um papel amassado de forma insólita sem o conseguir evitar. Quantas vezes já não teremos pisado poemas ou cartas de amor, pensando que eram lenços usados ou bilhetes caducos? Talvez nenhuma; talvez nos lugares onde se vai e vem sem se saber bem porquê também não haja tempo para escrever poemas ou cartas de amor — e essa é outra forma triste de lhes passar por cima. Não sei bem. Não sei, não sou poeta. Apenas sinto, desde o acidente, um infinito desejo de travar, ou, pelo menos, de abrandar, para poder reparar em tudo isso.

Na verdade, mesmo antes do que aconteceu tínhamos já chegado ao ponto em que não conseguíamos mais completar as viagens diárias. Acotovelar pessoas no metro, bocejar de manhã com as cabeças pendendo para o lado, e lançar olhares fulminantes para os únicos assentos livres à noite; chegar a casa tão exaustos que não conseguíamos fazer comida para levar à boca: ela tinha de ser trazida até nós. Comida que pagávamos com o que não sobrava ao final do mês — que nos alimentava e nos sugava ao mesmo tempo. Que alimentava toda esta máquina, isso sim, certamente. A cada semana as engrenagens ficavam mais pesadas, menos oleadas, mais ferrugentas — e mais difíceis de concertar.

Era até difícil falar sobre isso, escapar nem que fosse pela linguagem. Mesmo os sonhos tinham dificuldade em quebrar essa espessa barreira: o peso gerado pela força da inércia. Às vezes pensávamos: «E se...», mas depressa algum anúncio nos capturava a atenção e não deixava lugar a quaisquer dúvidas. Ordeiros, prosseguíamos, comprávamos, produzíamos. Sempre no limiar do cansaço, num fino equilíbrio entre ser humano e ser máquina.

Até que um de nós foi involuntariamente expulso da corrida. Num momento de fraqueza, quero acreditar que involuntária, deixei escapar a ordem certa das coisas e errei. Um erro grande, descabido, sem sentido, que fez todo o meu mundo desabar, me tirou o chão naquele instante e para sempre, irrevogavelmente.

Por respeito aos vários anos de serviço sem falhas, foi-me permitida a saída com uma palmadinha nas costas, um olhar condescendente e um cheque. Engraçado como as emoções se misturavam nessa altura: ultraje, vontade de pedir clemência, e ao mesmo tempo um vislumbre de liberdade que cintilava naquele papel, mesmo que nessa altura essa liberdade fosse um brilho difuso, como se tivesse dificuldade em se exprimir. Esse cheque, aquele pedaço de papel com letras colocadas de certa maneira, era afinal o meu bilhete para longe, para o lugar que eu tanto desejava. Foi com ele que pudemos comprar esta casa, o que nos permitiu abrandar o ritmo e viver finalmente uma vida tranquila.

Somos felizes, aqui, nós os dois. Agora, aqui, ficamos — agora, fico, não viajo mais. Mas não deixo de correr quando oiço o comboio. E há algo nesta montanha que me assusta, me tira o ar. Tu nunca me fazes perguntas sobre o acidente. E eu nunca te falo sobre como a elevação desta montanha que nos cobre me agonia. Como se cobrisse os dias de sombra. E lá vem a noite, outra vez. Não há descanso possível dessa ida e vinda do sol e da lua, um atrás do outro.

Sim; aqui fico. Mas na verdade, à medida que dia avança, sinto-me em declínio junto desta montanha, quem sabe a resvalar por ela abaixo com rumo incerto. Parar é uma impossibilidade. Há sempre uma ligeira descida ou uma ligeira subida. Se me sinto parado, o

mais provável é estar a descer, sem esforço aparente da minha parte, levado pela gravidade numa queda certa.

Que ideia tola, estás a deixar-te abater pela melancolia outra vez. Não sejamos pessimistas. Talvez sejamos levados numa sucessão de montanhas e vales contínua. Um origami cheio de dobras-montanha e dobras-vale, do qual não se sabe qual o direito ou o avesso. Um papel amassado e atirado a um baldio. Um avião de papel escrito, amassado pelo tempo. A vida como esta bola de papel amassado — irmos circum-navegando esse estranho astro de facetas infinitas, lidando com as suas montanhas e seus vales, seus picos e seus abismos.

Vamos, não penses na vida; volta para casa antes que se faça noite outra vez.

Aves llanas

Ayer — dijo el — no había ninguna montaña aquí, donde estamos ahora. Todo era llano y placido, la luz calentaba la superficie. Las palabras resonaban desde aquí hasta el horizonte, sin atascos ni retrasos. Los oídos se hacían grandes; a ellos no se les escapaba ninguna sílaba, fuera pronunciada aquí, o en qué rincón fuera. Las distancias se deslizaban. Entre vagas cortinas, y no paredes, se movían las personas cuando querían hablar más despacio, de cosas más improbables.

Sobre todo, las aves eran llanas. Pájaros alados con amplias hojas, embebidas de la juventud de la sabiduría de antaño. Con un pequeño soplo, recorrerían distancias inimaginables. De estas aves llanas nacían frutos que eran todo lo que comíamos, fuese por la boca o por los oídos.

Hoy yace este valle entre nosotros (no sé bien si las montañas se irguieron, si la llanura se sumergió), y son menos las aves capaces de tejer un hilo desde aquí hasta el horizonte, aunque el horizonte parezca más cerca.

Así terminó de hablar el sol poniente, justo cuando llegaste. Así siendo — pensé yo — habrá que encontrar

el valle donde nos sentimos más pequeños — y seguí mi viaje por las páginas de mi cuaderno, después de te haber dicho tímidamente que me parecías muy bien. Quédate con ella — dijiste tu en mis sueños — por la tinta que se esparció entre nosotros mientras tanto.

Pero eso no era lo que me apetecía. Quería regalarte estas palabras cuando volvieras de la cafetería, seguro que volverías a pasar por mi vagón en tu regreso, y ahí sí, tendría el coraje para decírtelo todo. Tu «¡Hasta pronto!» lo prometía. Pero tú nunca volviste.⁴

4 Ontem — disse ele — não havia nenhuma montanha aqui, onde estamos agora. Tudo era plano e plácido, a luz acalentava a superfície. As palavras ecoavam desde aqui até ao horizonte, sem atascos nem atrasos. Os ouvidos faziam-se grandes; não se lhes escapava nenhuma sílaba, fosse pronunciada aqui, ou em que canto fosse. Deslizava-se pelas distâncias. Entre vagas cortinas, e não paredes, se moviam as pessoas quando queriam falar mais devagar, sobre coisas mais improváveis. Acima de tudo, as aves eram planas. Pássaros alados com amplas folhas, imbuídos da juventude da sabedoria de outrora. Com um pequeno sopro, atravessavam distâncias inimagináveis. Dessas aves planas nasciam frutos que eram tudo o que comíamos, fosse pela boca ou pelos ouvidos.

Hoje jaz este vale entre nós (não sei bem se as montanhas se ergueram, ou se a planície se submergiu), e são menos as aves capazes de tecer um fio daqui até ao horizonte, embora o horizonte pareça mais próximo.

Assim terminou de falar o sol poente, mesmo quando chegaste. Assim sendo — pensei eu — haverá que encontrar o vale onde nos sentimos mais pequenos — e continuei a minha viagem pelas páginas do meu caderno, depois de te ter dito timidamente que me parecias muito bem. Fica tu com ela — disseste tu nos meus sonhos — acerca da tinta que se espalhou entre nós nesse meio tempo.

Mas não era isso que eu queria. Queria oferecer-te estas palavras quando voltasses do bar; com certeza passarias pela minha carruagem novamente no teu regresso, e aí sim, eu teria coragem para dizer-te tudo. O teu «Até logo» prometia-o. Mas tu nunca voltaste.

Volta

Volta, peço-te. «Volta para mim»: essas palavras que tanto ridicularizei, de mim para mim, durante a adolescência, na qual me tentei fazer homem, fosse isso aquilo que fosse. Nem sei bem o que te peço: que abras a porta desta casa vazia, onde percorro, assombrado, os espectros dos dias? Não sabes onde estou agora. Mas, sobretudo, não me reconhecerias, se voltasses. A tua partida deixou um rasto, como se involuntariamente tivesses prendido a ti um fio da camisola que visto e a que chamo *eu* e cada passo que dás em direção outra que não até mim me desfaz um pouco mais, me deixa um pouco mais descoberto, mais frio, mais desaconchegado. Volta *para mim* — como se tivesses a capacidade de regressar ao lugar dentro de mim de onde saíste, e onde entraste tão de mansinho, tão subtilmente, sem pedir licença mas com uma delicadeza assertiva, pé ante pé, braço por braço, o teu corpo inteiro instalado aqui dentro. Digo-te, porém, que nunca saíste, nem tens o poder de me atravessar quando queiras, de cá para lá ou de lá para cá. Nunca saíste, nunca saíste. Mas agora volta; ordeno-te, peço-te, suplico-te, testando variações

de autoridade, sabendo que nenhuma delas tem de facto o poder de te trazer de volta. Para onde foi a minha integridade? Como cai a minha máscara, pela falta de te ter por perto! Não, podias estar aí na mesma, onde quer que estejas agora, desde que houvesse em ti essa abertura para mim, esse fio que nos unia, que abria um buraco com o teu nome em mim e um buraco com o meu nome em ti. Uma anilha, se a tivéssemos chegado a usar, com o nosso nome dentro; uma aliança à laia desse fio que nos prendia, que se prendesse a nós pelo dedo. Como o achei ridículo e como desespero agora, pensando se isso teria sido o suficiente para te prender aqui, ao meu lado, toda tu pronta para me acolher, e perdoa-me se em mim nasce um desejo físico também, de que voltes a deixar-me entrar dentro de ti, quando o digo desta forma. Volta. Ou vai, mas deixa-me um recado, um sinal de que, um dia, voltas. Mesmo que eu esperasse por ti até ao fim dos meus dias; mesmo que a minha vida se abreviasse pela agonia da espera, não havia este cabo interrompido, este estar aqui a escrever-te sabendo que nunca lerás isto que escrevo; sem esperar o retorno desta missiva na volta do correio. Volta, peço-te. Para mim, por mim; mas também por ti, para ti; não partas tão depressa. Nunca se sabe: de que é que te vais arrepender de não ter feito comigo? Volta. Anda, vamos dar mais uma volta. Vamos passear de braço dado, e deixar-nos rodear por coisas, ora estranhas a nós, cumprindo papéis de figurante, ora capazes

de alçar a perna para dentro da nossa cerca, cativar-nos por uns instantes, para logo serem amassadas por um pequeno riso, um comentário besta, devolvendo essa coisa ao mundo mastigada pela nossa alienação. Quando passeávamos, à nossa volta criava-se essa redoma, construída com a matéria sólida de que é feita a paixão, que nos permitia mover as pernas e os braços sem tocar a realidade, sempre enlevados nesse corpo sólido e único, não obstante ser frágil e divisível em dois, como bem o demonstras agora. Quando a volta era de carro, era dupla essa proteção: uma bolha ambulante, auto-móvel, dentro da qual nós viajávamos para ter um pretexto para nos virarmos para dentro um do outro, para nos descobrirmos um ao outro por contraste com o mundo que íamos descortinando em nossa volta. Quero essa redoma de volta. Preciso dessa bolha que me envolva, me proteja, e me deixe ser eu em segurança. Se não ma dás tu, não sei onde procurá-la.

— Uma viagem de ida e volta, por favor.

Peguei nos papéis que acabámos de assinar e trouxe-os comigo. Não sei o que lhes fazer, mas tenho a sensação de que a qualquer momento posso precisar deles. Arrasto-os. São eles a única prova de que um dia me prometeste — lembras-te? Tu prometeste. Mas se um papel diz «prometo», o outro diz «quebro a promessa». São meras

palavras, mas são palavras que fazem coisas, que decidem vidas, que determinam ou comprovam ou predizem ao lado de quem nos deitamos e acordamos. Palavras; uma fórmula repetida, em letra de máquina, atestada por outras palavras: o nosso nome escrito pelo nosso punho. E assim se comprova, se atesta. Se houvesse uma falha na caneta no dia em que quebrámos a promessa, se o papel se rasgasse com a pressão da pequena esfera na ponta da caneta/espada, se num acesso de amnésia inesperada te esquecesses do teu próprio nome, manterias a promessa? Se eu carregar estes papéis comigo, juntos um do outro, eles chegarão a um acordo entre si, enquanto os passeio no bolso, aconchegados e seguros? Quem sabe, é isso que espero desta viagem. Se não na ida, talvez na volta.

Revolta

Aconteceu, finalmente. Libertei-me dele. A expressão pode parecer excessiva, mas de facto é exatamente assim que me sinto: livre, solta — e eu. É engraçado como me sinto muito mais eu. Como se desfiasse um fio de Ariadne ao contrário: a cada passo vou soltando esse fio que me prendia a ele, e vou assim desfazendo a camisa de forças com que o seu afeto possessivo me prendia. Vou ficando mais livre, mais solta, mais nua, sim também — de novo, mais eu. Mais próxima do meu centro, do meu âmagô, da minha essência; de como eu mesma, quando entrei neste mundo — talvez até da razão pela qual vim ao mundo. Não menosprezo o tempo que passámos juntos; muito pelo contrário. Foi absolutamente necessário, até para me descobrir — a metáfora do desnudar, de novo: *descobrir* no sentido de destapar, deixar de cobrir. Ou simplesmente para me construir, em conjunto com ele, em sinergia. Sim, noto que é a partir do outro que nos construímos a nós mesmos, e quanto mais intimidade conseguimos atingir com o outro, mais intenso e proveitoso é esse labor de construção. Mas às vezes é preciso que aconteça isto, que haja depois uma espécie

de grito do Ipiranga; como se nos edificássemos, sobretudo, na revolta. São pequenas adolescências re-encenadas, estes fins: precisamos daquela base para nos construirmos, mas só nos levantamos, erigimos, edificamos de verdade na revolta. Lembro-me de um dia, sentada numa praça em Lisboa, observar uma adolescente enfrentando os seus pais e de pensar que ali estava um *eu* a rebentar pelas costuras, exatamente neste processo de revolta que nos constitui como seres únicos. Talvez eu mesma fosse pouco mais do que adolescente nessa altura, começando a querer escrever, observando primeiro aquilo que me rodeava, agarrando aquilo que tinha em volta — quieta, atenta. Tanta coisa se passou comigo, tanta coisa passou por mim, tanta coisa se passou em mim, até chegar aqui. Tento lembrar-me se já namorava com V. nesse dia e não consigo precisar, mas lembro-me bem de que naquela mesa estava sozinha — e o quanto isso me sabia bem. Sim, é no regresso, neste regresso a mim mesma, que me sinto erguer de novo.

Olho para a casa vazia e apetece-me simplesmente ficar, não ir a lado nenhum. Reconhecer todos os cantos, sem ele. Deixar que as memórias dos momentos em que ele aqui esteve se encaixem, ao lado dos livros, nas estantes, como histórias de tempos passados que já foram. Que um dia podemos recontar e depois, de novo, encerrar num paralelepípedo fechado, arrumado na prateleira, que só mesmo os nossos dedos voluntários (ou um

violento tremor de terra que tudo abale) podem voltar a abrir. Até a cama me parece ter outro encanto. Os lençóis onde ele nunca esteve, onde não voltará a estar, onde não se roçará em mim. Nenhuma das pequenas rugas brancas deste tecido feitas por nenhum corpo que não o meu. Onde me entrego a mim mesma; e com que doçura me apetece fazê-lo neste momento, simplesmente por me saber, de novo, só. Vou dormir. Não, estou demasiado enleada por este momento para simplesmente dormir. Desejo o meu próprio corpo, tocá-lo para trazê-lo de volta a mim, lembrar que não preciso de ter ninguém ao lado para me amar. E depois, sim, dormir, abraçada a mim. Apreciando esta liberdade, esta segurança. Nada nem ninguém vai incomodar o meu sossego, a minha serenidade. A minha paz será a minha paz; se houver desassossego ele será meu também.

E que bem que dormi, como não dormia há meses. Assim que me levanto vejo os papéis do divórcio, que pousei ontem por cima da mesa de jantar e sobre os quais nunca mais pensei. Para que servem, afinal? Hoje em dia, se forem precisas provas, há-as em toda a parte, espalhadas numa nuvem. Passo por eles, dirijo-me ao banho, volto do banho, eles ainda ali estão. Não consigo pensar num lugar da casa onde os quisesse ter. Não consigo imaginar uma situação em que os queira rever. Mas colocá-los simplesmente no lixo parece-me um gesto muito

pequeno, mesquinho, para o tamanho e importância que eles têm. Talvez um ritual fosse indicado. Mas nada de fogo, isso seria demasiado apoteótico. Não, nada de proto-esotérico; nada de enterros, nada que seja demasiado simbólico. Não desejo enterrar, não desejo esquecer, não odeio nem desejo odiar. Desejo apenas seguir em frente, ultrapassar, sem guardar vestígios deste pesado lastro.

A ideia vem-me no final do café, e prontamente faço um telefonema. «— Há quanto tempo não nos falamos?! Sim, estou bem, estou muito bem. Combinamos, esta semana, ainda? Não vamos adiar mais nenhuma vez. Tenho um pedido para te fazer; e acho que vais gostar.» Falo com uma amiga querida, com a qual tinha perdido o contacto. Esqueci-me por que razão. Com certeza por causa da bolha que eu e o V. construímos à nossa volta, ou por qualquer outra razão tonta que já esqueci. Às vezes lembrava-me dela — e sobretudo nunca me esqueci de uma coisa que me disse no nosso casamento. Olhou-me no fundo dos olhos e perguntou muito diretamente: «Estás bem? Queres mesmo isto? Se quiseres fugir, eu ajudo-te a fugir.» Eu não queria fugir, estava ali de livre vontade, firme e resoluta. Mas, longe de me indignar com a sugestão, fiquei emocionada com a abertura que ela demonstrava, com a sua lealdade a mim, à nossa amizade, e à liberdade que sempre caracterizou os nossos encontros até aí — como nas várias viagens que fizemos nos longos verões do início da idade adulta. A mim sempre me

interessaram mais os aviões, o pulo para o longe usando a total desobstrução da atmosfera; a ela, o asfalto quente e o carro no limite da velocidade. O limite da capacidade do carro, claro; a legalidade era um artifício sem sentido naquele contexto, ou indicava apenas o ponto a partir do qual estávamos para lá da linha de transgressão — o lugar ao qual nos dirigíamos, portanto.

O plano era simples e foi posto em marcha logo no dia seguinte ao nosso encontro, que se tornou breve quando lhe contei em poucas palavras o que tinha acontecido e lhe propus aquilo que tinha imaginado: rasgar os papéis do casamento e do divórcio juntos e lançá-los a um qualquer abismo. Eu tinha dificuldade em encontrar um destino ideal para esse propósito — a ideia de os lançar não num lugar que pudesse ficar marcado por aquele gesto, mas sim em pleno caminho, foi dela.

O carro seguia por ali fora, nós com as janelas abertas tanto quanto conseguíamos; os cabelos a esvoaçar para cima da cara, uma sensação de perigo iminente que não era totalmente desagradável. Era difícil de explicar, e a última coisa que queríamos nesse momento era compreender o que quer que fosse, aceder à razão. Seguíamos, velozes, com intensidade à flor da pele.

Abri então a mala e retirei os papéis guardados até aí, uns mais amarelados do que os outros. Ríamos, nervosas. Eu sentia pressa, ou a vivência extrema daquela velocidade imprimia uma sensação de urgência ao momento.

Rasguei os papéis todos de uma só vez — pela sua espessura ofereciam, naturalmente, resistência, mas eu aplicava toda a minha energia em cada gesto decidido. E, mais uma vez num só gesto resoluto, atirei-os todos pela janela fora, de um jato. Virei a cabeça para trás completamente, retornando de repente ao tempo em que era miúda e acenava aos passageiros dos carros de trás. Observava como depressa os papéis se espalhavam, cada pedacinho para seu lado, numa dança errática e bela. Vistos assim, eram apenas papéis, brancos, sem nada escrito. Papéis em total liberdade.

Mesmo depois de me virar para a frente e fechar um pouco a janela, restabelecendo um clima de calma depois da urgência daquele ritual, fiquei a espreitá-los pelo retrovisor até já não os conseguir ver mais. Que bela dança faziam, oscilando com o vento, levantando-se à passagem de cada carro, tentando pousar de novo, sendo agitados mais uma vez. Como um bando de pássaros brancos debicando sementes recém-lançadas. Ou uma companhia de dança contemporânea em exercícios de aquecimento individuais. Carro após carro levantava-os e pisava-os intermitentemente. Algures naqueles pedaços, eu sabia, estavam nomes, moradas, assinaturas. Depois da primeira chuva seriam nada; até lá, seriam pássaros, seres animados pelo vento ou desanimados pela velocidade de um carro, e já não coisas que carregam mensagens que atam e desatam como se fossem cordas.

Já não papéis que ditam ao lado de quem nos deitamos,
ou não. Pequenos estilhaços de luz, em plena liberdade.

Praça das Flores

Sento-me na esplanada da Praça das Flores, e tenho a impressão de que tudo isto é grande. Sento-me e aprecio, e absorvo, e observo a sua grandeza; sem ter meios, ainda, para a poder filtrar e devolver para fora.

É grande a vista da janela da casa de banho do café, de onde vejo a fachada de um edifício envelhecido sob a camada de azulejos brilhantes e bem desenhados que lhe sustentam a dignidade. Seguram-no, impedem a expansão da velhice que o edifício vai manifestando, contêm-na como um espartilho.

À frente desta fachada, está estacionada uma carrinha pão-de-forma, reluzente também, no seu branco e vermelho orgulhosos. Tudo isto é para mim grande, numa espécie de distorção míope, quando olhado através desta distância que é ao mesmo tempo intimidade: a janela de um quarto de banho, nas traseiras de um café em rés-do-chão.

É grande a conversa dos jovens que pegam no jornal, e falam sobre quem escreve, como se escrevessem. Trocam palavras, espalham cadernos e folhas sobre a mesa. Algumas caem, extravasam do quadrado a que as

submetem, atiram-se para o mundo. Querem-se grandes.

É grande o olhar que eles voltam para trás, atentos e mordazes, quando o sem-abrigo grita à porta do café. Ele barafusta, vocifera, bate com o pé. Guardo a minha calma e abro bem os olhos para que entre mais esta coisa grande. A empregada do café sai, solícita e sorridente, e fala com o homem que grita. Oferece-lhe um café, oferece-lhe uma mesa, mas o homem só quer gritar, e é isso que ele faz; grita com ela e ela mantém-se forte. É grande a força dela.

O homem afasta-se e é-me servida uma fatia de *cheesecake*. Aprecio a monstruosidade desta fatia, o exagero enjoativo do queijo, a desadequação da massa, feita com não-sei-o-quê em vez de bolacha, e trago à minha memória, ao cimo desta mesa de café, todas as *cheesecake* que já comi, e saboreio-as a todas juntamente com esta, por comparação a esta.

É grande esta mesa onde cabem todas as fatias que já comi. A empregada do café volta a sair pela porta para servir a esplanada, e olha para o sítio por onde desapareceu o homem que gritava. Já ninguém se lembraria dele, mas para ela, que se encostou a ele e lhe ofereceu café e um sorriso, ele era demasiado grande para poder ter desaparecido por aquela nesga de casas e de rua.

Uma adolescente chega, acompanhada pela mãe, uma jovem a rebentar de si mesma. A mãe pergunta qualquer coisa e ela diz «Não vou», não por outra razão

senão para aprender a dizer não. São tantos não que estão presos dentro desta adolescente, que lhe saem pelas costuras, pelos *piercings* do nariz, como que num contínuo movimento de expansão para fora de si, que a torna grande, cada vez maior. Enquanto diz que não vai ali ao lado ensaia-se para dizer não a todas as coisas que não são ela-mesma e libertar-se dessa casca imensa que lhe sobra de estar a crescer, da qual já não precisará quando terminar o seu esforço de ir crescendo, de se ir tornando grande. Esse ter de dizer não causa-lhe um estranho esgar que dará lugar, quando já não houver ninguém a quem dizer que não, a sinceros sorrisos. Tudo isso é grande; é grande o que agora lhe sobra, e será grande o que ficar dentro dela. Não há movimento maior do que aquele que fazemos dentro de nós mesmos.

No jardim caminha alguém a passear um cão estranho, desenhado a espátula, um *bibelot* de levar à rua, cuja cauda enrolada me intriga, me prende o olhar, e me apetece tocar, como se isso fosse essencial para dar por completa a minha experiência da realidade.

Passa um pai a falar ao telefone acompanhado por duas filhas pequenas, vestidas de igual, talvez com uns dois e quatro anos apenas. A que lhe é mais parecida agarra-se-lhe a uma perna, e o pai arrasta-a suavemente, a cada passo que dá, completamente desatento, enquanto aquela que é um pedaço do futuro dele se lhe apega, o agarra com ganas de comer e incorporar, abraça-lhe

a perna como quem jura eterno amor e cumplicidade. Ocorre-me que este expandiu tanto que saiu de si mesmo.

Tudo isto é grande, e também a rapariga que apareceu entretanto agarrando uma toalha ao peito, com carinho, acariciando o que acolhia, que, depois da toalha lhe desvelar a pequenina cabeça, me pareceu ser um pequeno esquilo, ou talvez um porquinho-da-Índia, mas não prestei atenção. Por isso admito que este pequeno animal também poderia ter sido grande. Ele, e todas as outras coisas às quais não prestei atenção para poder pousar os olhos neste caderno e escrevê-las. Podiam também elas ser para mim grandes, ou podiam todas elas desaparecer; só o tempo o diria.

O miúdo salta à corda, o casal de turistas acaba de levantar-se, a empregada de mesa, que me parece estranhamente familiar, como se fosse a actriz de um filme a que tivesse acabado de assistir, levou-me o prato de *cheesecake*. O caderno acabou — era pequeno demais para tudo isto. Terminou com ele a viagem, que fiz sentada numa esplanada como se me sentasse num comboio, observando a paisagem que passa.

Perpétuo movimento

Sento-me à espera não sei bem do quê neste banco de jardim e penso: tudo está em movimento. A Terra gira em torno do Sol. A Lua gira em torno da terra. As marés seguem os ritmos da lua. As chuvas mantêm a água em permanente movimento. Mais de metade do nosso corpo é água, que todos os dias renovamos (ingerimos, despejamos). Cada célula do nosso ser está a desenvolver-se. Até certo ponto, para a maturidade; depois disso, para a caducidade. A nossa existência é mantida pelo facto de estarmos sempre em movimento. O ar a entrar, a circular, a sair; o coração a bombear os fluidos que não têm um lugar de repouso, apenas vasos circulantes. Se pararmos, deixamos de existir tal como somos. Mas nem por um segundo o nosso corpo pára depois disso: inicia ali mesmo o seu lento processo de decomposição, a caminho de ser outra coisa que não aquilo a que chamamos *eu*. Algo em que não mexemos há muito tempo está, com toda a probabilidade, a solidificar-se, ou a desmoronar-se. Mesmo um objeto ou uma relação estável; todos os dias está a fazer um ou outro processo, às vezes em sequências mais longas, às vezes oscilando rapidamente entre uma

coisa e outra. Tudo o que está parado está a ganhar pó. Se vivermos sempre na mesma cidade, todos os dias estamos cada vez mais enraizados nela. Quem viveu sempre na mesma cidade sabe bem que nem sempre ela foi a mesma cidade; nenhuma cidade se mantém estática ou imóvel; quanto mais não seja, porque certas pessoas lá se mantêm ou dela se deslocam. Porque as casas de que ela é feita se solidificam, renovam, expandem ou desmoronam. Se voltarmos periodicamente à mesma cidade (a cada ano, a cada década) isto é ainda mais nítido do que para as pessoas que lá viveram sempre, e que portanto acompanharam esta evolução. Nunca um amigo que revemos é exatamente o mesmo quando o reencontramos. Psicologicamente, biologicamente. Marta soube ontem que a mãe sofre de uma doença degenerativa; não mais será a mesma. Steven deixou cair o martelo em cima do pé, a unha do dedo grande vai acabar por cair e não mais será o mesmo. A filha da Bárbara já nasceu; a Bárbara nunca mais será a mesma. António comeu duas torradas com manteiga pela tarde, pela milionésima vez. Um hábito que todos os dias o deixa 2,3 gr mais pesado. Madame Almeida deixa cair com gosto mais uma moeda no mealheiro para as viagens. O verão está quase a chegar. Todos os anos damos mais uma volta em torno do sol, dizem. O que sentimos é que todos os anos avançamos um pouco mais nessa recta que nos leva a um fim. Não parece ser circular este percurso (a não ser para os que

acreditam na reencarnação); parece-nos uma linha uniforme, à qual estamos pregados, que percorremos quer queiramos ou não, com um princípio absolutamente rigoroso, com dia e hora definida, um meio estimado e um fim sempre imprevisto. Pelo meio dessa recta fazemos todo o tipo de voltas, de piruetas, de artimanhas, de improvisos. Qual a rota que mais importa? Aquela que nos prende ao chão, e nos leva inexoravelmente para um fim? Ou as voltas que fazemos pelo caminho?

Todos os anos no mesmo dia, dois amigos encontram-se no mesmo banco de um parque urbano. A ilusão do retorno: na verdade, nem a sua relação é a mesma ano após ano, nem os bancos estão exatamente no mesmo lugar. São cuidadosamente reposicionados por funcionários da autarquia consoante as estações: no inverno ao sol, no verão à sombra. Apesar de serem objetos inertes, são movidos por seres humanos para melhor se adaptarem à mudança dos tempos. Quando os voltam a colocar na posição de verão, naturalmente nunca acertam no mesmo sítio com rigor. Entretanto, as plantas em volta cresceram ou morreram; não há referências fixas. Voltando todos os anos apenas no verão, os dois amigos nunca repararam nessa pequena discrepância. Mas há sempre algo ligeiramente diferente em cada encontro. «Para que tudo fique na mesma, é preciso que tudo mude», escrevia Lampedusa. E assim se fez uma revolução para manter a ordem das coisas. Se nada mudasse, nada continuaria

igual. E, por isso, movemo-nos. Pela razão contrária, movemo-nos. Por todas as razões, movemo-nos. De todas as maneiras, movemo-nos.

Uma equação possível: certo comboio pesa cerca de 300 toneladas. Carrega até 300 pessoas, a uma velocidade de até 110 km/h. É movido a energia elétrica; precisa de cerca de 180 kWh para se mover por 1000 km. Uma bicicleta pesa cerca de 13 kg. Transporta uma pessoa a uma velocidade de até 30 km/h. É movida a energia humana (consome, portanto, energia provinda de alimentos ingeridos pela própria pessoa que é transportada). Um carro pesa cerca de 1500 kg. É muitas vezes movido a combustível fóssil. Transporta até cinco pessoas (mas durante 40% do tempo transporta apenas uma). Move-se a até 120 km por hora. Para movermos o nosso peso, quantos quilos se têm de mover connosco? É esse peso que nos transporta ou somos nós que o transportamos? Movemo-nos, ou somos movidos?

Levanto-me, começo a caminhar, e paro de pensar sobre movimento.

Carruagem 23, lugar 57

Quando chego ao meu lugar no comboio, encontro vestígios do passageiro anterior. Sobre ele (ela?) não sei nada, apenas que aqui esteve, que entrou algures no início do trajeto e saiu antes de mim. Talvez tenha saído em Coimbra, onde entrei; talvez antes. Olho em volta: todas as pessoas que aqui estão já instaladas sabem algo sobre esta pessoa, pois acompanharam-na na viagem até aqui. Procuo nos olhares delas para comigo alguma pista sobre como ele ou ela era. Se fosse alguém que lhes causasse algum tipo de repulsa, acolher-me-iam com um olhar aliviado? Se, pelo contrário, fosse alguém atraente, daquelas pessoas que se tornam centros de magnetismo, olhariam para mim com severidade, como se tivesse sido eu a expulsá-la?

No lugar onde me sento há algumas pistas materiais, palpáveis, se o pejo em tocar objetos há pouco tocados por um desconhecido o permitir. Ainda são alguns; um pacote de lenços vazio, um jornal desgastado. Os cantos revirados como bigodes por dedos insistentes, porventura sebosos ou suados. Um papel amarfanhado de onde sobressai a palavra *Volta*; o resto, não consigo ler, pois

há uma pinga de pudor que me impede de o desembrolhar — mas parece-me à partida ser de uma pieguice de todo o tamanho. Remeto-me para o que disse Pessoa sobre todas as cartas de amor serem ridículas. Um desgosto de amor, ao que parece, ou como efabulo.

Há sempre uma relação que se cria com estes desconhecidos que nos acompanham em cada viagem, na nossa carruagem. São, por vezes, horas passadas ao lado, ou pelo menos na presença, de outros seres humanos. Às vezes chega a haver uma troca de palavras. Para mim, honestamente, isso é o menos interessante. Prefiro manter-me calado durante toda a viagem; sinto-me sempre ligeiramente invadido quando me abordam. Mas não deixo de perscrutar os outros, com o olhar, com a imaginação. Há tantas vidas aqui dentro, tantas histórias. E, ainda mais interessante, desta vez sinto-o também em relação a quem já cá não está mas que aqui se terá sentado antes de mim. Quem seria?

O fulano que escrevia com ar amargurado acabou por amassar o papel e deixá-lo para trás. Quis apanhá-lo para o ler pois a minha curiosidade era forte, mas o pudor impediu-me de ser mais rápida e, logo de seguida, na mesma estação, sentou-se um outro tipo. Olhou para os papéis com algum nojo; só mais tarde se decidiu a fo-

lhear o jornal, usando apenas as pontas dos dedos. Que tipo de agonia seria a daquele homem? Olho para este outro que se sentou no seu lugar; imaginará ele a dor que sentia aquele ser que ainda agora pesava sobre aquele assento? Este é mais bonito, mais jovem; mas não consigo esquecer o anterior, mais intrigante. Quando olho para este — má ideia, ele olhou de volta e agora desvio o olhar com cara de tola — é ao outro que procuro.

Juro que pensei por momentos que o podia, de alguma forma, consolar.

O indivíduo do lugar 57 ainda não mostrou o bilhete. Não me posso esquecer de voltar atrás para lho pedir. Apalpava os bolsos com tanta aflição, coitado; estaria a fingir? Sim, talvez fosse dos que tentam a sua sorte sem bilhete. Nunca deixam de fingir que não o encontram ou que o perderam. Não me apetecia nada ter essa chaticice hoje, é sempre tão incómodo esse teatrinho. Pronto, volto atrás só depois da próxima estação; se for esperto, sai entretanto.

É uma viagem longa e eu não trouxe nenhum livro, nem uma revista, nem um caderno, nem um mísero papel

para me entreter. Muita pena, porque este é um momento tão prenhe de histórias. Cada uma destas pessoas que aqui está tem uma vida, um passado, os seus anseios particulares, e, não menos importante, uma visão para o futuro. Todos estão a caminho de alguma coisa, todos vão na mesma direcção, muitos sairão na mesma estação, e, no entanto, nenhum está a ir para o mesmo lugar. Não seria má ideia desenhar todos estes rostos e colocar em cima uma tabuleta com o seu destino individual: «Semana da praxe», «Visita aos netos», «Reunião com novo cliente», «Aeroporto internacional». Depois podia-se expandir essa ideia, usando um *close-up* individual. «Acordou às 11h40, de ressaca, e nem tomou pequeno-almoço antes de aqui entrar». «Nesta mala vai uma dúzia de pastéis de bacalhau já fritos, não vá o filho não ter o que comer para o jantar». «Passou a viagem toda a fazer pequenas correcções ao PowerPoint (mas vai acabar por fazer a apresentação toda com a braguilha aberta)». «Claro que vai achar giro contar as suas aventuras, mas bom, bom, vai ser voltar a dormir na sua própria cama».

Toda uma sociedade completa aqui dentro. Não é má ideia, mesmo que não seja genial. Mas é claro que só a estou a ter (ou a achar que até era boa) porque não tenho um raio de um papel onde a anotar... Ah! Alguém deixou um jornal e um papel amassado naquele banco ali à frente. Mas terei coragem de os ir buscar? Demasiado riscado, o papel; com um ar um pouco seboso, o jornal.

Melhor não.

Tenho a certeza de que ele também reparou em mim. Não é possível que não; embora estejamos um pouco longe, conseguimos ver-nos perfeitamente. Que coisa esta, de nos sentirmos atraídos por alguém apenas por vê-lo. Onde será que ele vai sair? Não tenho coragem para lhe falar, mas não me perdoaria se ele saísse já de seguida sem sequer ter tentado.

Sim, vamos lá. Que tenho eu a perder? Levanto-me, passo por um homem que se assoa, assustando-me; tanto pelo som como por me remeter, sem eu saber dizer bem porquê, a desgostos passados. Mas vamos, coragem. Vou-me agarrando aos bancos, fingindo um ar muito resoluto em direção ao bar. Quando passo por ele sorrio, abaixo-me um pouco. A verdade é que não sei o que lhe dizer. Penso em deixar-lhe o meu número de telefone, para falarmos depois, mais tarde, de forma mais reservada. Agora, de frente para ele, sinto ainda mais intensamente a febre de saber que este momento é irrepetível. Estamos os dois em viagem, nenhum de nós vai voltar ali, nunca mais vou ver esta pessoa. Mas, raios, não tenho nem um pedacinho de papel comigo! Não pensei nisto bem. Trouxe uma caneta, nenhum papel. Faça-lhe o gesto de escrever com a caneta na mão,

ele encolhe os ombros; ou não percebeu ou não tem um papel também. Tanto melhor. Reúno coragem, ou loucura, escrevo-lhe no braço: Aida 919095327.

Depois, sozinha no bar, contente comigo mesma pelo sucesso desta missão, ocorre-me como um choque: por mais coragem que eu tenha tido, falta uma parte essencial — ele ligar.

— Desculpe, menina? Achei tão bonito que estivesse assim, a dormir em cima do livro aberto, que lhe tirei uma fotografia. Importa-se? Se quiser, eu envio-lha.

Acordo assim, com um estranho que me capturou durante o sono. Não sei se me devia sentir lisonjeada ou invadida, mas a sensação é a de ter sido roubada durante um momento vulnerável. Tento não ser rezingona, penso que estava com a cara enfiada na mesa e nos cotovelos, de braços, portanto será apenas uma fotografia do meu cocuruto. Decido não me incomodar, mas mantenho-me desperta. De repente, penso que nenhuma destas pessoas que me rodeiam me protegeu. Cada uma delas na sua vida. E, no entanto, aqui, a tão curta distância de mim. Sim, melhor manter-me atenta. Quem serão estas pessoas? O que sei eu sobre cada uma delas? Nada. Um assoa-se, outros riem. No entanto estamos todos aqui, respiramos todos o mesmo ar dentro desta carruagem.

Partilhamos um mesmo destino. Mas somos diversos o suficiente para formar toda uma sociedade possível, com suas hierarquias, suas ligações, amizades e desenganos. Olha só que curiosos um com o outro, aqueles dois. É giro como criamos amizades, paixonetas, ou inimizades forçadas, nos limites desta viagem, apenas com o olhar.

Abro a sandes mista que trouxe para a viagem, e de repente sinto-me observado pela rapariga que viaja do outro lado do corredor, com uma mala no colo. Será proibido comer aqui? Ouço um pequeno espirro vindo desse lado, mas ela não se mexeu um milímetro sequer. Volto o meu olhar para ela: de volta, dois olhos e duas orelhas aguçadas observam-me com toda a atenção. A rapariga trazia um cão minúsculo dentro da mala, que obviamente sentiu o cheiro do fiambre e deve ter despertado com isso. Cruzo olhares com ela, rimo-nos, ambos algo constrangidos. Acabo a sandes o mais depressa que consigo, amasso bem o papel, olho para baixo em direção ao pequenino caixote do lixo individual. Olha, está um botão perdido ali no chão. De onde virá? Vai ser difícil perceber; tanta gente aqui, e tanta gente que já terá passado neste comboio hoje. Que coisa mais triste, um botão perdido, longe da sua casa.

Alguém fala ao telefone dentro do comboio. Do outro lado, alguém viaja de carro. Entretêm-se um ao outro, viajam juntos. A geografia está dessincronizada; a empatia, em sincronia perfeita. Nenhum dos dois está sozinho, e isso não tem nada que ver com a quantidade de gente que rodeia cada um deles. Conversam com notória intimidade, fazendo aqui e ali uma pausa para descrever algo que vêem na viagem e que acham que o outro gostaria de ver também.

Do lado de fora, alguém corre num passadiço de madeira que serpenteia pelas dunas, ao longo da linha de comboio. Ambos se contemplam; que bonito é sentir passar o comboio rápido enquanto se corre; que bonito é acompanhar por momentos a corrida de alguém enquanto o comboio passa em frente ao mar.

Do outro lado do telefone, à chegada, cães correm atrás do carro que reconhecem, envolvendo-o, acolhendo-o. Chegou a casa. Dentro do comboio, os cães latem com um ruído metálico. Chegou a hora da despedida. Ambos regressam ao lugar onde pousa o seu corpo.

A meio da carruagem um homem funga e, mais à frente, uma mulher chora, envolta por uma massa de desco-

nhecidos que obviamente não lhe são insensíveis, mas fingem-no bem, ou uns melhor do que outros. É uma desconhecida, não cabe a nenhum de nós consolá-la. Talvez mesmo por isso ela se permita chorar, sabendo que não precisa de prestar contas destas lágrimas a ninguém. Mas que é difícil não sentir alguma empatia, é. Se fosse um riso, teria o mesmo efeito. As emoções são muito contagiosas; sobretudo em espaços fechados.

Tento distrair-me de me envolver nas agruras da vida destas pessoas colocando os auriculares. A música está alta, não resisto a trautear o refrão, movimentando a boca, sem fazer nenhum som, ou assim o espero. «Não sou eu quem me navega; quem me navega é o mar. É ele quem me carrega, como se fosse levar.» Distraio-me para não olhar fixamente para este homem de olhos lacrimejantes; já sei como os olhares são magnéticos e que, se o olhasse, ele olharia de volta deixando-me sem saber o que fazer.

E, chegados a Coimbra, ele simplesmente levanta-se e sai. Como se nunca tivesse chorado, como se não tivesse discretamente deixado toda a carruagem em alvoroço interior, como se não deixasse para trás aqueles objetos seus, como se nada daquilo lhe pertencesse nem ele nos devesse nada. Como um homem e uma mulher

que acabam de dançar um *chorinho* alegre bem juntos e, mal a música termina, se afastam como se não se conhecessem, como se entre eles não se tivesse criado naqueles momentos uma forte intimidade. Levanta-se, e sai de cena.

«— Precisas de falar?»

(As lágrimas pediam-no.)

«— Estás bem? Precisas de ajuda?»

Falar, ouvir, um abraço; tinha o mundo para oferecer a esta alma sentada à minha frente, cujo corpo não via, mas ouvia. Um abraço: a sua solidão implorava-o; este banco à frente do meu, do qual só sentia o frio do plástico, chorava. E eu, no fundo sentindo-me impotente, ia imaginando diálogos cheios de poder redentor.

Inclinei-me um pouco para a frente, pousei a cabeça no topo do assento. Os nossos corpos estavam em contacto, unidos numa mesma mancha, uma massa de polímeros e suor. Sentiria ela este abraço? O comboio balouçava e, a contratempo, ouvia a sua respiração cansada. Mas agora já sem choro, sem lágrimas; «... sentiu-me, eu sei que sim, sinto-o.»

Passsei o resto da viagem a tentar desvendar o rosto desta madalena que me apareceu a caminho de Lisboa. O seu tronco estava totalmente encoberto, envolvido pelo

banco do comboio. Do lado direito, o da janela, pendiam alguns caracóis negros, humedecidos por se colarem ao vidro embaciado (choveu, enquanto chorava). Os pés assentavam nervosos no chão; vi-os descair em abandono para um lado; a cabeça, totalmente envolta nos largos caracóis negros, pendia para o lado oposto, encostada contra a vidraça, contra Coimbra e o rio molhado, susana chorava outra vez. «Queres...» «Precisas...» «... ajuda?»

Mas Coimbra era um destino, Catarina desencantada roda o seu rosto inchado, veste um agasalho que a protege da chuva, sai com o peso das malas; deixa-me a mim com as suas lágrimas.

Eu, que pensava que podia fazer parar a chuva.

Fim de linha

Subitamente o comboio pára, a meio do trajeto, numa zona desabitada, sem luzes, sem explicação, e assim fica durante tempo suficiente para gerar uma inquietação geral. Pelos altifalantes, está prestes a ser anunciado o atraso. A mensagem é mecânica, vinda de algum além, transmitida por fios elétricos e ondas sonoras interrompidas por cabos desgastados. O emissor, porém, é um homem de meia-idade, algo preocupado com o jantar que se irá atrasar ainda mais, a fome que já aperta, e os planos para um bagaço a fechar a noite que talvez vão por água abaixo. Retira uma chave do bolso, abre uma portinhola junto à porta da carruagem 23 e pega no telefone que aí se encontra. Segura-o, não como seria de esperar de um telefone, de lado, encostado à cara, mas sim em frente a si, dirigindo-se a ele frontalmente. Com a boca impecavelmente direccionada para o bocal mas com a orelha livre e desatenta — dali não se espera resposta alguma. No momento que lhe parece certo, pressiona o botão do intercomunicador e dá a notícia, de forma tão mecânica quanto lhe é humanamente possível. Haverá um atraso à chegada de cerca de vinte

minutos. Atraso de vinte minutos. O motivo, ninguém o pergunta, pois são poucos os que, de alguns lugares da carruagem 23, conseguem identificar o emissor da missiva. Os que efetivamente o podem ver percebem a preocupação no seu rosto, um semblante cansado, iluminado por luzes artificiais que lhe acentuam as rugas de expressão. Através da porta de vidro não lhe ouvem o queixume baixinho, mas reconhecem-no no seu trejeito de ombros e nos pequenos passos agitados, dentro daquele minúsculo cubículo de entrada e saída, que pelo seu comportamento se assemelha agora a uma gaiola de dimensões humanas.

A luz do dia começava a abrandar, bem de mansinho; subia por detrás das montanhas um certo lusco-fusco, ainda quase imperceptível, e já A., maquinista forçado à reforma, começava a sentir aquela amargura tão específica. Aquele vago sabor metálico na boca, que o obrigava a cerrar os dentes, os pulmões como que mirrados, os ombros encurvados para a frente, fechando o peito, chegando mesmo a apertar. A noite vinha aí. A sacana da noite não demorava a vir. Era curto o alívio que as horas do dia traziam, e quando úteis apenas para recuperar do cansaço acumulado pela noite, mais curtas pareciam. De dia, acabava por conseguir dormir; de noite, essa ideia era um absoluto martírio. Porque, de noite, mal se permitia adormecer, ali estava ele — aque-

le corpo estendido como se numa cama de tábuas, os braços abertos em pose de se dar ao céu.

Ao entrar na carruagem onde viajam os seus passageiros, o revisor cruza o olhar com o sujeito sentado no lugar 57. Encontrando ali um interlocutor de ocasião, não consegue evitar dirigir a ele o seu descontentamento; abana a cabeça em sinal negativo e pesaroso. O passageiro 57/23, IC529 Lisboa Oriente — Porto Campanhã julga compreender tudo. Sim, deve ser isso. Mais um que decidiu atirar-se para a linha de comboio. Teremos de esperar que a ambulância chegue, e meu Deus, que chegue a tempo de salvar o desgraçado ou desgraçada. Se não, como será que fazem? Terão de chamar a polícia também? Nem quero imaginar o cenário, os trâmites necessários; e, depois de tudo, a arrogância do comboio a voltar a passar por aqueles mesmos trilhos. Não, definitivamente não é nisso que o passageiro 57/23 quer pensar.

À sua volta um burburinho instala-se — que não há direito, atrasarem desta maneira — e cada um dos queixumes individuais, expressando as diferentes consequências deste atraso, se acumula em rede, gerando um tecido de lamentações ainda assim ligeiras em comparação com aquilo em que pensa, mesmo sem querer, o passageiro sentado no lugar 57.

Cada uma das mãos em cada um dos carris, a cabeça na direcção do comboio em marcha veloz. Ou um cão aninhado, poderia dizer-se, se se conseguisse perceber aquele tufo de cabelos ao longe. O corpo curto, enganando o olhar, impecavelmente colocado ao longo da trajetória. Um Cristo invertido. Se no famoso quadro de Mantegna os pés ganham destaque, ficando o resto do corpo diminuído pelo efeito da perspectiva, quando vemos o corpo a partir do outro lado desvendamos apenas uma massa de cabelos escuros; de resto, pouco ou nada mais (as roupas escuras também, talvez, não por acaso).

Que maçada, ter de atrapalhar tantas outras vidas para terminar a sua, passou-lhe pela cabeça, e depressa se seguiu a esse pensamento um pesado sentimento de vergonha por poder pensar em pequenos desconfortos, mesmo que numerosos, perante a possibilidade atroz de uma vida que se perde. Agora, a culpa deste pensamento oprime-o ainda mais do que a espera.

Os minutos passam, o comboio mantém-se exatamente no mesmo lugar. As ventoinhas do ar condicionado desligam-se por um momento, causando um certo desconforto, um abafamento tão físico quanto psicológico: o que se passará? Há algo de errado. Algum tempo depois, as luzes da carruagem desligam-se também, por fracções de segundo, apenas o suficiente para causar um novo incómodo geral, que desta vez silencia

o burburinho em vez de o aumentar. Definitivamente, algo não está bem. Mas nenhuma voz maquinal anuncia qualquer alteração. Os minutos sucedem-se agora com um clima de solenidade.

Alto: ouve-se o estalido da abertura dos altifalantes que antecede um novo comunicado: Senhores passageiros, lamentamos informar que o atraso é neste momento de 45 minutos. Atraso de 45 minutos. A mensagem foi, desta vez, enviada a partir da carruagem 21; não há troca de olhares possível para o passageiro 57/23, o que apenas agrava o seu pesar.

Na verdade, poderiam não passar de dois papéis, aquelas mãos: dois pulsos brancos, um em cada um dos carris, com certeza num gesto mil vezes refletido para que não houvesse qualquer desvio em relação ao objetivo. Sim, podiam.

Mas a este comunicado não se sucede a mesma espera carregada de desalento; pelo contrário, sente-se já um ligeiro movimento da carruagem, um subtil deslize que em poucos segundos se transforma numa marcha lenta, antes de retomar a cadência habitual. Talvez não tenha sido a desgraça que imaginei, pensa o passageiro agora confuso; não se pode conceber que em pouco mais de três quartos de hora se resolva um problema tão colossal como o fim de uma vida. «...uma falha técnica», julga

ouvir atrás de si; olha para trás, vê efetivamente o revisor — mas terá sido ele a afirmar isso ou algum passageiro a oferecer um palpite? Bom, adiante. Ao que parece, a viagem prossegue.

Sim — eram. Eram apenas dois papéis brancos, estranhamente colocados pelo acaso lado a lado, em simetria perfeita. Dois papéis amassados, uma carta rabiscada e rasgada em dois, dois de muitos pequenos vestígios de um documento ou um caderno. Dois bilhetes de comboio. O que seja. Voaram assim que o vento provocado pela passagem do comboio os precipitou dali para fora: um para longe, num sopro feliz, outro deslizando para o solo, num pulo sereno.

Nunca chegou a acontecer. Mas podia ter acontecido. E o que podia acontecer é aquilo que mais nos assombra. Que nos impede de seguir viagem.

Pela coluna de um homem passa um calafrio, quando de repente, ao imaginar onde estaria a sua ex-amada naquele exato momento, lhe ocorreu que poderia nunca mais voltar a vê-la.

No espelho, enquanto lava os dentes em preparação para uma noite bem dormida, um adolescente reconhece nas suas sobrancelhas uma forma familiar, paterna, e ocorre-lhe de repente, mas para sempre, a ideia de que também ele envelhecerá.

A poucos metros da casa materna, uma jovem descarta as fotografias da viagem que acaba de fazer, nas quais beija uma rapariga que talvez tenha amado, pensando que assim deixa tudo aquilo para trás. O sentimento é agriçodoce; um alívio e um pesar.

Dois reclusos retornam à instituição que os recolhe. Param por instantes diante daquela porta. Tentam prolongar o dia; respiram mais uma ou duas vezes naquela amostra de liberdade.

Uma equilibrista coloca finalmente o pé no poste que assinala o fim da sua travessia; o dedo grande do pé, primeiro; a pele pressentindo aquela superfície firme antes mesmo de a pisar. Como que em câmara lenta, a

planta do pé desenrolando-se, o peso do corpo sendo suportado por ela, até ao contacto total.

Em algum hospital longínquo, ouve-se um som contínuo.

Uma corda içá-se; algo ou alguém se suspende.

Um cabo solto perdido no mar alto desce lentamente até ao fundo.

Em Paris, uma luz acende-se numa janela, assinalando um lugar de insónia. Uma mulher não consegue deixar de pensar em um botão.

Uma cabeça de mulher envolta em largos caracóis colados a uma húmida vidraça de comboio ergue-se — e suspende temporariamente os seus soluços, pensando que, querendo ou não, a viagem prossegue.

O comboio parte.

| | |
|-------------------------------|-----|
| Partió | 5 |
| Flash | 11 |
| C'est le voyage qui nous fait | 17 |
| Echar de menos | 23 |
| Vento | 31 |
| Thérèse | 39 |
| Aprender a dançar | 49 |
| Louise | 53 |
| Esquecer o corpo | 67 |
| A equilibrista | 73 |
| Comoção | 79 |
| Circum-navegação | 85 |
| Anton | 95 |
| Casa | 107 |
| Santa Maria Maggiore | 117 |
| Vale/Montanha | 131 |
| Aves llanas | 139 |
| Volta | 143 |
| Revolta | 147 |
| Praça das Flores | 155 |
| Perpétuo movimento | 159 |
| Carruagem 23, lugar 57 | 163 |
| Fim de linha | 175 |

